

O KREMLIN DE KAZAN — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

uma lampada de luz frouxa illuminava fracamente o compartimento. Perseguida por um sinistro presentimento, adiantou-se tremendo. Um vulto negro chamou-lhe a atenção... André Gorr estava dependurado d'uma trave. Os gritos da infeliz esposa attrahiram numerosos visinhos; uns desceram o corpo, emquanto que outros corriam a buscar soccorro infelizmente inutil. André estava morto.

Como um Oriental matara-se, a fim de punir com a sua morte o homem a quem não pudera castigar emquanto vivo. O que elle escrevera estava aberto em cima da escrevaninha; muita gente leu e muita outra o soube; não se podia pois abafar este tristissimo caso, embora o governador fosse vinte vezes principe. O povo reclamava justiça prompta. O conde foi demittido, preso por se ter appropriado do dinheiro

dos cofres publicos e compareceu ante um tribunal secreto, na propria cidade em que dias antes tinha sido soberano.

O imperador quizera, dizem, envial-o para as minas, onde tantos exilados, tinham expiado crimes menores; mas a influencia da sua familia era poderosa na cõrte; a maior parte dos membros do tribunal eram seus amigos. Contentaram-se em declarar o réo irrevogavelmente inhabido de desempenhar qualquer função publica... Pena todavia assaz severa para um homem que tinha o titulo de conde, a paixão do luxo e que não possuia um rublo no bolso.

Alexandre commovido pela triste posição da viuva do recebedor decretou que a esta fosse dado o ordenado que o marido recebia.

(Continúa.)

VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO

(TRANSCRIPÇÃO)

(Continuado da folha 12)

NO DIA seguinte Tenreiro foi chamado á presença do baxá, que estava acompanhado de muitos turcos, desembargadores da terra e escrivães; depois dos cumprimentos, o baxá perguntou a Tenreiro, por intermedio d'um lingua turco que fallava italiano, quem era e d'onde vinha; ao que Tenreiro respondeu, dizendo que tinha partido de Ormuz com o embaixador que o governador da India mandára ao Sufi, e que se dirigia para Jerusalem. O baxá perguntou que negocio era o da embaixada, e que lhe disseram que o governador da India mandára fundidores de artilheria ao Sufi, bem como algumas peças promptas. A todas estas perguntas Antonio Tenreiro respondeu que tal não havia, que Sufi tinha morrido e o filho subira ao throno. Com esta nova o baxá e os seus servidores pareceram ficar satisfeitos.

Tenreiro despediu-se do governador e durante alguns dias não saiu da *carvançara*. O baxá mandou-o novamente chamar, fez-lhe varias perguntas e entregou-o depois a um turco, que o levou para sua casa, um magnifico palacio situado junto do campo. N'aquella mesma noite, Antonio Tenreiro foi preso por ordem do baxá, que lhe mandou pôr ferros nos pés e lançar n'uma prisão.

Dias depois o baxá teve noticia de que Abraham, o mais destemido e celebre general que possuia o grã-turco, se dirigia para o Cairo á frente d'um grande exercito. O governador determinou que Antonio Tenreiro fosse levado á presença de Abraham Baxá, e para isso mandou tiral-o da prisão, ordenando a alguns dos seus criados que o acompanhasssem até á presença do general.

Partiram n'aquella mesma noite e caminharão ao longo do Tigres.

Chegando a Arcengifa, villa habitada por christãos jacobitas e arabes, poisaram em casa d'um christão.

Continuaram o caminho e chegaram a Urfa, cidade situada além do Tigres e do Euphrates ¹, junto d'uma serra denominada *Negra*. Urfa é

¹ O Euphrates nasce na parte da Armenia maior chamada Turcomania, do monte Pariades, onde tambem nasce o rio Araxes. Este corre a levante e entra no mar Caspio, e o Euphrates segue ao poente e depois volta ao meio-dia, atravessa o monte Tauro e junta-se com o Tigres. Este nasce em Gurdio, provincia da Armenia maior, segundo Ptolomeu. Os syrios dão o nome de Hide-Hel ao Tigres; Josepho chama-lhe Diglath; e os nomes modernos são muitos, segundo as provincias por onde passa; assim chamam-lhe Hidecel, Derghele, Sir, Set, etc., etc.

habitada por lavradores christãos. Tem um governador, subdito do grã-turco.

Correram treze leguas pela porta e dormiram em Beria, cidade situada junto de Euphrates, para o oriente. É habitada por mouros e christãos, fallando todos o arabe. Passando o Euphrates caminharam pela porta para o poente, umas sete ou oito leguas, passando junto de grandes villas e lugares onde não entraram, e chegaram á cidade de Calepe, situada para a parte do oriente. Dizem ser esta a cidade de Antiochia, muito nomeada pelos primeiros christãos. Tem grande commercio com os venezianos e outros christãos europeus.

Continuaram o caminho e passaram junto da cova dos leões onde o propheta Daniel foi lançado; passaram perto d'uma villa chamada Ames, onde diziam existir um sacerdote de trezentos annos de idade, a quem tinham já caído os dentes e barbas e nascido outras, e que adivinhava muitas coisas, sendo tido em grande veneração.

Chegaram depois á cidade de Amá, muito antiga, habitada por christãos maronitas e gregos; segundo dizem, S. Paulo foi natural d'esta cidade. Caminhando uma jornada para o poente passaram por Balbeche, villa habitada por christãos e mouros, onde ha muitos fructos, bellas aguas e monumentos do tempo dos gentios. Subiram depois uma serra, ao longo d'uma ribeira que n'ella nasce, e tendo andado duas jornadas chegaram á cidade de Damasco, que os mouros chamam Xame. É esta cidade muito grande e notavel, tem bons edificios, está situada para o oriente; é cercada por uma serra, distante uma jornada, e na qual nascem dois rios que o atravessam. Tem grande commercio com os venezianos e outros povos europeus.

Caminhando para o meio-dia por terras asperas e montuosas, chegaram a um rio chamado *Agua de Jacob*, que atravessaram por uma ponte de pedra; e tendo depois andado mais uma legua para o poente, chegaram a uma povoação de mouros, com alguns edificios antigos mui ricos mas destruidos. Disse ali um judeu hespanhol que esta povoação fôra a cidade de Jerichó e que o rio chamado *Agua de Jacob* era o Jordão.

Caminharam mais uma legua e chegaram a Cefete, villa situada n'um alto, e vindo descendo com os edificios para um valle. Os habitantes são mouros, arabes e judeus hespanhoes, gente muito pobre, por ser a terra de pouco trato e que vive de esmolas que de fôra outros judeus

lhes mandam. Dormiram aqui uma noite em casa d'um judeu hespanhol; e vendo os turcos que Antonio Tenreiro fallava com elle, e que se entendiam, lhes lançaram os ferros aos pés. Disseram que aquella villa era a cidade de Galiléa, na Judéa.

Seguindo de Cefete para o sudoeste, chegaram a uma aldeia povoada de mouros arabios, junto da qual está uma ermida feita de pedra e cal, com um espaçoso pateo onde os turcos se apearam e entraram, levando Tenreiro comsigo até uma casa, no meio da qual se viam duas sepulturas cobertas com pannos de seda preta, sepulturas que os mouros tem em grande veneração, e que um turco disse a Tenreiro serem: uma de Arat ¹ e a outra de Hisdros, sogro de Moysés. Dentro da casa havia tambem uma pedra branca como jaspe, onde estavam assignaladas duas pégadas grandes que o turco disse a Tenreiro serem de Moysés.

Chegaram á cidade de Ramala, na Judéa; está junta do mar, e distante d'este, umas tres leguas, encontra-se a povoação em que desembarcam os peregrinos que vão a Jerusalem em romaria. Esta cidade, habitada por mouros e arabes, dista de Jerusalem uma pequena jornada. Ali dizem estar o templo onde morreu Samsão.

Chegaram á cidade de Gazara, na Judéa, depois de meio dia de caminho. Ahi os turcos que conduziam Tenreiro perguntaram pelo governador da cidade a fim de lhes mandar dar mantimentos, guias e dromedarios para poderem passar o deserto das areias. Responderam-lhes que o baxá estava no campo; foram logo procural-o, recebendo d'elle mui bom agasalho; e mandou logo passar ordem para que em Gazara lhes dessem guias e ôdres para levar agua e biscoitos.

Atravessando esta cidade para o lado do meio-dia, e tendo andado duas leguas, entraram no deserto, que é de sete jornadas de extensão, o qual atravessaram sem o menor risco, caminhando quatro leguas por dia, porque era tudo areia solta. No fim do deserto encontraram uma casa situada entre uma serra mui alta e o mar, lugar por onde tem de passar todos os viajantes e cáfilas, que vão tanto para o Egypto como para Jerusalem. Na casa está sempre um alcaide mouro que não deixa passar pessoa al-

¹ Os musulmanos designam com este nome um dos dois anjos que Deus havia mandado á terra para examinar as acções dos homens.

guma sem que lhe diga quem é, e o negocio a que vae. Apeiraram-se os turcos que conduziã Tenreiro e disseram que levavam aquelle preso a Abraham Baxá; o mouro escreveu logo a resposta n'uma tirinha de papel e, tirando uma pomba de uma gaiola, atou o papel debaixo d'uma aza e soltou-a depois. A pomba chegou ao Cairo, entrou na casa d'um mouro que lhe tirou a tira de papel e a levou a Abraham Baxá.

Partiram logo atraz da pomba, caminharam ainda tres jornadas por campos deshabitados e chegaram depois á cidade de Remaya, que está fóra do deserto para a parte do meio-dia, cercada d'uma velha moralha, habitada por mouros arabios que vivem de lavouras e creações.

Caminhando mais chegaram finalmente ao Cairo, a que os mouros chamam Mecera; encaminharam-se para casa d'um turco, amigo intimo de Abraham Baxá, onde estiveram doze dias sem poderem fallar a este. Durante estes doze dias esteve Antonio Tenreiro preso. Ao decimo terceiro dia Tenreiro foi conduzido á presença de Abraham Baxá, que lhe fez varias perguntas ás quaes Tenreiro satisfez cabalmente. Depois, com favoravel semblante, Abraham acenou para que o conduzissem a uma casa publica onde se achavam oito turcos que desempenhavam a funcção de desembargadores. Ahi interrogaram-no, declarando a Tenreiro que confessasse a verdade, perguntando-lhe quem era, porque razão havia sido preso, a que nação pertencia, que religião professava, etc., etc., e todas as respostas eram escriptas por um judeu hespanhol, physico de Abraham Baxá.

.....
Cinco dias depois, Antonio Tenreiro foi posto em liberdade por mandado de Abraham.

* * *

A cidade do Cairo é situada ao longo do rio Nilo, a 172 kilometros de Alexandria. Os arabes dão-lhe diversos nomes, taes como: El Kahira, Misr, Fastat, Mauf, etc.,. Possui lindas mesquitas e edificios riquissimos construidos á hespanhola; as ruas são muito largas. A posição da cidade é mais elevada para o oriente, onde existe um castello com grossas muralhas, contendo ricas casas e grandes pateos; distinguem-se, entre todas as casas, os aposentos do grã-sultão, construidos de pedras mui delicadas e lavradas, e onde se admiram ricas pinturas

com tintas finissimas, ouro, e marchetes de marfim; era n'este castello que os turcos tinham a sua artilheria. O Cairo abunda em trigo, cevada, carnes, pescas, grandes creações de gallinhas e patos. A uma legua da cidade está uma horta, com uma fonte d'agua doce, onde nascem umas arvores que dão o balsamo que se colhe em maio; estas arvores são como roseiras grandes, e não se dão n'outro local senão na horta. Dizem que foi na fonte que a Virgem lavou os pannos de seu filho.

* * *

Antonio Tenreiro, depois da sua soltura, ainda se demorou alguns dias no Cairo, esperando algum navio que o conduzisse á Europa; mas, vendo que o tempo decorria e desejoso de sair d'aquella terra, embarcou n'uma barca, que ia pelo Nilo abaixo carregada de mouros e suas mercadorias. Navegando umas cinco leguas, passaram junto d'uma ilha habitada por lavradores e muito fertil em mantimentos, gallinhas e patos. Navegando mais cinco leguas chegaram a Fua, villa situada na margem do rio. Possui bellas casas e é habitada por mouros, arabes e mecerins.

Andando mais quatro leguas pelo rio abaixo chegaram a Raxite, villa tambem situada na margem do Nilo e distante vinte leguas do Cairo, tem bellas casas e é habitada por mouros mecerins.

Desembarcou aqui Tenreiro, alugou uma mula e caminhou para Alexandria juntamente com outros mouros que para a mesma cidade se encaminhavam. Depois de seis leguas por deserto chegaram a uma casa onde se achava um mouro que cobrava os tributos de todos os judeus e christãos que por ahi passavam. Tenreiro pagou um gafar.¹

Pouco tempo depois chegaram á cidade de Alexandria, situada para o poente, banhada pelo Mediterraneo e communicando com o Cairo pelo canal de Fanah e pelo Nilo. Possui edificios muito antigos, ruinas soberbas e monumentos. São notaveis as agulhas de Cleopatra, erguidas outr'ora diante do templo de Cesar e Pompeu.

(Continúa)

¹ Moeda de cobre que vale 24 ou 25 réis.

A ESTATUA EQUESTRE DO TERREIRO DO PAÇO

Quando começou a reedificação de Lisboa, depois da terrível catastrophe de 1755, o Marquez de Pombal, então simplesmente Sebastião José de Carvalho e Mello, concebeu o pensamento de um monumento na praça do Commercio construída sobre o antigo Terreiro do Paço. Eugenio dos Santos de Carvalho, capitão de engenheiros, fôra encarregado não só da reedifica-

ção da cidade, mas segundo os seus planos se levantaram os edificios que flanqueam hoje a Praça do Commercio. Por sua morte deixou um projecto de Estatua equestre que devia servir para ornamento da praça; porém, no seu esboço, a parte convexa e posterior do pedestal, que hoje apresenta os baixos relevos, tinha ficado nua e sem ornato. Quando o ministro



ESTATUA EQUESTRE DE D. JOSÉ I, NA PRAÇA DO COMMERCIO EM LISBOA

quiz pôr em execução o monumento, um artista nascido em Malta, e que estudara em Italia, foi encarregado de apresentar um modelo segundo os desenhos referidos, e o capitão Reynaldo Manoel dos Santos, que succedera a Eugenio dos Santos de Carvalho no cargo de architecto, fez concorrer para o mesmo fim Joaquim Machado de Castro, que estava por esse tempo

occupado na eschola de esculptura da Basilica de Mafra.

Machado de Castro fez um pequeno modelo em cêra sobre as copias d'estes mesmos desenhos que lhe haviam sido apresentados por uma ordem expressa, sendo o seu projecto levado ao rei, em concorrência com o do artista maltez. A preferencia recahiu sobre o projecto de Ma-

chado de Castro, a quem se não deixou a liberdade de inventar as allegorias dos grupos principaes, nem mesmo de alterar os accessorios da estatua equestre! Consentiram-lhe por favor que retocasse os defeitos do desenho. A sua livre phantasia só pôde exercer-se na composição do baixo relêvo, que Eugenio dos Santos deixara em branco. O proprio artista relata em uma obra especial esta sua deploravel situação, confirmada pelo testemunho de um outro artista seu contemporaneo, Antonio Stopani. Machado de Castro foi auxiliado na obra dos grupos que se acham dos dois lados do pedestal por Francisco Leal Garcia, José Joaquim Leitão, João José Elveni e Alexandre Gomes, todos elles discipulos de Giusti. Apesar d'esta falta de liberdade na concepção do artista, Murphy na sua Viagem considera o seu trabalho como «obra de um grande mestre.» Uma vez formado o grande modelo da Estatua equestre, tratou-se de procurar um homem bastante habil para fundil-a em bronze. Em Portugal nunca se tinham realisado trabalhos d'esta ordem, o que não obstou a que apparecesse Bartholomeu da Costa, tenente coronel director do Arsenal, que conseguiu fundir de um só jacto essa estatua colossal, que por esta circumstancia é uma extraordinaria maravilha; Balthazar Keller foi o fundidor que trabalhou sob a sua direcção. A Estatua, com vinte e quatro pés de altura, levou 656 quintaes e meio de bronze, ficando de sobreceleste nas calhas 500 quintaes. A fundição operou-se no dia 15 de Outubro de 1774, em oito minutos; em seguida oitenta e trez operarios durante pouco menos de seis mezes trabalharam aperfeiçoando com o cinzel esse enorme bloco, cuja deslocação até ser fixado no pedestal custou uma illiada de novas difficuldades de mechanica. O architecto dos monumentos publicos, Reynaldo Manoel dos Santos foi o encarregado do transporte da Estatua, e João dos Santos empregado da policia do Porto dirigiu todas as manobras dos guindastes. A elevação da Estatua equestre operou-se com a maior felicidade em 20 de Maio de 1775. A inauguração da Estatua equestre teve logar em 6 de Junho, para celebrar o anniversario do monarcha; des-

vendaram-na no meio de pomposas festas o Marquez de Pombal e Joaquim Ignacio da Cruz Sobral.

A multidão que assistia a esta apothese do cesarismo ajoelhou assim que a estatua ficou a descoberto. É incalculavel a somma de versos charros que se produziram por esta occasião; formam centenaes de volumes manuscriptos. Entre esses versos figura um soneto de Antonio Lobo de Carvalho, dizendo que o Marquez de Pombal collocara el-rei Dom José n'aquellas alturas, para que lhe não chegassem aos ouvidos as queixas do povo. O senado de Lisboa deu um concerto seguido de um banquete dispendiosissimo, e a cidade esteve por trez dias em festas e illuminações forçadas. Foi um intermedio no meio dos tenebrosos processos politicos, que continuaram como se viu na execução de João Baptista Pele. O eminente artista Joaquim Machado de Castro não saiu da sua posição subalterna, dando-se-lhe a cruz de cavalleiro, mas permanecendo na pobreza, fallecendo em 1822 com noventa e um annos de idade. Bartholomeu da Costa foi recompensado com a patente de general. O Marquez de Pombal mandou collocar o seu medalhão na frente do pedestal da estatua, d'onde foi arrancado quando veiu a reacção aristocratico-clerical do reinado de D. Maria I, sendo mandado repôr por D. Pedro IV. Vogel, no seu livro *Portugal et ses Colonies*, traz o seguinte juizo: «A estatua equestre de Dom José, imponente pelo effeito que produz á primeira vista, é muito defeituosa no que diz respeito á arte.» A verdade d'este juizo atenua-se pelo conhecimento da falta de liberdade de Joaquim Machado de Castro. Todas as vezes que a auctoridade se intermette na espontaneidade do espirito, só produz o acanhamento e a chateza por mais que se acoberte com a opulencia e com a magestade. A Estatua equestre representa no seu character mais intimo a grandeza do seculo XVIII em Portugal, o apparatus official cobrindo por uma intervenção permanente todas as manifestações da iniciativa individual.

FERDINAND DENIS, RACZYNSKI FR. LUIZ GOMES.

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 13)

SOUBEMOS que o chefe Castro tinha sido exonerado do commando, e fôra nomeado outro official do exercito de Africa para o substituir.

Dois dias depois da nossa chegada, chegaram tambem a Caconda o novo chefe e o alferes Castro, e por elles a nossa correspondencia da Europa, que lemos com avidez.

Fallei logo em carregadores, e o alferes Castro promptificou-se a acompanhar-me a casa de José Duarte Bandeira, o primeiro potentado de Caconda, onde me disse que se arranjariam pela grande influencia de que dispunha o tal Bandeira.

Partimos para Vicéte no dia 13 de manhã, e n'esse mesmo dia o Ivens seguiu para casa de Matheus, a fazer um reconhecimento no Cunene, no logar da sua confluencia com o Quando. Eu tambem devia ir fazer uma visita ao mesmo rio para o sul.

O Capello ficou em Caconda atacado por uma ligeira febre, e entregue aos cuidados de Anchieta. Segui a S. S. E., passando logo os rios Secula-Binza, Catapi, e Ussongue, que afflue a leste, correndo a O. N. O., com 3 metros de largo por um de fundo, dando-lhe por isso grande contribuição d'agua.

Depois de caminhar a S. E. umas 26 milhas, cheguei pela noite a Vicéte, libata fortificada entre rochas, no cume de um outeiro que domina vasta planicie.

Fui recebido por José Duarte Bandeira, que, depois de boa ceia, me porporcionou optima cama, de que bem precisava.

Logo na manhã seguinte, o alferes Castro fallou nos carregadores, e Bandeira promptamente se offereceu para obter 120, que tantos nos eram precisos para seguirmos ao Bihé.

Mostrei o desejo de ir ao Cunene, e ficou decidido que partissemos no seguinte dia.

Caminhamos nove milhas a léste, e encontramos o rio no Porto do Fende.

Logo á chegada, matei um grande hippopotamo, que teve a imprudencia de vir resfolgar a meio rio ao alcance da minha carabina. Passei ali dois dias. O rio tem ahi 100 metros de largo por 6 a 7 de fundo, com uma corrente de uma milha por hora. O seu eixo no Fende é N. O. a S. E. por espaço de 2 milhas, sendo a montante de N. E. a S. O., e ainda acima E. O. a jusante inclina-se para S. S. O. por 26 milhas, até ao Luceque. Por vezes toma uma largura de 200 metros e mais.

Abundam n'elle hippopotamos e crocodilos.

Uma milha a jusante do Porto do Fende, ha uns rapidos a que chamam Da Libata Grande; meia milha abaixo, outros, as Mupas de Canhacuto; e 10 milhas mais a jusante, as cataractas de Quiverequete, ultimas que tem no seu curso superior; sendo depois navegavel até ao Humbe.

A margem direita é, nos pontos em que a visitei, montanhosa e coberta de mato virgem; á esquerda, vasta planicie, de 4 a 5 kilometros de largo, que encosta ao sopé dos montes, que formam um pouco elevado systema, correndo N. S.; em cujas vertentes a oeste assentam as povoações do Fende.

Pelas 11 horas da noite do dia 15, formou-se sobre nós uma tormenta que despediu innumeras faiscas e copiosa chuva, deixando-nos completamente molhados.

A 17 voltamos para Caconda, com a promessa de termos os carregadores dentro de 8 dias; tendo de mandar, logo no dia seguinte, um barril de aguardente para a convocação. N'esta parte de Africa, a aguardente desempenha para com os homens o mesmo papel, que na Europa o azeite para com as machinas. Sem ella não se movem.

O nosso hospedeiro, que bem nos regalou

em sua casa, esqueceu-se de que tínhamos a gastar o dia em jornada; e que, saindo nós ao alvorecer, só á noite alcançariamos Caconda. Partimos com o alforje vazio, e pelo meio dia já o appetite degenerava em fome.

Paramos n'uma clareira, e eu disse ao alferes Castro, que ia ver se matava caça para comer; mas apenas avistei uma codorniz, que nos serviu a ambos de almoço e jantar, cozinhada n'uma marmita de soldado. Confesso que já tenho almoçado e jantado melhor do que n'esse dia.

Os meus pretos, vendo a minha avidez em roer os ossos da codorniz, que a cadella debalde devorou com os olhos, fazendo-me mil negaças com a cauda, deram-me uma raiz de mandioca, que partilhei com o alferes.

Cheguei á noite a Caconda, e depois de uma boa ceia, dei fê que Ivens ainda não tinha chegado, e que Capello já estava bom.

O Ivens chegou a 19, e n'esse dia mandamos o tal barril de aguardente ao Bandeira, pedindo-lhe a maior urgencia na convocação dos carregadores.

No dia 23, chegaram de Benguela uns artigos que tinham sido requisitados; e para mim um presente de 6 latas de biscoito, que me offerecia Antonio Ferreira Marques.

N'esse dia despachei outro portador para Vicète, pedindo ao Bandeira os carregadores, que já se demoravam.

Não appareciam os homens promettidos, e eu pedi ao chefe para que fosse ao Vicète, e, usando da sua influencia como auctoridade, visse se dava pressa ao Bandeira em nos mandar a gente precisa.

O chefe partiu e escreveu-me logo, dizendo

já estarem promptos 61 homens, e em breve haver os mais. Levava elle logo fazenda para os pagamentos, que ali só querem algodão branco, mas disse serem precisas mais 50 peças, que nós não tínhamos, mas que o Bandeira ficou de emprestar.

No dia seguinte, nova carta do chefe, dizendo, que os carregadores iam ser pagos e viriam logo; dois dias depois, terceira carta, dizendo já lá ter 94 homens; e finalmente, no dia 5 de fevereiro, outra carta, dizendo, que não havia nem um carregador, e que nenhum se arranjará.

Imagine-se o nosso desapontamento.

Eu a esse tempo ainda não tinha formulado e arraigado no meu espirito um principio, que mais tarde me suggeriu a experiencia, e que

entrou depois, de parelhas com a carabina de el-rei, no feliz resultado da minha viagem.

O principio formulado e depois profundamente arraigado no meu espirito, traduziu-se n'esta sentença:

«Desconfiar, no sertão de Africa, de tudo e de todos, até que provas repetidas e irrefutaveis nos permittam confiar um pouco em alguma cousa ou alguém.»

Ora, para mim, essas provas são tão difficeis de se apreciarem, como o são as de um amor eterno ou as da solida fortuna do commer-

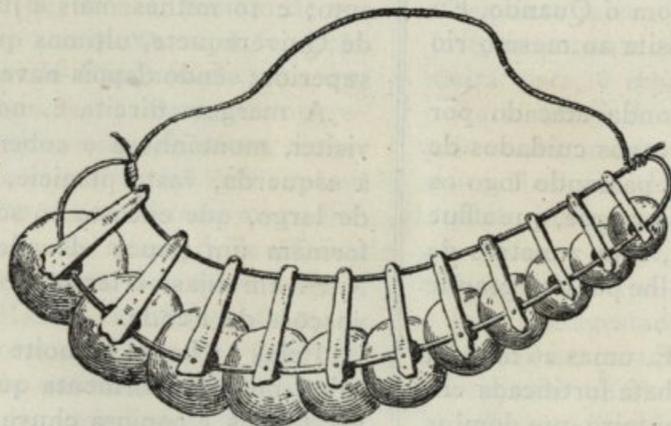
ciante, embrulhado em transacções de vulto.

Creio que, ao tomarmos conhecimento da carta do chefe, cada um de nós propoz alvitre qual d'elles mais disparatado.

O desapontamento era grande. Socegados os espiritos, decidimos ir procurar os carregadores fosse onde fosse, e se longe ou perto os não podesse encontrar, seguirmos para o Bihé, e



HOMENS MONDONBES — Segundo um esboço do major Serpa Pinto



MARIMBAS — Segundo um desenho do major Serpa Pinto



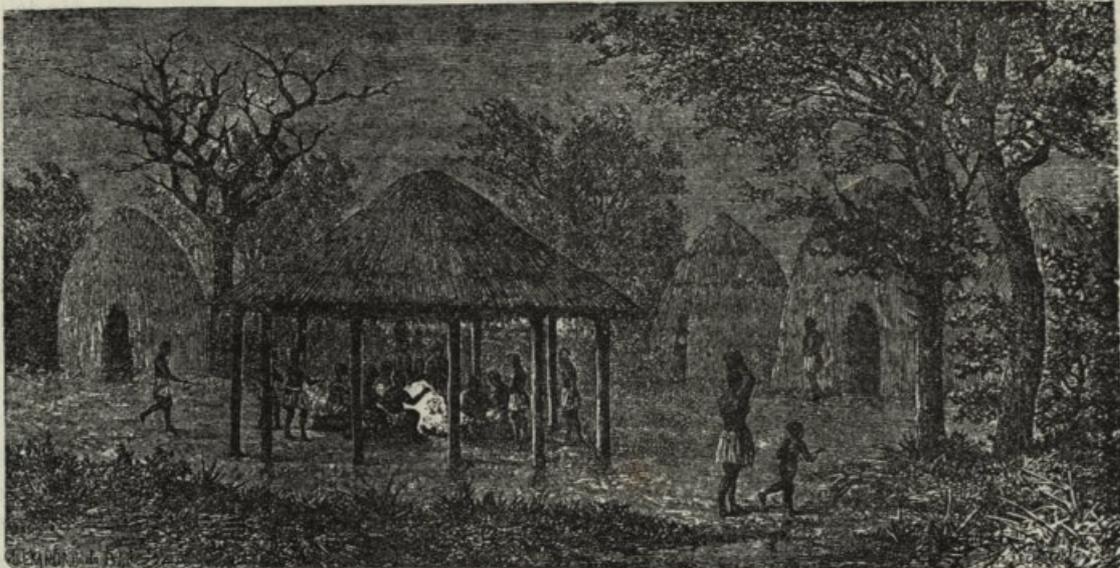
mandarmos d'ali buscar as cargas. Julgavamos isso possivel.

O chefe voltou de Vicète, e não me deu explicação plausivel do facto.

Acordamos em ir eu ao Huambo, a ver se

aventuras, que começam aqui a tomar um character mais extraordinario, cabe-me dizer duas palavras a respeito de Caconda.

A fortaleza de Caconda, o ponto mais interior onde hoje no districto de Benguella tremula



TEMPLO DA CONVERSAÇÃO — Segundo um esboço do major Serpa Pinto

do Soba d'ali obtinha carregadores; porque, não só o alferes Castro, como o chefe, e Anchieta mesmo, nos mostravam a impossibilidade de os ajustar mais perto.

Pouco antes, Anchieta tinha encontrado grandes embaraços para fazer uma remessa de productos zoológicos para Benguella, o que era relativamente mais facil.

O que nos estava acontecendo é digno de notar-se.

Não só Bandeira, mas um tal Mathias, o sargento Mathews e outros, enviam grandes caravanas a sertões longinquos; e todos elles não poderam obter um só carregador para nós!

Eu começava de antever um proposito firme de nos embaraçarem o passo, e mal cuidava então que esse proposito fosse tão longe, como infelizmente tive occasião de experimentar depois.

O correr d'esta narrativa mostrará, quão habilmente me foram levantados obstaculos, que só uma decidida protecção de Deus me fez vencer.

Deixemos este assumpto por emquanto, e antes que continue com a narração das minhas

a bandeira portugueza, é um quadrado de 100 metros, cercado de um profundo fosso e de um parapeito, onde aqui e além se podem ver as linhas distinctas de uma fortificação passageira, construida outr'ora com arte. Uma paliçada

fôrma segunda fortificação no interior, resguardando umas casas arruinadas, que foram habitação do chefe, quartéis e paiol.

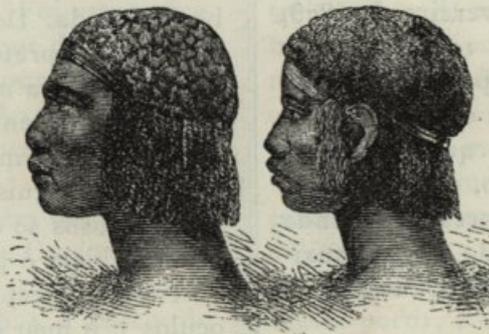
Algumas boas peças de bronze, montadas a barbete, deixam ver por sobre o plano de tiro, deformado pelo tempo, as suas bocas verde-negras e oxidadas.

A 200 metros ao sul da fortaleza, as ruínas de uma igreja.

Ao norte, uma reunião de pequenas cubatas, que são a morada dos soldados.

O paiz é agradável, e sem ser, como se pretende, isento de febres, é certo que ellas ali são mais benignas do que em outros pontos. A povoação é pouquissima, e tem-se retirado muito da fortaleza.

O solo é uberrimo, e muitas plantas Euro-



HOMEM E MULHER DO HUAMBO
Segundo um esboço do major Serpa Pinto

pêas facilmente se aclimam ali, produzindo espantosamente. No trigo, feijão e batata vi eu isso em pequenissimas plantações.

O ribeiro Secula-Binza é uma fonte de agua crystallina correndo em leito de granito.

Junto da fortaleza ha poucas arvores; as necessidades dos habitantes tem despovoado as matas que devem ter existido outrora, como ainda hoje existem mais longe.

O commercio é pouco, e esse mesmo é feito muito longe no interior.

A mesma pegada de decadencia que se nos revela em Quillengues, é ainda mais patente aqui.

A importancia de Caconda é igual, senão superior, á de Quillengues; mas tem menos segurança ainda para o commercio, por que o caminho de Benguella é infestado de salteadores.

CAPITULO V

VINTE DIAS DE AGONIA

Parto de Caconda—O sova Quipembe—Quingolo e o sova Caimbo—40 carregadores—Febre—O Huambo, o sova Bilombo e seu filho Capôco—80 carregadores—Cartas e noticias—Quasi perdido!—Sigo ávante—Grave questão no Chaca Quimbamba—Os rios Caláe, Canhungamua e Cunene—Nova e séria questão no Sambo—O Cubango—Chuvas e temporaes—Grave doença—Uma aventura horrivel—O Bihé finalmente!

Parti de Caconda a 8 de Fevereiro de 1878, levando em minha companhia 10 homens de Benguella, o meu muleque Pepeca, Verissimo Gonçalves, de quem já fallei, e o chefe de Caconda, o Tenente Aguiar, que quiz por força acompanhar-me n'esta expedição, que tinha por unico fim o arranjar carregadores; querendo mostrar assim a sua boa vontade em nos auxiliar, e que era estranho aos acontecimentos de Caconda.

Cumpre-me dizer, que eu nunca duvidei da sinceridade do Tenente Aguiar; porque a esse tempo não tinha ainda arraigado no meu espirito o principio que formulei no capitulo anterior, e hoje mesmo creio que elle foi enganado como eu, apesar da sua muita experiencia dos sertões avassallados.

Depois de uma jornada de 17 kilometros a N. E., alcancei a libata de Quipembe, onde fui recebido pelo sova Quimbundo, que me deu hospitalidade. Passei um pequeno ribeiro o Ca-

rungolo, junto a Caconda; e depois o Catapi, que ali corre a S. O.

O sova mandou-me logo um porco pequeno, e não tendo eu podido comprar gallinhas, mandou-me uma.

À tarde veio á minha barraca, e depois de larga conversa, disse-me, que, ainda que os seus antepassados foram sempre avassallados a El-Rei de Portugal, elle não o era; porque as muitas arbitrariedades commettidas pelos chefes contra elle e os seus, tinham quebrado os compromissos antigos; que o *Mueneputo* já lhe não fazia justiça, e narrou-me muitos dos acontecimentos em que baseava as suas accusações aos chefes, fallando com modo muito atilado.

O chefe estava presente á entrevista, e não podia responder ás accusações dirigidas aos seus antecessores, tão claramente eram ellas formuladas.

Este velho era homem de tino, e fallou-me na politica dos portuguezes em Caconda com um juizo difficil de encontrar em preto boçal.

Procurei desfazer a má impressão que o soba tinha dos chefes de Caconda, mas creio que nada alcancei n'esse sentido. Mais uma vez tive occasião de apreciar o mau resultado dos minguidos estipendios que se conferem aos chefes dos conselhos do interior; causa primordial da decadencia do nosso poderio e influencia ali.

O sova de Quipembe é muito idoso, e soffre de gota, que lhe embaraça o caminhar.

A sua libata é vasta, bem fortificada e muito bem situada. Desde a minha chegada muitas dezenas de pretos e pretas pequenos olhavam pasmados para mim, fugindo em debandada ao menor movimento que eu fazia. Tentei fazelhes perder o medo que manifestavam, dando-lhes alguns guisos e bagos de coral; mas só mui receosos se chegavam a mim, fugindo logo que recebiam o presente.

Foram objecto de grande admiração, os meus olhos e o meu cobertor, em que se desenhava um enorme leão em fundo vermelho.

No dia 9 deixei a libata, seguindo a N. E.; passei logo o ribeiro Utapaira, e uma hora depois alcançava o Cuce, affluente do Quando. Este rio tem ali 3 metros de largo por 2 de fundo, dando difficil passagem, por serem as suas margens escarpadas e lodoso o fundo.

A margem direita é montanha suave e pouco elevada, e a esquerda campina de um kilometro de largo. Passei ao sul da libata de Banja, magnificamente situada no tópo de um outeiro,

e depois de atravessar tres ribeiros, o Canata e Chitando, que vão ao Cuce, e o Atuco ao Quando, alcancei este ultimo rio, um dos grandes afluentes do Cunene.

O Quando corre ao sul, com uma largura de 20 metros por dois a tres de fundo.

No sitio de Pessange, em que acampeei, desaparece o rio por baixo de massas enormes de granito, para reaparecer um kilometro a jusante.

Este ponto offerece uma das mais bellas paisagens que tenho visto. As margens do rio, um pouco elevadas, são cobertas de luxuriante vegetação, onde as palmeiras elegantes se destacam do verde-negro dos gigantescos espinheiros. Os rochedos denegridos sobresaem aqui e alem por entre os tufos de mato, mostrando os cabeços puidos do bater das tempestades.

Nuvens de passarinhos chilram nas arvores e inumeras rolas esvoaçam sobre os espinheiros. De quando em quando ouve-se o resfolgar dos hippopotamos nos pegos do rio.

É a belleza selvagem em toda a sua força, mas a par d'ella ha ali alguma cousa de horriavel, que são venenosissimas serpentes que a cada passo se arrastam junto de nós.

Matei algumas, que me certificaram os pretos serem de mortal peçonha.

Appareceram alguns Hyrax, e eu, internandome no mato virgem da margem esquerda, em sua busca, deparei com as ruinas de uma muralha de pedra, que pela extensão parece ter sido muro de povoação antiga. Foi este o primeiro dia na minha viagem em que de noite tive por tecto o ceo estrellado, mas por isso não foi menos profundo o meu somno. Ao alvorecer matamos, entre a minha cama e a do tenente Aguiar, uma cobra venenosa.

Seguimos a N. E., e para além da povoação de Pessange, encontramos a de Canjongo, governada por um seculo, que nos offereceu capata e vendeu algumas gallinhas a troco de panno de algodão ordinario, e depois de passarmos o rio Droma, affluente do Calae, que corre a S. E., descansamos algumas horas na margem esquerda, e caminhando depois a N. N. E., chegamos, ás 5 horas da tarde, á libata grande de Quingolo.

O sova deu-me hospitalidade, e mandou logo comida para a minha gente.

Sabendo o motivo da minha viagem, disse-me, que se a elle tivéssemos recorrido com tempo, nos teria arranjado os carregadores, mas

que os chefes de Caconda não faziam caso d'elle e faziam mal n'isso; que ainda assim, me ia dar 40 carregadores que enviaria a Caconda, e fosse eu ver se obtinha os outros ao Huambo.

Fui atacado de uma ligeira febre. No dia 11, logo de manhã, o sova veio visitar-me e confirmou o seu offerecimento de 40 homens, que me disse partiriam no seguinte dia para Caconda.

Quiz fazer algumas compras de viveres, mas nada me quizeram vender; sabendo isto o sova Caimbo, enviou-me um grande porco. Eu fiz-lhe um presente de tres peças de riscado e duas garrafas de aguardente.

O chefe Aguiar decidiu voltar a Caconda, no que me deu um verdadeiro prazer.

Ao meio dia appareceram os chefes dos carregadores que partiam, para receberem os pagamentos.

Esta libata grande de Quingolo é situada sobre um outeiro granitico que domina uma enorme planicie.

Por entre as rochas cresceram sycomoros enormes, que lhe dão uma frescura constante. Estas rochas combinadas com as paliçadas formam uma temivel fortificação, rodeada de um fosso meio obstruido. No topo do outeiro dois rochedos enormes de elevadas proporções formam uma especie de mirante, d'onde se goza um dos mais surprehendedentes panoramas que tenho visto.

Semelhante ao golpe de vista da cruz alta do Bussaco, se a mata, em vez de limitada na estreita cinta de muralhas, se estendesse dos cabos Carvoeiro ao Mondego até á beira-mar, apenas interrompida aqui e além por verdejantes clareiras, o paiz que se avista do alto de Quingolo é talvez, mais vasto e grandioso, sendo limitado em torno por um perfil azulado de longinquas montanhas que de distantes mal se avistam.

No dia 12, ainda que me recresceu a febre, decidi partir, e tendo feito as mais cordiaes despedidas ao sova e ao chefe Aguiar, segui ás 8 h. 30 m., acompanhado de tres guias que me deu o sova Caimbo, com quem fiquei nos melhores termos de amizade. Logo á saida passei o ribeiro Luvubo, que corre ao Calae, e pelas 10 horas alcancei a libata do seculo Palanca, onde pedi agasalho, por me ser impossivel caminhar com a febre que recrescia a cada momento.

Apesar do meu estado de saude, fiz observações astronomicas, para determinar a minha posição; e fallo n'isso, por ser este o primeiro

d'essa serie de pontos que eu devia determinar atravez d'Africa.

Foi a povoação de Palanca o primeiro ponto determinado por mim, n'essa linha que marca o meu caminho do mar Atlanticò ao Indico.

Tres grammas de quinino que tomei durante a apyrexia produziram-me rapidas melhoras que me permittiram seguir no dia immediato.

Eu viajava a cavallo em um possante boi, e tinha um outro de reserva, bois muito bem domesticados e que offereciam boa commodidade ao andar, podendo obter d'elles um aturado trote e mesmo um galope curto.

Segui perto das 8 horas e passei logo o rio Doro, a que chamam das mulheres, onde foi muito difficil a passagem dos bois, por ser de fundo lodoso.

O calor era intenso, e eu comecei a sentir-me mais doente, pelo que resolvi deitar-me a descansar um pouco.

Não haviam arvores no sitio, e ao sol abrasador sobre uma terra ardente adormeci. Foi curto o meu somno, e ao despertar, senti que estava fresco e tinha sombra. Eram os meus pretos que, de motu proprio estavam em torno de mim segurando um panno para desviar do meu corpo as ardencias de um sol a prumo. Tocou-me tal prova de cuidado. Segui ávante e passei um ria-

cho — o Doro, a que chamam dos homens, que se une ao primeiro e corre depois ao Calae, não sei se com o mesmo nome. Duas horas depois encontrava o rio Guandoassiva, que tem 5 metros de largo por um metro de fundo, em cuja margem descancei. É affluente do Calae e abunda em peixe miudo, que muito ali pescamos. Eu sentia-me bastante doente. Á febre que tinha reapparecido unia-se uma extrema fraqueza, pois que, havia dois dias, apenas tinha tomado alguns caldos de gallinha.

Aproveitei o descanso para mandar fazer um caldo de frangão, que não levou sal, por se me ter acabado a pequena provisão trazida de Caconda.

Depois de duas horas de repouso, seguimos sempre a N. E., e meia hora depois passavamos o rio Cuena, que tem ali 6 metros de largo por 1,5 de fundo, e corre ao Calae.

Este rio corre entre as vertentes suaves de montanhas mui pouco elevadas, mas cavou um leito fundo, cujas escarpas verticaes de 2 metros, tornaram difficil a passagem dos bois.

Trabalhamos ali duas horas. Duas horas depois, já ao cahir da noite, alcancei a libata do Capoco, o poderoso filho do sova do Huambo.

(Continúa)

SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 13)

NO CANCEIRO da Vaticana encontram-se numerosas referencias á superstição da Astrologia, e as palavras *Astroso* e *desastre* revelam a profundidade d'esse erro que só a sciencia positiva conseguiu destruir. Uma canção de Affonso de Cotom (Canc. n.º 1116) traz:

Meestre Incolás, a meu cuydar
é muy boõ fisico por non saber
el a suas gentes bem parecer,
mais vejo-lhi capelo d'ultra-mar,
e traj'al uso ben de Monpiller...

E em boõ ponto el tan muyto leeu,
ca per o prezam condes e reyx,
e sabe contar quatro e cinqu' et seix,
per *strolomya* que aprendeu...

E outras artes sabe el muy melhor
que estas todas de que vos faley
diz das luas como vos direi
que x'as fezo todas nostro senhor...

Em uma Canção do Conde Dom Pedro allude-se á superstição astrologica (n.º 1042):

Martin Vasques n'outro dia
hu estava en Lixboa,
mandou fazer gran coroa
ca vya per *astrologia*
que averia egreja
grande, qual ca el deseja,
de mil libras en valia.

Estevam da Guarda, privado de Dom Affonso III, na canção 931 allude a esta mesma anedocta:

Ora é já Martin Vasques certo
das *planetas* que tragia erradas,
Mars e Saturno mal aventuradas
cujo poder trax em si encoberto;
cá per Mars foi mal chagado em pejeja,

e per Saturno cobrou tal egreja
sem prol nenhuma em logar deserto.

Outras planetas de boa ventura
achou per vezes en seu calandayro
mays das outras que lh'andam en contrairo
cujo poder ainda sobr' el dura...

E na canção 928 e 929, que trazem a rubrica:
«*feitos a hun jograr que se presava destrologo, e
el non savia nada...*» diz o mesmo Estevam da
Guarda:

Já Martin Vaasques da *astrologia*
perdeu bençom pelo grand'engano
das pranctas, perque veo a dapno
en que tan muyto ante s'atrevia,...

Na canção 962, da collecção da Vaticana, a pa-
lavra *astroso* significa o que está debaixo da in-
fluencia maligna dos astros, como ainda vaga-
mente se exprime na linguagem moderna a
mesma superstição na palavra *desastrado*. Os reis
tinham os seus astrologos, que consultavam em
todas as suas determinações. El-rei Dom Duarte
tinha na sua corte mestre Guedelha, que lhe
prognosticou a morte, segundo a credulidade do
tempo. No nascimento das crianças tomava-se
o *horoscopo*, para conhecer o seu destino. Na
Canção x (ed. da Actualidade, p. 43,) diz Ca-
mões:

Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizeram
Estrellas infelices obrigado;

Camões referia-se ao prognostico de fevereiro
do anno de 1524, em que nasceu, no qual se an-
nunciava um grande diluvio pela conjuncção dos
planetas no signo de Piscis. Espalhou-se pelo
mundo o terror de um diluvio, terror renovado
pela apagada tradição do millenio, que de vez
em quando ainda se repete. É ainda vulgar a
crença nos signaes do céu, como *cometas*, que
prognosticam guerras, pestes e morte de reis;
e subsiste o terror das auroras boreaes e das
estrellas cadentes. Segundo Lange, na *Historia
do Materialismo*, o preconceito de perigo mortal
ligado aos nascimentos de fetos de oito mezes é
devido aos restos da astrologia medieval.

O uso do signo de Salomão (*sino-saimão*)
acha-se citado na canção 1025 do Cancioneiro da
Vaticana; ainda hoje é um poderoso talismã po-
pular contra os quebramentos, ou effeitos de
mão olhado.

Na Canção 984, de Pero Garcia Burgalez,
falla-se n'esta superstição ainda vigorosa entre
o povo:

Fernand'Escalho leixey mal doente
com *olho máo*, tan coyta'd'assy,
que non guarrá, cuyd'eu, tan mal se sente,
per quant'oj'eu de Dom Fernando vi;
ca lhi vi grand'*olho máo* aver,
e non cuydo que possa guarecer
d'este *olho máo*, tant' é mal doente.

E na canção 1091, alludindo á privança com
Dom Affonso III, vem:

E poys ora soys tam bem andante,
ben era d'ome do vosso logar,
de ss'*olho máo* de vos ar quebrar,
e non andar como andavades ante.

A todas as grandes commoções sociaes cor-
responde uma revivescencia das superstições po-
pulares; o que se observa na Europa com a de-
monologia, na epoca da Renascença e do Protes-
tantismo, repetiu-se em Portugal pela circum-
stancia accidental das guerras e das pestes.
Por occasião das guerras com Castella sob Dom
João I, e das grandes pestes do seculo XVI, ou
depois da derrota de Alcacer-kibir, as supersti-
ções populares portuguezas apresentaram uma
certa recrudescencia. O Senado de Lisboa, con-
demnou em um Alvará de 14 de Agosto de 1423
«os pecados de Dollatria e costumes danados
dos gentios que se em ello (o povo) de grandes
tempos guardavam...» Transcrevemos essa enu-
meração curiosissima: «que d'aqui em diante
em esta cidade, nem em seu termo nenhum a
pessoa nom use nem obre de *feitiços* nem de
ligamento, nem de *chamar os diabos*, nem *descan-
tações*, nem d'obra de *veadeira*, nem obre de
carantelas, nem de *geitos*, nem de *sonhos*, nem
d'*encantamentos*, nem *lance roda*, nem *lance sor-
tes*, nem obre de *devinhamentos* em alguma guisa
que defezo seja por direito civil ou canonico;
nem outro si *ponha mão*, nem *meça atá*; nem *es-
cante olhado* em ninguem, nem *lance agua por
joeira*, nem faça remedio outro algum para saude
se algum homem ou animalia, qual nom conce-
lha a arte de fizica...

«haja a pena que o direito civil poem em tais
casos, e naquelles casos em que por direito ci-
vel nem he posta pena nem remedio, assim
como no *medir da sinta* e no *lansar agua pella
joeira*, e em outros semelhantes que nom sam
expressos em direito...

«Outrosim estabelecem que d'aqui em diante
em esta cidade e em seu termo *nom se cantem
Janeiras nem Mayas*, nem a outro nenhum mez
do anno, nem se *lance cal ás portas* sò titulo de

Janeiro, nem se *furtem aguas*, nem se *lancem sortes*, nem se *briem aguas*, nem se faça alguma outra obra nem observancia como se antes fazia...

«Estabelecem que qualquer que para *Mayas* ou *Janeiras* emprestar bestas, vestires, joyas ou quaisquer apostamentos perca tudo aquillo que assim emprestar e hajam todo os acuzadores e Concelho de per meio.»

No *Leal Conselheiro* de el-rei Dom Duarte, escripto entre 1428 e 1437, segundo a auctoridade do visconde de Santarem, citam-se os variadissimos elementos da superstição da sociedade portugueza. No capitulo xxxvii, d'esta notavel Encyclopedia medieval, cita o erudito monarcha: «a creença aas profecias, vysões, sonhos, dar aa vontade, virtudes das palauras, pedras e ervas, signaaes nos ceos, e por que se fazem na terra em persoas e alimarias, e terremotos, graças especiaes que Deus outorga que ajam algumas pessoas, a *estrologia*, *nygromancia*, *geomancia*, modo de tregeitar por sotileza de mãaos ou natural maneira nom costumada.» El-rei Dom Duarte não se atreve a negar nem affirmar sobre estes assumptos, e cita alguns exempros, em que realmente se confessa perplexo:

«Por verdes d'estes exempros, quem contar fóra da terra que *Pedreanes vee as aguas*, e dá os *synaaes* que ataa xx braças e mais de soterra serem achadas; e que aqieste moço Pedro tam simprez que assi afirma as vee, e posto que nom seja de autoridade, como já em alicerces de casas foy achado certo sem fallecer cousa em altura e na terra sobre que eram fundados; e da mulher que passa de xii annos que no çumo de huã maçaam ou semelhante comer, no dia em que mais largo come, se mantem, nom gostando carne, pescado, ovos, leite, nem outra boa vyanda, mas com tam pouca, como dieta he, sem vynho, se mantem em soo beber d'agua simprez, que incredibile; e dos que *guarecem os mordidos dos cãaes danados* per os beenzer; e como devynham os que os vão buscar por o sentirem no coração, segundo me já contaram dous padre e filho, e huã capellam meu que tem esta virtude; e tambem de parirem as mulheres sem cajom em sua presença, nom som cousas que se bem cream. E de *dar aa vontade* o que adiante se acontece, eu vy já cousas tam certas que seriam muy duvydosas de creer; e assy outras taaes virtudes que Nosso Senhor quer outorgar a alguãs pessoas, nom se podem comprehender per razom. E o *ferro caldo*, que naquesta terra tan-

tos certificam que o vyram filhar, quando fóra se diz por muyto que se afirme poucos acham que o bem creem. E semelhantemente fazemos nós doutras que muytos de fóra contam, por que as obras da feitiçaria, e que se dizem de Catalonha e Saboya, eu lhes dou pouca fé; nem a aquellas que muytos affirmam em estes reynos, porque o mais de todo ey por engano e bulra. Sobrestas obras de *feitiços* muytos caem em grandes pecados, e se leixam com grande mal e deshonna continuar com elles por lhes dar fé, ou querendo mostrar que som forçados que amem alguãs molheres, e vyvam com ellas contra conciencia, e seu boo estado, dando em prova que se nam deve pensar que huã tal homem, conhecendo tanto mal, se del nom guardasse, nom seendo per feitiços vencido. E dizem que as molheres lhe parecem bestas; e semelhante affirmam as molheres de seus maridos.»

Depois de fallar em maravilhas naturaes, como as *bombardas e os troôs*, conclue el-rei D. Duarte: «nem deemos fé aos feitos e bulras dos alquimystas, que per taaes semelhanças mostram que os devemos aver por verdadeiros, e posto que nom acertem de fazer o que já verdadeiramente se fez, nem dos que affirmam aver ouro encantado, o que tenho por grande bulra, . . .» e termina: «*Dagoyros*, sonhos, dar aa vontade, *synaaes* do ceo e da terra, alguũ boo homem nom deve fazer conta. . .»

A grande epoca da Renascença, que foi para a Europa como o acordar da rasão humana adornada pelo mysticismo christão, apresenta a par do espirito critico uma tendencia para acreditar nos *poderes occultos* dos phenomenos da natureza. O criterio da observação e da experiencia ainda não estava bem determinado, e muitos dos que cooperavam para a positividade mental, entregavam-se á alchimia, ás panacêas, como Cardan ou Agrippa. A lenda do Fausto symbolisa esse conflicto intellectual. A Igreja aproveitava os phenomenos da natureza para conservar nos espiritos rudes o maravilhoso do milagre; Gil Vicente, o espirito mais complexo da Renascença em Portugal, protesta contra este obscurantismo systematico, proclamando o criterio scientifico. O seu *Auto das Fadas* é precioso para o conhecimento das superstições populares, de uma sociedade aterrada por grandes convulsões da natureza, como os terremotos, e principalmente as pestes periodicas.

THEOPHILO BRAGA.

(Continúa.)

A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 13)

CAPITULO XVIII

KAZAN

KAZAN é nos mappas geographicos o ponto em que a Europa se liga á Asia. A fronteira está a trinta leguas mais longe, junto dos Urals e do rio do mesmo nome; mas a linha real em que a Russia e a Tartaria se encontram, em que a igreja e a mesquita se abrangem com o mesmo olhar, são as margens do Volga interior, desde o mar Caspio até á cidade de Kazan. Esta fronteira está situada a este de Bagdad.

Kazan, colonia fundada por Bokhara, posto avançado de Khiva, era antigamente a séde d'um khanato faustoso; ainda é hoje aos olhos dos Asiaticos effeminados e ferozes o limite occidental da sua raça e da sua fé. Sob o ponto de vista do logar e do aspecto, esta antiga cidade é extremamente bella, principalmente no tempo das cheias, quando a limpida agua, que corre junto das suas muralhas, se torna n'um lago immenso. Uma montanha de crista denticulada, que os poetas umas vezes têm comparado a enorme vaga, outras vezes á garupa d'um cavallo, ergue-se ao longo do rio. Ali está *kremlin*, o castello; é escarpado, armado de canhões; as muralhas que o cercam são coroadas de torres e de cupulas. Para além ergue-se um formoso planalto coberto por algumas ruinas d'antigos edificios e de torres; um jardim e um *chalet* alegam aquella paisagem. O sopé da montanha é banhado pelo lago Kaban, extensa e sombria bacia, nas margens da qual está construido o quarteirão industrial e commercial da cidade, onde os negociantes compram e vendem. Cada um dos bairros de Kazan tem um character architectural particular. O *kremlin* tem o cunho christão; a rua Alta é essencialmente germanica. Uma formosa e antiga porta tartara que tem o nome de Torre de Soyonbeka está em frente da cathedral, mas a cidadella foi em grande parte construida depois da conquista do Khanato pelas tropas d'Ivan IV. O bairro baixo da cidade é povoado pelos filhos do islamismo, descendentes de Baton Khan.

Estes povos tartaros tiveram por berço o steppe oriental; caminhando para oeste segui-

ram o curso do Volga e hoje ainda a região dos seus sonhos é a que lhe foi berço. Os nomes de Khiva e de Bokhara parecem ao tartaro tão suaves como os de Sicheim e Jerusalem o são aos Israelitas. Estas regiões da Asia central são para elle a patria ideal. Nas suas inspirações poeticas canta os bosques de Bokhara, compara as faces da sua amada ás maçãs de Khiva e a vehemencia da sua paixão aos estios abrazadores de Balkh.

Uma legenda arabe põe na bocca de Mahomet uma palavra que os verdadeiros crentes consideram como uma promessa solemne; segundo este oraculo os sectarios do Propheta possuirão a terra onde a palmeira fructifica; mas nas regiões em que a arvore abençoada não floresce, os musulmanos, mesmo que estabeleçam um dominio passageiro, não serão os herdeiros do solo. Esta promessa, se foi feita, ha mil annos que se realisa. Região alguma que produza tamaras resistiu ainda ás armas dos Arabes, nenhuma d'estas ainda as repelliu depois de lhe ter soffrido a invasão. Quando, ao contrario, o islamismo estendeu as suas avançadas para além dos limites das palmeiras, em Hespanha e na Russia por exemplo, foi expulso e obrigado a entrar nas suas zonas naturaes. Do mesmo modo que foi obrigado a abandonar Granada para entrar em Tanger e Fez, assim retirou de Kazan para Khiva e Bokhara, retirada sem duvida forçada, mas cuja amargura é mitigada pela ardente esperanza de reconquista. Os mouros contam reconquistar Sevilha e Granada, guardam as chaves dos seus antigos palacios, os titulos de propriedades dos seus bens d'Hespanha. Os Kirghiz afagam tambem as suas pretenções ás terras dos seus compatriotas de além do Volga, o seu chefe julga-se o herdeiro legitimo dos antigos principes de Kazan. No Oriente como no Occidente, os sectarios do islamismo vêem no seu abatimento actual o castigo dos seus erros. Esperam que um dia serão perdoados por Allah. A duração do seu exilio pôde ser longa, mas terá um termo e logo que o tempo da misericordia chegue, triumphalmente entrarão nos seus antigos dominios.

Convem aqui mencionar o modo completamente diferente como os povos do Occidente e

do Oriente trataram os filhos do islamismo vencidos. Em Granada, os Mouros foram repellidos pelo ferro e pelo fogo; durante muitas gerações foi prohibido, sob pena de morte, aos seus descendentes o entrar em Hespanha. Na Russia deixaram que os Tartaros vivessem socegradamente; quarenta annos depois de vencidos negociavam nas cidades em que tinham nascido senhores. Sem duvida que, n'este mesmo paiz, o partido

mais fraco soffreu numerosas e violentas perseguições, porque as grandes lutas da Cruz e do Crescente atearam nos Tartaros e nos Russos odios e hostilidades que, tendo rebentado então entre Kazan e Moscou, ainda hoje fermentam nos steppes kirghiz. As capitaes das duas raças estão afastadas uma da outra, mas nem o espaço nem o tempo poderam extinguir-lhes os odios. A Cruz reina em S. Petersburgo e em Kiev, o Crescente



VISTA DE KAZAN — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

em Bokhara e em Khiva; entre estes dois pontos produzem-se forças d'attracção e de repulsão, como existem entre dois polos magneticos. Os Tartaros téem-se muitas vezes apoderado de Nijni e de Moscou; algum dia os Russos arvorarão os seus estandartes sobre a torre de Timour-Bey.

O viajante que passear pelo bairro tartaro da cidade, admirando as fachadas pintadas das casas, os graciosos minaretes, não pode deixar de reconhecer que os filhos do islamismo conservaram na desgraça, maneiras elegantes e nobres, dignas d'uma epocha mais gloriosa.

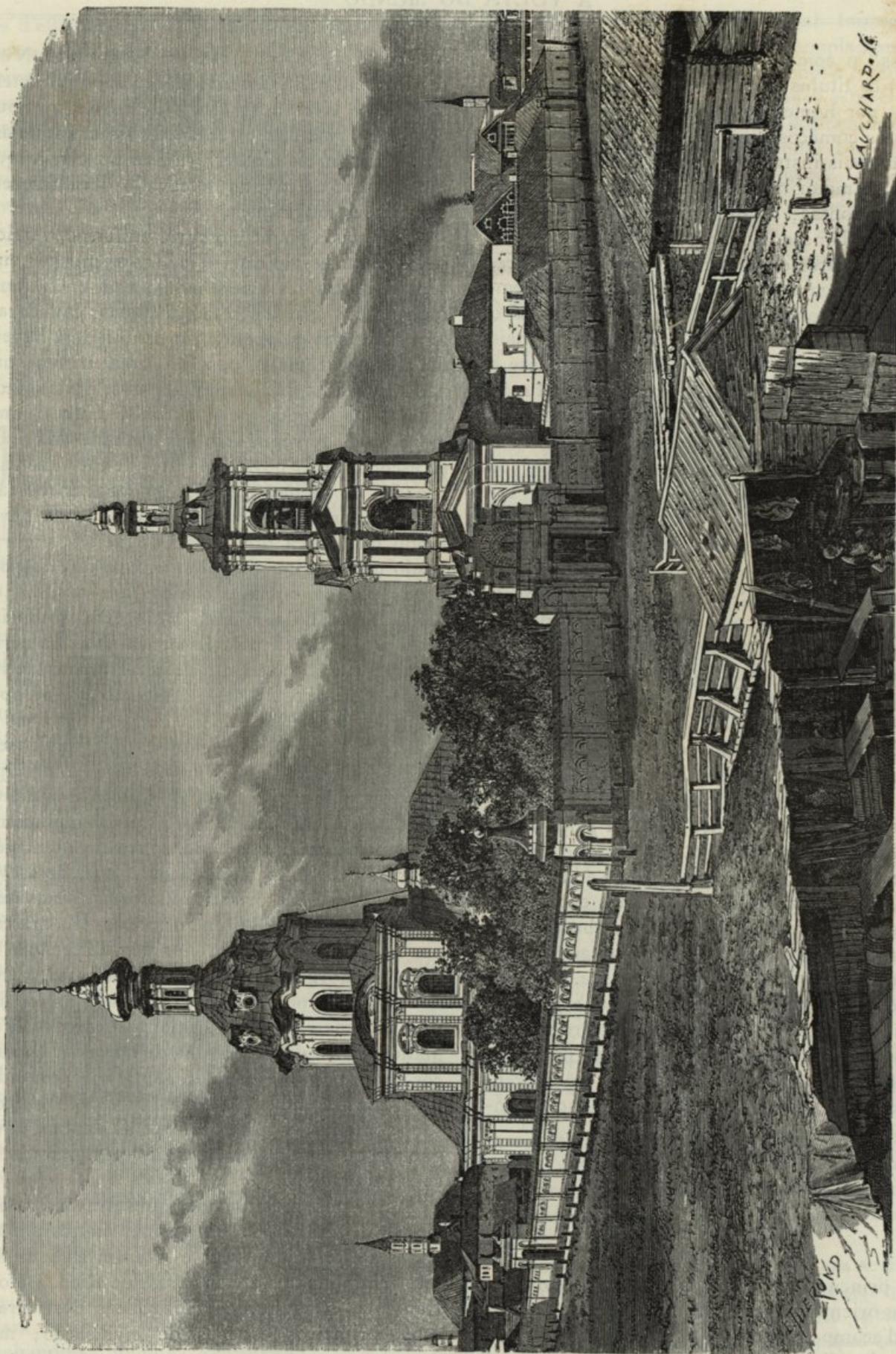
Um official faz assim d'elles o seu juizo :

«Ladrões e apaixonados pela carne de cavallo; de resto não são muito más pessoas.

«Os vossos criados não são Tartaros? perguntei-lhe eu.

— São, os patifes são bons criados; nunca se embebedam; nunca roubam aquillo que é confiado à sua guarda.»

Em todas as grandes casas de S. Petersburgo e Moscou, em todos os hoteis da Russia empregam criados tartaros de preferencia aos indigenas. São os seus habitos sobrios que os fazem procurados. Os beys e os myrzas afastaram-se quando a sua capital foi invadida, ficaram na provincia unicamente os artistas e os pastores.



EGREJA DE VELHOS CIENTES, EM KAZAN — Desenho de E. Thieroud, segundo uma photographia

Por isso o commercio creou uma nova aristocracia; os titulos de mirza e de molla são agora usados por homens cujos antepassados tiveram humildes começos de vida. Os Tartaros de Kazan são mais instruidos que os Russos seus vizinhos; o maior numero d'aquelles sabe ler, escrever e contar; os filhos occupam nos armazens, nos bancos, nos escriptorios de corretagem, os logares de confiança e a sua honradez, e o seu infatigavel trabalho dá-lhes accesso a empregos mais consideraveis. O mirza Yunasoff, o mirza Burnaief e o mirza Apakof, tres dos mais ricos negociantes da provincia, unicamente a elles proprios devem a sua immensa fortuna; ninguem comtudo lhes contesta a sua cathegoria de mirza, principe ou senhor.

É muito difficil a um christão apreciar os sentimentos d'estes homens industriosos e sobrios. Não se pode duvidar que elles estimam mais a religião do que a sua vida; mas ninguem sabe se elles compartilham os sonhos dos seus irmãos de Bokhara. Seja como fôr, trabalham, rezam, tornam-se ricos e fortes. Como dão ás povoações em que vivem uma actividade util, ninguem tenta restringir-lhe a liberdade.

A sua importancia no Estado não pode todavia ser desconhecida. Não só são inimigos, mas inimigos acampados dentro do paiz que guerreiam e que têm todas as suas esperanças fundadas n'um paiz estrangeiro. Estes Tartaros, apezar da sua indiferença oriental pelos acontecimentos que os rodeiam, sentem que não estão na sua esphera natural. Odeiam a cruz. São Asiaticos, os seus corações, as suas esperanças não estão em Moscou, em S. Petersburgo, mas sim em Khiva, em Bokhara e Samarcande. Uma cidade estrangeira é a sua cidade santa, um principe estrangeiro é o seu chefe. De Bokhara veem as suas dignidades religiosas, interrogam os steppes kirghiz para saber se d'elles não sahirão os conquistadores que esperam. Não aprenderam ainda a serem Russos e jámais o aprenderão.

XIX

O STEPPE ORIENTAL

A principal tentativa feita para colonisar o steppe oriental consistiu em estabelecer uma linha d'acampamentos de cossacos nas regiões comprehendidas entre o Volga e o Don, nos pontos em que o solo é menos arido e em que

a herva é menos rara que em outra parte. N'estes logares, relativamente favorecidos, o homem todavia só vive em resultado de duro e continuo combate e por isso os colonos cossacos festejam com transportes d'alegria a voz do clarim que lhes ordena de montar a cavallo para fazerem expedições longinquas.

Uma vasta planicie escura, uniforme, varrida pelos ventos, salpicada d'infesados musgos cinzentos, de cannas amarelladas; aqui e ali, uma manada de cavallos semi-selvagens, um cavalleiro kalumko galopando no meio d'uma nuvem de pó; um camello perdido, uma carroça puxada por bois que caminham com difficuldade n'um solo alagado pelas ultimas chuvas; uma elevação de terreno, sombria e amarellada onde se esconde uma povoação; filas de carroças carregadas de melões e feno; um rebanho de carneiros guardado por um cossaco, rapaz novo, tendo na cabeça um bonné de pelles, embrulhado n'um capote de pelles e trazendo nos pés e nas pernas botas enormes; um moinho de vento bracejando n'uma eminencia solitaria; tudo isto coberto pela immensa abobada cerulea que faz no horisonte destacar fachas de luz verde e purpurina: tal é o aspecto dos steppes orientaes ao sol posto.

Desde tempos immemoriaes que dos desertos da Asia duas hordes hostis se têm precipitado nas planicies para se esprairem como uma torrente destruidora pelas ferteis campinas regadas pelo Don. Estes bandos invasores tem sido as tribus turcas e mongolicas. Espessas trevas envolvem as suas primeiras correrias; mas desde que a historia illumina os povos, ella mostranos os dois povos separados por differenças de constituição e de crenças. A raça turca é uma das mais formosas da terra, a raça mongolica uma das mais feias. A primeira abraçou a fé de Mahomet, a segunda é filha de Buddha. Os turcos são um povo sedentario, que vive em cidades, que se entrega á agricultura; os Mongols são nomades, vivem debaixo de tendas e vagueiam de planicie em planicie, pastoreando os seus rebanhos.

As tribus musulmanas que atravessaram o rio Ural, fixaram-se no steppe, edificaram cidades ao longo do Volga e levaram as suas armas triumphantes até ás portas de Kico. Batou-Kan e as suas hordes mongolicas destruíram estes primeiros esboços de civilisação; mas quando os selvagens invasores se apoderaram do steppe e se uniram ás mulheres turcas, mui-

tos d'elles abraçaram o islamismo; desde então, renunciando á vida errante, ajudaram os verdadeiros crentes a edificarem cidades como Bokhara, Khiva, Camarcand e Balkh, que mais tarde foram as cidadellas da sua crença. Contudo a maior parte dos mongols conservaram-se fieis as buddhismo e as numerosas emigrações dos seus compatriotas vieram ainda fortificar

a sua posição no steppe oriental. Inimigos no continente asiático Turcos e Mongols conservaram na Europa o seu antagonismo e o seu odio. Os primeiros colonos musulmanos estabelecidos nas planicies do Volga foram opprimidos pelos chefes kalmukos até que Timour-Bey deu ao Crescente a sua antiga supremacia.

(Continúa.)

VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO

(TRANSCRIPÇÃO)

(Conclusão)

TENREIRO embarcou n'um navio pequeno que se dirigia para a ilha de Chypre. Navegando cinco dias chegaram ao Chypre, a um porto denominado Alamizon, pequena villa situada ao sul da ilha. É habitado por christãos gregos.

Tenreiro não achando aqui embarcação para a Europa, embarcou n'outro navio que ia para um porto mais adiante oito leguas, chamado a villa de Assalinas, maior que a de Alamizon.

Por não encontrar aqui tambem embarcação que o conduzisse, passou Tenreiro a outro porto mais adiante dez leguas e entrou na cidade de Famagosta, senhoreada pelos venezianos. Aqui esperou Tenreiro alguns dias, depois embarcou n'um navio que foi abordar a Ajaça, villa situada junto do mar Mediterraneo, na Costa de Carmania, habitada por christãos armenios e maronitas. Tenreiro demorou-se aqui alguns dias, hospedado em casa d'um armenio que lhe alugou uma mula e o fez partir na companhia d'um almoxarife do Grã-turco, que andava recolhendo dinheiro por aquellas comarcas. Chegando á cidade de Calepe, Tenreiro juntou-se á cáfila que partia para Baçorá pelo deserto.

Andando cinco jornadas a cáfila chegou a um aduar; e avançando depois mais seis jornadas chegaram ao Euphrates, onde tencionou demorar-se algum tempo. Antonio Tenreiro apartou-se da cáfila e, juntamente com dois ou tres mouros, continuou o caminho, chegando, depois de tres jornadas, a uma villa chamada Racalaem, no deserto, habitada por mouros lavradores.

Aqui adoeceu Tenreiro e esteve cinco dias deitado sobre rama de palmeiras, onde lhe traziam todas as manhãs leite quente, tamaras, etc. Achando-se melhor, continuou o caminho na

companhia dos tres mouros e chegaram a Xefete, villa situada no deserto, a duas jornadas do Euphrates. Caminhando mais dois dias e meio chegaram a uma cidade que dizem chamar-se *Mexeta d'Ali*, que quer dizer, a *Mesquita d'Ali*. Dista do Euphrates uma legua de deserto e é onde os arabes têm a sepultura de Ali. Caminharam depois para sudoeste umas oito jornadas pelo deserto e chegaram a Baçorá.

Embarcou então Tenreiro n'uma não de mouros, onde encontrou mais alguns portuguezes, e, chegando a Ormuz, ahi se demorou uns cinco ou seis annos.

*
* *

Em 1527 era então governador de Ormuz Christovão de Mendonça, e sabendo que Antonio Tenreiro tinha vindo d'aquelles portos do Egypto e passára pelos desertos, lhe rogou que quizesse ir por terra a Portugal, com cartas para el-rei; affiançando-lhe que el-rei lhe faria grandes mercês, porque o governador Lopo Vaz de Sampaio lhe recommendára muito, a elle, Christovão de Mendonça, que buscasse um homem que fosse por terra a Portugal, e indagasse no caminho, passando pelas terras do Grã-turco, se havia alguma noticia de passarem os rumes á India, e levasse esta nova ao rei de Portugal, bem como de muitas outras coisas que cumpriam ao serviço d'este, tanto em Ormuz, como na India.

Tenreiro fez todo o possivel para se escusar d'esta viagem, lembrando-se dos perigos que havia passado na antecedente; mas, viu-se tão apertado pelo governador de Ormuz, que cedeu fi-

nalmente e promptificou-se para a dita viagem por terra, comtanto que elle, governador, lhe desse cartas para o rei de Baçorá lhe dar guias e tudo o mais que lhe fosse necessario.

Tenreiro fez os seus preparativos, esperou por uma não que devia dirigir-se a Baçorá, e embarcou por fim a 20 de setembro de 1528.

Dando a não á vella, começou a navegar por aquelle estreito mar a que os cosmographos chamam o *Sino persico*, que se mette por entre a Persia e a Arabia perto de duzentas leguas; corre ao noroeste, saindo d'Ormuz, e no fim d'elle entra o Euphrates. No meio d'este estreito ha umas ilhas habitadas por mouros arabios, e a principal d'ellas é Baharem, defronte d'uma cidade denominada Catifa. Os ventos eram contrarios e a não andou muito tempo d'uma para outra costa, lançando de vez em quando ancoras e esperando por marés que a levassem ávante. Quarenta dias depois chegaram a Cargem, ilha situada junto do Euphrates.

Antonio Tenreiro, vendo a demora que tinham em esperar pela enchente da maré, saltou em terra e caminhando por entre grandes palmares de tamaras chegou n'aquelle mesmo dia a Baçorá.

Entregou ao rei as cartas do governador de Ormuz, que lhe mandou dar todo o necessario para a viagem, e dez dias depois Tenreiro e um mouro pozeram-se a caminho e chegaram ás dez horas da noite a um aduar no deserto.

Partiram á meia noite por deserto esteril e sem agua, caminhando tres dias e tres noites sem repousarem mais que duas horas por dia; em logares mais descobertos, pelo receio que tinham tanto dos ladrões como das feras, um dos dois vigiava emquanto o outro dormia.

Um dia de madrugada se espantaram de tal sorte os dromedarios onde iam montados, que correram á redea solta mais de duas leguas. No deserto não encontravam homem nem mulher alguma; unicamente muitas vaccas bravas, de cabello prateado e luzidio, rabos como os dos cavallos e tão finos que pareciam seda; a cabeça é semelhante á dos cavallos com uns pequenos chifres direitos e verticaes; viram tambem grandes manadas de burros, todos ruivos.

Chegaram depois a Cocana, cidade situada no deserto; era perto de meia noite e as portas da cidade estavam fechadas e a muralha guardada de mouros que a guardavam; o guia de Tenreiro fallou com elles, dizendo-lhes que vinha de Baçorá d'onde trazia uma carta do rei

para o xeque ali residente; os mouros não quiseram abrir a porta e deixaram-nos ficar fóra da cidade.

Apenas raiou o dia, Tenreiro entrou na cidade e foi levar a carta ao xeque, que lhe fez bom agasalho; depois Tenreiro despediu o guia entregando-lhe duas cartas: uma para o governador d'Ormuz e outra para o rei de Baçorá; nos quaes dava conta exacta de como tinha chegado áquella cidade livre de todo o perigo.

* * *

Saindo de Cocana, Antonio Tenreiro visitou, em viagem, a cidade de Taybe Calepe, a villa de Doraceta, a uma legua da cidade de Amá para o norte, dormindo em *carvanças*, nos desertos, exposto aos maiores perigos. Visitou Tripoli de Soria, porto de mar em Carmania, pela segunda vez a ilha do Chypre, onde lhe disseram estar-se preparando uma não com direcção a Veneza. Visitou a ilha de Candia, a villa de Riam, situada á entrada do rio Toom; visitou Ferrara, atravessou a Lombardia, passou por Modena, depois por Reso, foi a Parma e a Plazença; chegou a Genova, onde se demorou quinze dias esperando uma não que havia por ali de passar em direcção a Hespanha. Embarcou e chegou a Valença. Partiu então por terra, atravessou a mancha d'Aragão e chegou á cidade de Toledo, d'onde partiu pela posta, entrando finalmente em Lisboa em 1529.¹

Foi muito bem recebido por el-rei, e demorou-se bastante tempo no palacio dando conta do que tinha passado no oriente. Saindo do paço já de noite, foi atacado no Rocio por alguns desconhecidos. Recebeu dezeseite estocadas, e no dia seguinte encontraram-no no meio da praça. El-rei sentiu muito tão atroz attentado, e ordenou ao cirurgião-mór do paço que tratasse Tenreiro como se fosse elle proprio. As maiores diligencias da justiça nunca puderam descobrir os aggressores.

Antonio Tenreiro escapou das feridas que recebera, posto que ficou sempre enfermo, e gosando das mercês que el-rei lhe fez.

Lisboa, 1881.

FAUSTO SCIPIÃO.

¹ Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, tom. 4.º; itinerario d'Antonio Tenreiro, cap. 58 a 69.

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 15)



PORTO DA LENHA — Segundo uma photographia

PCAPOCO recebeu-me muito bem, deu-me a sua propria casa para habitar, offereceu-me logo um grande porco, e sabendo que estava doente mandou-me duas gallinhas.

Fallei-lhe em carregadores, que elle me prometteu arranjar.

Fiz-lhe um presente de duas peças de riscado e duas garrafas de aguardente. Pouco depois, um grande rancho de virgens, que se conhecem pelas muitas manilhas de verga de pau, que lhe sobem dos artelhos, trouxeram em cestas abundante comida aos meus pretos. Depois de tomar alturas da lua, deitei-me, feliz, apesar de doente, por ver coroada de exito a minha excursão.

No dia seguinte deveriam chegar ali os meus companheiros, e com elles, não só a amizade e a companhia dos meus conterrancos, mas ain-

da os recursos que já me faltavam completamente.

Adormeci sorrindo. Quam longe estava eu de pensar que adormecia na vespera de uma agonia, immensa agonia que devia durar por 20 dias!

No dia 14 fui a casa do pae do Capôco, o sova das terras do Huambo. A libata d'este sova, que se chama Bilombo, dista tres kilometros da do filho, e está assente na margem esquerda do rio Calae.

Bilombo esperava-me. Rodeado do seu povo trajava soberbamente uma casaca escarlata, cobrindo-lhe a cabeça uma barretina de caçadores. Entreguei-lhe o meu presente, que consistia em tres peças de riscado ordinario e duas garrafas de aguardente, a que se mostrou muito grato. Ficou muito surprehendido vendo a mi-

nha carabina Winchester, e pediu-me para eu atirar com ella, ficando admiradissimo de me ver metter algumas balas n'um pequeno alvo a 200 metros, e muito mais quando lhe quebrei um ôvo a 50 metros.

Este sova governava em todo o paiz do Huambo: mas está hoje reduzido a dominar apenas em parte d'elle. A sua historia é curta, mas vulgar. Elle era casado com a filha do sova do Bihé, que entretinha relações amorosas com um dos seus seculos.

Tremiam os criminosos da colera do rei se viesse a saber a sua falta. Houve rompimento entre Bilombo e um régulo visinho, e a guerra foi declarada. Bilombo tomou o commando do seu exercito e partiu, ficando a governar na sua ausencia o amante da sua mulher. Conspiraram ambos e Capussocússo fez-se acclamar sova. Retirou-se Bilombo para esta parte do paiz banhada pelo Calae, onde o povo se lhe conservou fiel, e á epocha da minha passagem, me disse, estar preparando uma terrivel vingança á adúltera e ao seu amante o traidor Capussocússo.

De volta a casa do Capôco, despedi os tres guias, que me acompanharam desde Quingôlo, e por elles escrevi a Capello e Ivens, dizendo-lhes, que os esperava, e que não abandonassem as cargas, por ser o paiz pouco seguro.

Fui de tarde dar um passeio ás margens do Calae, e surpreendeu-me a quantidade de caça que encontrei, que nunca tanta tinha visto, mas nada matei por não ir prevenido para isso.

O sova Bilombo mandou-me um presente de farinha de milho e um grande boi, presente mui valioso, por ser escaço o gado bovino n'aquelle paiz.

Os carregadores estavam preparando os mantimentos para seguirem no dia immediato para Caconda, e eu escrevia aos meus companheiros quando chegaram tres portadores do sova de Quingôlo, com cartas d'elles, e uma cesta contendo sal e um pequeno sacco de arroz.

Abri pressuroso as cartas; eram ellas duas officiaes e uma particular, assignadas por Capello e Ivens. Diziam-me, que tinham resolvido seguir sós, e que pelos 40 carregadores enviados por mim de Quingôlo, me mandavam 40 cargas, acompanhadas pelo guia Barros, para eu as conduzir ao Bihé.

Só o pouco ou nenhum conhecimento do sertão Africano, que então tinham os meus companheiros, podia desculpar um tal proceder. Eu achava-me n'um paiz hostile, e se até ali tinha

sido respeitado, fôra só porque o gentio me julgava a vanguarda de uma grande comitiva capitaneada por elles, e o receio das represalias tinha até então sustido a rapacidade dos indigenas. Eu estava no paiz onde Silva Porto, o velho sertanejo, que percorrera impunemente os mais longinquos sertões Africanos, tivera de sustentar cruento combate com um gentio avido de rapina.

Que seria de mim logo que se soubesse que toda a minha força consistia em 10 homens? Encarei a minha posição e achei-a um pouco seria. Capello e Ivens tinham sido enganados por alguém, que a sua lealdade não lhes consentiria de certo o deixarem-me em tal posição, se elles conhecessem bem essa posição.

Que fazer? Em tres dias podia alcançar Caconda, e voltar d'ali a Benguella. Tinha, por outro lado, deante de mim uma jornada de vinte dias ao Bihé, jornada em que teria de arriscar cada dia e a cada hora a vida e as bagagens. Que fazer?

A noite de 17 de fevereiro foi passada em uma agitação febril indescriptivel.

Devia seguir ávante? Tinha o direito de arriscar as vidas dos dez homens que me cercavam, e que dormiam tranquillos junto de mim? Teria o direito de arriscar a minha propria vida em imprudente passo? Deveria voltar a Benguella?

Quem comprehenderia na Europa o obstaculo quasi insuperavel que me fazia recuar? Ninguem, a não ser um ou outro explorador infeliz como eu.

Que noite horrivel! e a febre a desvairar-me a mente, e o cuidado a augmentar-me a febre. A aurora do dia 18 encontrou-me de pé, e havia momentos que uma phrase estava gravada no meu pensamento e eu repetia machinalmente aquella phrase.

Audaces fortuna juvat. Era a velha sentença dos fortes romanos, era a lei que dicta as acções dos aventureiros.

Decidi seguir ávante, eu que não tinha ido a Africa para só visitar o paiz do Nano, que, digamos a verdade, não deixa de ser muito interessante, sobre tudo para nós os portuguezes.

Descrevi aos meus dez homens a nossa posição precaria e a resolução tomada de caminhar para o Bihé; elles protestaram-me a sua dedicação e a intenção de sempre me acompanharem.

D'esses dez homens, 3, Verissimo Gonçalves, Augusto e Camutombo estiveram em Lisboa de-

pois de terem atravessado commigo a Africa; quatro seguiram do Bihé Capello e Ivens, por minha ordem; um, o preto Cossusso, enlouqueceu junto ao Quanza, e foi por mim entregue ao aviado de Silva Porto, Domingos Chacahanga, para d'elle ter cuidado; e os dois restantes, Manuel e Catraio grande, cahiram aos meus pés varados pelas azagaias Luinas, e cumprindo a sua promessa formulada rudemente n'este dia, morreram defendendo-me, quando eu mesmo defendia a bandeira das Quinas.

Ao tempo em que vae a minha narrativa, eu mal os conhecia, e não tivera até então logar de experimentar o seu valor.

Eu estava em casa do Capoco, que até então me tinha dispensado os maiores favores; mas Capoco era o celebre salteador do Nano, que chegara a ir atacar Quillengues um anno antes. O que faria elle, logo que conhecesse a minha fraqueza?

D'elle dependia o exito da minha empresa. Capoco é homem de vinte e quatro annos, sympathico e de maneiras agradaveis. Muitas vezes me dizia Verissimo Gonçalves, que lhe parecia impossivel ser elle o homem cujo nome era tão temido, e que tão longe dirigia as suas correrias de devastação e morte. Entre as suas escravas conheceu Verissimo algumas raparigas roubadas em Quillengues, no ataque do anno anterior. Uma, mesmo com quem fallei, era filha de um dos sovas de Quillengues, e Capoco pedia por ella grande resgate.

Capôco é intelligente, parco no comer e beber, e ainda que possui grande numero de escravas, as que formam o seu harem são muito poucas.

Ha no seu fundo alguma coisa de justo por entre a barbaria do seu viver e dos seus principios. Por exemplo: eu vi que a escrava, a que acima me referi, filha do sova de Quillengues, trazia nos artelhos as manilhas de pau, signal infallivel de virgindade, apesar de ser muito bonita e elegante. Admirou-me isso, e perguntei ao Capôco porque não havia feito d'ella sua amante? «*Porque não devo*, me respondeu elle, é minha escrava pelo direito da guerra, mas emquanto seu pae manifestar o intento de a resgatar, devo respeitá-la e será respeitada, porque a devo entregar como a tomei.»

Um dia Capôco disse-me, que, estando Benguella d'aquelle lado (apontava para o oeste), o sol passava primeiro pelo Huambo antes de ir a Benguella. Disse-lhe eu ser isso verdade, e elle

quize saber quanto tempo depois de nascer ali, nascia elle em Lisboa. Procurei fazer-lhe comprehender, que hora e meia; dizendo-lhe o tempo que um homem leva a percorrer tal caminho, elle mostrou-se admirado; porque julgava, me disse, ser o nosso paiz muito mais longe.

Os costumes entre os povos do Nano e do Huambo são os mesmos que entre os Quillengues, assim como fallam a mesma lingua. Trabalham o ferro, de que fazem setas, azagaias e machadinhas; mas não enxadas, que vem do norte.

Como já incidentalmente notei, as raparigas, emquanto virgens, usam nos artelhos de ambas as pernas ou só na esquerda, umas manilhas de verga de pau, e é grande crime para a familia, conservar as manilhas aquellas que já não tem direito de as usar.

Uma coisa curiosa nos costumes d'estes povos, é haver em todas as povoações uma especie de kiosques para conversação.

São como uma cubata, mas os prumos que sustentam o tecto de colmo, são bastante separados. No meio arde a fogueira, socia constante do gentio Africano, e em torno tomam assento os habitantes da povoação em toros de pau. É o sitio da palestra, sobre tudo quando chove; ali narram-se episodios de guerra ou de caça, falla-se tambem de amor, e muito menos de vidas alheias do que na Europa.

No paiz do Huambo começa na costa de oeste o grande luxo nos penteados, tanto em homens como em mulheres, e tenho visto alguns que difficilmente seriam executados pelos melhores cabelleireiros da Europa.

Ha penteados que levam dois e tres dias a fazer, e que se conservam por muitos mezes.

Os penteados das mulheres são profusamente enfeitados com umas contas de vidro que no commercio em Benguella tem o nome de coral branco ou encarnado, e é este genero muito procurado no paiz. Eu infelizmente não levava nenhum.

A pólvora, armas e o sal de cozinha são ali generos de grande valia. Nada d'isso eu tinha, em quantidade de que podesse dispensar, o que tornava mais embaraçosa a minha posição.

Fui fallar ao Capôco e expuz-lhe que os meus companheiros tinham seguido por Gallongue, e que só viriam 50 cargas, não precisando eu por isso mais de 40 homens e esses só para irem d'ali ao Bihé.

Despedimos por isso os 80 carregadores que a essa hora já estavam reunidos, e que se retiraram muito descontentes. Capôco prometeu-me que teria os 40 de que precisava até ao Bihé.



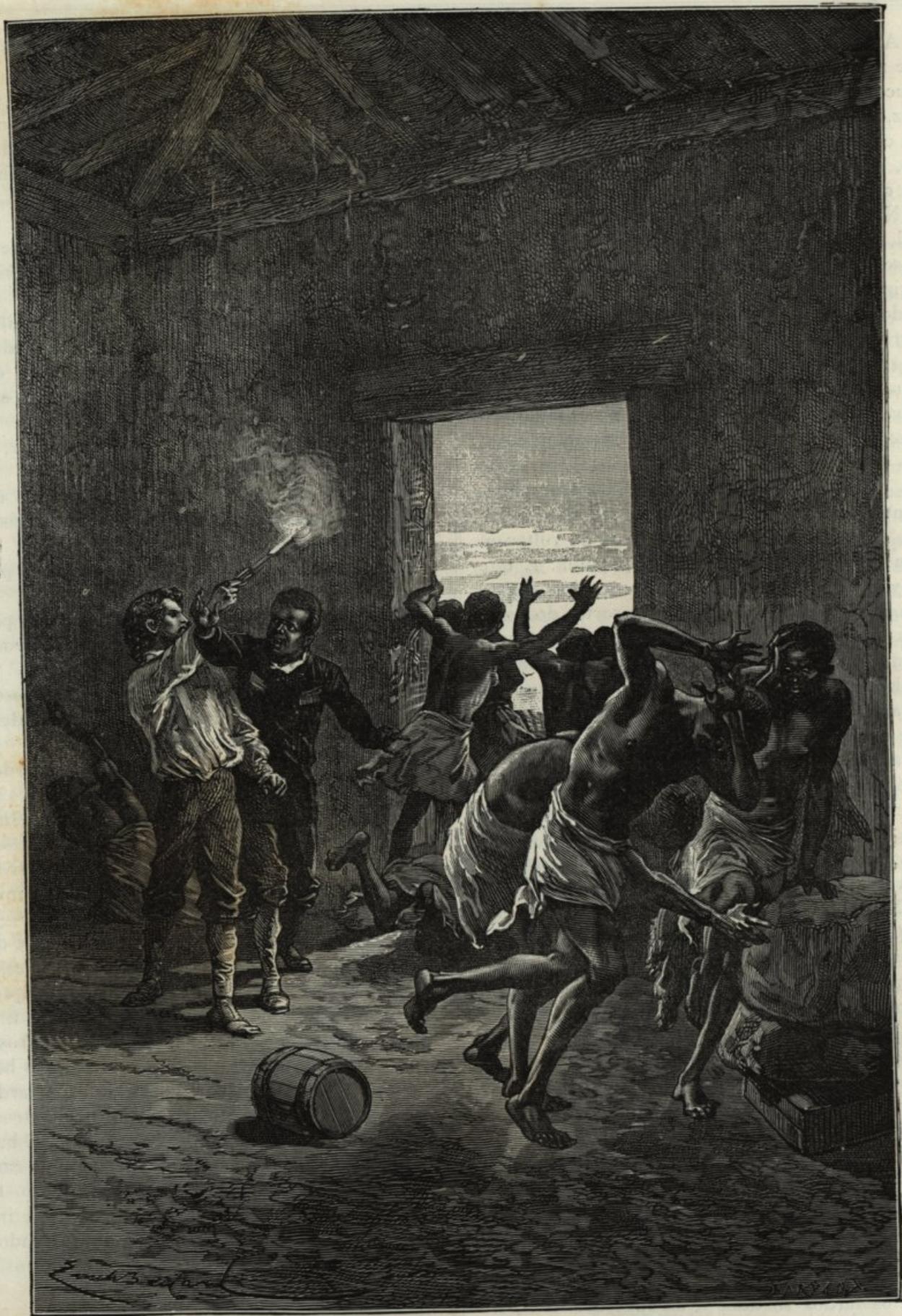
CUBATAS MONDOBES — Segundo uma photographia

Nesse dia chegou o preto Barros com as 40 panheiros, confirmando o que diziam as primeiras.



EM CIMA D'UM BOI — Desenho de A. Ferdinandus, segundo um esboço do major Serpa Pinto

Por elle soube que elles tinham saído de Caconda para o Bihé; acompanhados pelo ex-chefe, alferes Castro, e pelo degradado Domingos, que me tinham mostrado a impossibilidade de obter gente em Caconda, e que a obtiveram no dia em que eu sahi d'aquelle ponto.



O MAJOR FAZ FOGO SOBRE O SOBA DO DOMBO — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

A elles, talvez, devia eu a critica posição em que me achava, porque os meus companheiros, pouco conhecedores d'Africa, e nada d'aquelle paiz, não podiam julgar das difficuldades que me creavam, ao passo que aquelles dois senhores, de sobra as conheciam. Não os accuso de um crime, mas culpo-os de uma leviandade.

Não lhes quero mal, porque a ninguem quero mal, e um mez depois de se passarem os successos que estou narrando; espantado ainda dos perigos a que tinha conseguido escapar; prostrado no leito, onde me tinha prendido com garras de ferro a doença, proveniente de 20 dias de cruel agonia, a que elles deram causa, vi-os entrar, famintos e sem recursos, na casa de Silva Porto, que eu occupava no Bihé; e esquecendo todo o mal que me haviam feito, e não me lembrando de que um estava privado dos direitos de cidadão por uma sentença infamante, reparti com elles o pouco de viveres que eu tinha, dando-lhes os meios de voltarem com relativa commodidade a Caconda. É que eu vi n'elles, não só dois brancos, dois portuguezes, perdidos no já longinquo sertão do Bihé, mas vi mais os homens que me fizeram ter de mim uma opinião de que me sentia orgulhoso, os homens que em 20 dias de agonia que me deram, em mil perigos a que me lançaram, com que me fizeram lutar e que eu venci, me retemperaram a alma para commettimentos maiores. A elles devia a confiança que tinha em Deus e em mim mesmo; e, repartindo com elles o pouco que tinha, julgava pagar uma divida de gratidão, onde outros, succumbindo ao soffrimento, só veriam, talvez, um motivo de vingança.

Não antecipemos factos.

Capôco veio dizer-me, que no dia seguinte teria os 40 homens que queria, mas só até ao Sambo, porque elles se recusavam a ir mais alem; por estarem despeitados pela despedida dos 80 que se haviam reunido para ir a Caconda e ao Bihé, e que eu tinha dispensado. Alem d'isso, elles exigiam um pagamento muito superior; porque eu os havia contratado por 10 pannos de Caconda ao Bihé, e estes exigiam só do Huambo ao Sambo 8 pannos. Aceitei tudo, para poder partir.

No dia seguinte de manhã, reuniram-se os 40 homens; mas de repente surgiu uma nova difficuldade. Quando em Caconda fomos enganados pelo Bandeira, o Ivens tinha tirado a todos os fardos sortidos o algodão branco; porque os pretos que esperavamos do Bandeira

não queriam pagamento em outro genero. Esqueceu esta circumstancia, e eu, levando dois fardos sortidos, não levava nem uma só peça de algodão branco. A gente do Capôco declarou-me logo, que não queriam receber senão algodão branco, e não pegariam nas cargas se eu lh'o não dêsse.

Recusaram-se a receber o riscado, e já se iam, quando appareceu o Capôco, e não sem custo os decidiu a receberem metade em riscado, metade em zuarte.

Havia grande descontentamento entre elles quando ás 10 horas os fiz seguir acompanhados pelo guia Barros. Eu devia partir dentro de uma hora; mas fui atacado de tão violento accesso de febre, que tive de deitar-me.

Desde a vespera chovia torrencialmente, e sobre tudo a noite foi tempestuosa.

A febre começou a declinar ás 4 horas da tarde, e a chuva cessou. Pelas 5 horas, precisei sahir da libata e fui a um mato proximo, os meus passos eram vacilantes e apoiava-me pesadamente no meu bôrdão.

Precavido sempre, disse ao meu preto pequeno Pépéca, que me acompanhasse e trouxesse uma das minhas carabinas.

Ia a entrar no mato, quando a vinte passos de mim surge um enorme búfalo a olhar desvairado, resfolgando estrondosamente.

Tomei das mãos do pequeno a espingarda, e qual não é o meu desespero, vendo que, em logar de carabina, elle tinha trazido uma simples arma de caça, carregada de chumbo! Senti-me perdido e vi a morte inevitavel, terrivel caminhando para mim n'aquella fera, que mugia surdamente.

Lembrei-me de Deus, de minha mulher e de minha filha. A fera avançava aos saltos, n'esse irregular galope que elles tomam para o ataque. A 8 passos de mim, disparei-lhe o primeiro tiro de chumbo, elle parou meio segundo, para seguir logo. Ao disparar-lhe o outro tiro não havia mais distancia entre a bocca da espingarda e a cabeça do bufalo do que alguns decimetros. Atirei e fiz um enorme salto para o lado. O bufalo seguiu sempre, passando a tomar uma carreira vertiginosa, e desapareceu no mato. O meu Pépéca ria a bandeiras despregadas, e inconsciente do perigo, batia as palmas gritando: «O boi fugiu, o boi fugiu, teve medo de nós.»

(Continúa.)

SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 15)

GIL Vicente, na *Carta que mandou de Santarem a Dom João III*, sobre o tremor de terra de 26 de Janeiro de 1531, expõe as ideias philosophicas da Renascença, em que se conciliava a immutabilidade de Deus com a variabilidade dos phenomenos physicos devidos unicamente ás leis naturaes: «o altissimo e soberano Deus nosso *tem dois mundos*: o primeiro foi sempre e pera sempre; que é a sua resplandecente gloria, repouso permanente, quieta paz, socego sem contenda, prazer avundoso, concordia triumphante: mundo primeiro. Este segundo em que vivemos, a sabedoria immensa o edificou pelo contrario, de todo sem repouso, sem firmeza certa, sem prazer seguro, sem fausto permanente, todo breve, todo fraco, todo falso, temeroso, avorrecido, cansado, imperfeito; para que por estes contrarios sejam conhecidas as perfeições da gloria de segre primeiro.» (*Obras*, t. III, p. 385).

Gil Vicente conclue que o terremoto é um acontecimento que procede da natureza, alheio á intervenção divina, e que não pôde ser previsto: «que o tremor de terra ninguem sabe como he, quanto mais quando será e quammanho será. Se dizem que por astrologia, que he sciencia, o sabem: não digo eu os d'agora, que a não sabem soletrar, mas he em si tão profundissima, que nem os da Grecia, nem Moysés, nem *Joannes de Montereio* alcançaram da verdadeira judicatura peso de uma oução; etc.» Este Joannes de Montereio é o celebre Regio Montanus (1436-1476) traductor das principaes obras dos Astronomos gregos, auctor do Epitome do *Almagesto*, e observador do notavel cometa de 1472, cujos resultados foram dados á publicidade em 1531. Em nenhum escriptor, tanto como em Gil Vicente, se encontra a inspiração litteraria directamente derivada dos costumes nacionaes e populares; os seus Autos são documentos ethnologicos por onde se entra no conhecimento directo da vida intima, social e domestica do seculo XVI, tão largamente consignada nos milhares de processos da Inquisição. N'esses processos se acha exarado o estado de consciencia de um povo brutalizado pelo catholicismo intolerante; os constantes espectaculos de cannibalismo dos Autos de Fé aggravaram as hallucina-

ções populares fazendo da *Feiticeria* uma verdadeira doença contagiosa. O desastre de Alcaccer Kibir, em 1578, veiu avivar essa exaltação, como vemos pelo seguinte documento da epoca:

«É para chorar e acabar de pasmar da louquice d'esta terra. Haver n'ella donas illustres e de qualidade com tão larga licença como tomaram, na desolação, de andar no modo das *romarias*, e na invenção com que pedem a Deus vida e liberdade dos maridos e filhos captivos, porque não ha *devoção defeza*, que não façam, nem *feiticeria* que não busquem, para lhes dizer o que vae em Africa. Não ha beata que com as suas superstições as não roube de quanto teem. — Em cada rua as achareis com certo numero de mulheres após si, que buscam para cumprir a negra devoção ou superstição, descalças, embiocadas, parecem medos. Não sei aonde se acha tanta sarja; e para encherem a copia da devoção beguina, não fica em casa negra, nem rapariga que não vá no canto acompanhar-se sempre de um velho parvo, e de um rapaz travesso; etc.» (Carta de 1579, depois da derrota de Alcaccer-kibir, ap. Ribeiro Guimarães, *Summ.*, t. IV, p. 135.)

No seu *Auto das Fadas*, Gil Vicente divertiu a cõrte de D. João III representando uma velha Feiticeira com todos os seus ritos, sortes e palavras magicas da superstição popular. Eis o argumento d'este precioso documento litterario, onde se observa a relação intima entre a criação individual e a sua fonte tradicional: «*Na farça seguinte se contém, que uma Feiticeira temendo-se que a prendessem por usar do seu officio, se vae queixar a El-Rei, mostrando-lhe per razões que pera isso lhe dá, quão necessarios são seus feitiços.*» Transcreveremos as passagens mais importantes para relacional-as com as crenças e os costumes persistentes no seculo XVI:

Ando nas *encruzilhadas*,
 Às horas que as *bemfadadas*
 Dormem somno repousado,
 E eu estou com um enforcado
 Papeando-lhe á orelha.

Per *esconjuros* provados
 Fazendo vir dez finados
 Por saber uma verdade.

E havendo piedade
De mulheres mal casadas,
Para as vêr bem maridadas
Ando pelos adros nua,
Sem companhia nenhua,
Senão um *sino-samão*
Mettido n'um coração
De gato preto e não al.

Outrosi, quando a mi vem
Namorado sem conforto
Desejando antes ser morto
Que ter aquella paixão;
Cavalgo no meu cabrão
E vou-me a *Val de Cavallinhos*,
E ando quebrando os focinhos
Por aquellas oliveiras
Chamando frades o freiras
Que morreram por amores . . .
Eu c'o sangue do leão
Mexido c'o rabo da Huja
E allí o fel da coruja,
Eil-o mancebo aviado.

A velha Feiticeira, depois de muitas allusões engraçadas a personagens da côrte, diz que

sempre quiz ser *solteira*
Por mais estado de graça.

Ella descreve então os seus instrumentos da arte magna:

Vou pelo *alguidarinho*,
A candeia e o saquinho,
E veredes labaredas.

Gil Vicente põe a rubrica: «*Traz a Feiticeira hum alguidar e hum saco preto em que traz os feitios, os quaes começa a fazer dizendo:*

Alguidar, alguidar
Que feito foste *ao luar*,
Debaixo das sete-estrellas,
Com *cuspinhos* de donzellas
Te mandei eu amassar:
Oh cuspinhos preciosos
De beijos tão preciosos,
Dae ora prazer
A quem vos bem quer,
E dae boas fadas
Nas *encruzilhadas*.

Este caminho vae pera lá,
Est'outro atravessa cá;
Vós no meio, alguidar,
Que aqui cruz não hade estar.
Embora esteis, encruzilhada.
Perequi entrou, perequi sahiu.
Bem venhades, dona honrada,
Vae a estrada pela estrada.
Benta é a gata que pariu;
Gato negro, negro é o gato,
Bode negro anda no mato,

Negro é o corvo e negro é o pez,
Negro é o rei do enxadrez,
Negra é a vira do sapato,
Negro é o saco que eu desato.

Isto é fersura de sapo,
Que está n'este guardanapo,
Eis aqui mama de porca
Barbas de bode furtado,
Fel de morto excommungado,
Seixinhos do pé da forca:
Bolo de trigo alqueivado,
Com dois ratos no meu lar,
Per minha mão semcado,
Colhido, cosido, amassado
Nas costas do alguidar.

Achegade-vos a mim;
Que papades, meu chrubim?
Escumas de demoninhado.
Quem vol-as deu?
Dei-vol-as eu.
Fel de morto
Meu conforto;
Bolo cornudo
Vós sabedes tudo.
Bico de pêgo,
Aza de morcego.
Bafo de drago
Tudo vos trago.
Eu não juro,
Nem esconjuro,
Mas gallo negro suro,
Cantou no meu monturo.
E ditas as santas palavras
Eil-o demo vae, eil-o demo vem
Co'as bragas dependuras.»

(Ob., t. III, p. 97.)

Este typo da Feiticeira idealizado por Gil Vicente recebeu fôrma litteraria no romance picaresco da *Lozana andaluza*, e na inexcédível comedia da *Celestina*; a realidade apparece-nos nos processos do Santo Officio e nos costumes populares descriptos por D. Francisco Manoel de Mello. Da feiticeira Maria Antonia, lê-se em um processo do Santo Officio: «sem saber ler, nem escrever, curava todo o genero de enfermidade de quaesquer pessoas ou animaes que se lhe offereciam, lançando dos corpos de outros endemoninhados espiritos malignos; fazia unir as vontades discordes entre os casados, levantava os queixos da bocca aos que lhe cahiam, e fazia parir com bom successo as mulheres pejudas; observando sempre os effeitos das ditas cousas especialmente as quartas e sextas feiras da semana por as ter mais proporcionadas para os fins que procurava; usando para elles sómente de palavras, orações, benção, agua benta, terra de adro, de nove hervas, de cruces que fazia nos braços dos ditos enfermos ou sobre alguma

cousa dos mesmos, estando ausentes, mandando encher em rios ou fontes nove vezes uma quarta de agua, a fim de vasadas as oito a nona servisse para remedio dos ditos males. Para a cura das quaes primeiro estremecia e se esperguiçava e fazia visagens, com a bocca, cobrindo-a. Dizia que ella tomava os males e ár dos ditos enfermos, aos quaes mandava que passassem por pontes escuras para traz. Dava cartas a que chamava de tocar para fins torpes e deshonestos, mandando-as meter primeiro debaixo da pedra de ara sobre a qual se dissesse missa. Fazia supersticiosamente devoções, armando uma mesa de tres pés para cima, pondo em cada uma sua véla, ou candeia accesa, e no meio uma imagem de S. Arasmo, dando passos ao redor e fazendo rezas, e finalmente chamava pintãos, os quaes logo visivelmente lhe appareciam negros, e os consultava para saber d'elles como haviam de fazer as ditas curas, e dada resposta, desapareciam.»

Estes typos da Feiticeira, que adivinha o futuro e faz curas maravilhosas, pertencem ao fundo primitivo das raças áricas, apparecendo completos entre os povos scythas, thracics, getas, gaulezes e celtas; as druidissas ou *galli-govenas*, tinham o dom da visão e da prophacia, que se transmittiu ás actuaes *mulheres de virtude*. Diz Bergmann, no seu estudo sobre *Os Getas*: «Esta crença dos thracics e dos Celtas na aptidão especial das mulheres-írgens para a visão e para a prophacia, foi transmittida por elles a muitos povos do ramo geta, que, desde logo preferiram tambem as mulheres aos homens, mesmo para as praticas da adivinhação.» (Op. cit., p. 299.) A Feiticeira descripta por Gil Vicente tambem se conservou donzella, para ter maior poder: e como as Mulheres de Visão scandinavas, ella tambem adivinha pelo *caldeirão* (alguidar) nas *encruzilhadas*, e emprega o *bolo do sacrificio*. Diz Bergmann: «A adivinhação pelo *caldeirão*, usada pelos scythas, transmittiu-se tambem aos seus descendentes os povos do ramo geta. Exerceram-na entre elles, as Mulheres-Victimarias, chamadas Conselheiras do Sanctuario (*albi-runas*), que pela inspecção do sangue das victimas, que era recolhido no *bolo do sacrificio*, prediziam o destino e os acontecimentos futuros.» (*Les Getes*, p. 299.) E accrescenta: «A adivinhação pelo *caldeirão* era principalmente usada nos sacrificios, como a aruspicina entre os romanos. — Nos templos gregos, as grandes *tripodes* não eram senão os *caldeirões* primitivos do sacrificio collo-

cados sobre a sua tripeça.» (Ibid., p. 296.) Em Gil Vicente cita-se o *alguidar*, e no processo de Maria Antonia a tripeça é a mesa de tres pés para cima. ¹ Era nas *encruzilhadas*, ou encontro dos caminhos (*veksaman*, scyth.) que os scythas collocavam o caldeirão magico, consagrado a Targitavus: «Este *caldeirão* sendo sagrado, tornava tambem sagrado tudo quanto o rodeava; assim o largo da encruzilhada, bem como a fonte que aí se achava, eram ambos designados *Veksaman-paihur*.» Ainda hoje as encruzilhadas têm um character magico entre o povo portuguez. O caldeirão de bronze transformou-se no alguidar e na bacia, desde que o bronze deixou de ter um character magico. D. Francisco Manoel de Mello (*Cartas*, pag. 542) refere-se a este uso: «Com sonhos e *bacia de agua* ha dias que ando de quebra. Beata despida, de cabello solto, resando por entre dentes a *Oração de Santo Erasmo*, passeando a casa em louvor de Santo André nunca d'ella come bom bocado.» O rio ou fonte magica, que se liga ao caldeirão, acha-se citado no processo de Anna Antonia, da Inquisição em 1624: «E assim mais sahia a ré com o demonio no habito em que sempre lhe apparecia, a certo logar *junto d'um rio*, onde estavam algumas mulheres conhecidas da ré, em companhia de outros demonios...» O poder das mulheres de virtude para os amores e parto felizes deriva-se do culto lunar dos povos scythas e getas, d'onde segundo Bergmann procedem os germanos e scandinavos; Gil Vicente allude á circumstancia do alguidar feito ao luar, com cuspo de *donzellas*. Na poesia popular ainda se repete:

Benza-te Deus, lua,
De tres cousas me defendas,
Aguas correntes,
Fogos ardentes,
E morte supita.

Gil Vicente traz tambem o *bolo de trigo alqueivado*, que é o *bolo do sacrificio* das feiticeiras scythas. Os animaes que Gil Vicente cita no esconjuro da feiticeira acham-se nos proces-

¹ Garrett, que teve a intuição da alma popular, no seu bello romance do *Arco de Sant'Anna*, traça este retrato de uma bruxa: «D'ahi com uma pieira rouca e desafinada, se poz a cantar, ou antes a regougar estas trovas de má mente e má esconjuro, que lhe saíam trepidando dos beiços como espuma de feitiços que fervem n'um lar maldito em *caldeirão de tres pés*, manco, rachado, e ao lume de figueira verde. (Cap. XVIII.)

sos da Inquisição portugueza; no processo de Anna Antonia se lê, que o Diabo lhe apparece na *figura de um bode*, e: «Quando queria adivinhar chamava o Diabo, que lhe apparecia na figura de *gato preto*, se era de dia, e na forma humana de *homem pequeno*, se era de noite.» Do corvo já vimos as referencias no Cancioneiro da Vaticana. D. Francisco Manoel de Mello refere-se tambem ao *Valle de Cavallinhos* (Freira de Aenxins, p. 160 e 161): «Sempre está no cavallinho da alegria, mas vigie-se dos *cavallinhos fuscos*. . . — Onde enterra o senhor os que mata? — Entre as unhas em *valle de cavallinhos*.» Evidentemente estas phrases ainda hoje populares referem-se á superstição scythica e germanica acerca do cavallo: «Os germanos, como os seus antepassados Getas e Scythas, tiravam prognosticos do relincho dos cavallos. A cidade (*gavi*, germ.) sustentava nos bosques e florestas, *cavallos brancos* consagrados ao sol, livres de todo o traba-

lho profano. Prendiam-se ao carro sagrado e o ministro, rei ou o chefe da cidade seguia-os para observar os seus relinchos.» (*Getes*, p. 301.) É por ventura a estes costumes que allude a phrase *valle de cavallinhos*, e a festa dos *Cavallinhos fuscos*, que se acham citados no regimento da procissão de Corpo de Deus, no seculo XVI, refere-se á procissão germanica em que se escutava o relincho dos cavallos sagrados. Guthrie, descrevendo os costumes da Russia aponta tambem a sorte do *cavallo branco*, que devia marchar por cima de trez lanças sem as tocar, para que a victoria fosse certa. (*Op.*, p. 53.) Na tradição popular Sam Jorge apparecia nas batalhas montado em um *cavallo branco*, no qual tambem hade vir da ilha encantada o rei Dom Sebastião.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 12)

XIX

Visita aos Jacks-Jacks — Quilindja — Ainda Numba — Aur'é — O Foutou-foutou — O forte do Grã-Bassam — Abra — Cutu — Kan — Bunona — Acka — Escolas — Os fetiches — Riquezas commerciaes desconhecidas.

PURANTE a minha estada em Dabu, quiz ver com os meus proprios olhos como viviam nos Jacks-Jacks os intelligentes correctores de quem a rivalidade tantas difficuldades tem produzido para o nosso commercio, desde que elle se iniciou n'aquellas paragens. Agora reconhecem que a nossa actividade lhes tem sido beneficio e que lhes devem uma facilidade commercial até então para elles desconhecida. Cada uma das aldeias situadas na costa do oceano tem um porto commercial correspondente na lagoa. Desci em Alindja-Budon, que está sob o poder d'Alinja e que é vulgarmente chamada o Grande-Jack.

Alindja é uma povoação de 1:500 almas amontoadas n'um espaço de seiscentos metros quadrados. O seu chefe, Degré, é um homem de mediana estatura, bem lançado e com ar intelligente; os seus armazens conteem carga para dois ou tres navios; está tudo disposto em muita

boa ordem e a grande mulher ¹ é encarregada d'obstar a que nas mercadorias haja avarias.

Por este tempo as povoações Jacks-Jacks eram annualmente visitadas por trinta e dois navios; a casa King possuia dezaseis, Lowden treze, Powel tres.

Os Jacks não concedem ás tripulações inglezas ampla liberdade para descerem á terra; os navios de commercio pagam para ter o direito de estar ancorados o imposto de oito onças e o direito da tripulação saltar a terra custa uma onça por cabeça. Em 1867 os Inglezes compravam o cantaro d'azeite de palma por dez ou onze francos, o que daria para cada pipa, pouco mais ou menos, trezentos francos. Uns annos por outros compram cinco mil pipas por anno aos Jacks, cujas sete aldeias não estão ligadas por laço algum politico.

Bonny, abreviatura ingleza de Bonaparte, chefe d'Amoqua e Digré, são os chefes mais importantes e os que têm influencia decisiva em todos os demais. Coqueiros assombream o des-

¹ Muitas vezes a mais velha das mulheres assume o papel da mãe de familia e tem debaixo das suas ordens todas as outras.

embarcadouro e as cubatas de todas as povoações, e a maior actividade reina entre estes infatigáveis productores.

Visitei o meu velho conhecimento Numba, que tinha visto em Debrimou reunindo ao redor de si uma grande multidão com tanto entusiasmo como o fizera o defunto Mangim. Estava sem joias; as mulheres trabalhavam; a favorita, com uma tanga muito estreita e de duvidosa limpeza, tratava como as outras dos arranjos de casa; os aneis, os dentes de tigre, os collares tinham voltado para os cofres de Numba; os tanoeiros batiam vigorosamente os arcos das pipas d'azeite que Numba ia entregar aos inglezes.

A largura da península soffre sensíveis variações. Adjacuty, povoação de trezentas almas, designada nos mappas com o nome de *Trade-town* está situada no ponto mais estreito d'esta lingua de terra. Morphy é a ultima aldeia da confederação situada a este. Uma costa deserta se estende desde Morphy até Aur'é ou Pequeno Bassam, deante da qual se encontra o abysmo sem fundo; em Aur'é a península não tem duzentos metros de largura.

Situada em frente d'Abigeon e d'Ebrié, Aur'é podia ser a mais prospera aldeia Jacks, pois que pôde fazer os seus transportes por agua; mas a guerra constante, que ha entre esta povoação e os seus visinhos da terra firme, tem-a reduzido a precarias circumstancias. A praia é de facil accesso; a população dedica-se com grande actividade á pesca do mar. Esta aldeia tem uma organização municipal funcionando com regularidade; os pescadores entregam o peixe colhido a uma commissão e é esta que reparte o peixe com uma grande equidade. Em Aur'é não ha pobres; cada habitante faz coser o peixe que lhe coube em partilha. Já tive occasião de fazer notar que uma pequena povoação, situada entre Serra-Leoa e o rio Nunez, vivia em communidade; esta fórma só pôde ser exequível quando haja um absoluto aniquilamento da liberdade individual e uma acção despotica comprimindo toda e qualquer aspiração pessoal. As aldeias populosas n'estas regiões adoptaram todas a posse individual e só em Aur'é unicamente o peixe é dividido por cada habitante, analogamente ao que se passa com as florestas communaes em certos paizes.

As bananas pisadas n'um almofariz e o milho moido entre duas pedras de granito, tudo cozido com azeite de palma, compõe o *foutou-foutou*, que, misturado com peixe secco ou salgado e codimen-

tado com pimenta, constitue a base d'alimentação dos povos que vivem desde Lahou até ao cabo das Tres-Pontas e que a si proprios se designam com os nomes: Ahowimi, Kass, ou Agny. Algumas vezes uma gallinha coberta de pimenta vem alterar este regimen alimenticio. Mui raras vezes o carneiro e o boi apparecem nas mezas ricas; esses manjares são quasi exclusivamente reservados para as ceremonias funebres.

Tivemos um grande trabalho em conseguir que nos vendessem bois e carneiros em numero sufficiente; a gente d'esta região affirmou-me que no Gaman havia numerosos rebanhos e que era d'essa provincia que para Potou vinha o gado que nós lhe compravamos.

Não seria justo fallar de todas estas povoações e não dizer uma palavra do posto que creamos no Grã-Bassam. Em 1868 o posto fortificado consistia n'um quadrado de cem metros por lado, defendido por uma paliçada, tendo aos quattros cantos uma especie de bastiões feitos de terra; os armazens, o paiol, o quartel e a casa de habitação do commandante estavam mettidas dentro d'este recinto para o qual duas portas davam accesso, o serviço fazia-se ali militarmente de dia e de noite. Os soldados negros, os pilotos da barra, os Crumanos viviam fóra do recinto fortificado, assim como tambem o estavam as feitorias dos negociantes que tinham necessidade de grandes espaços para proceder ao tratamento do oleo de palma.

Mal provido, pouco visitado por navios, o nosso posto estava mui longe de possuir os armazens bem sortidos que eu visitára em Alindja, nos dominios de Digré ou de Numba. Não era porque o commercio não fosse lucrativo; podem exportar-se tres colheitas por anno, mas as casas que tinham apprehendido este commercio tinham falta de fundos e eram mal geridas.

A praça d'armas do posto de Bassam era assombreada por coqueiros que tinham ali sido plantados havia trinta annos pelos primeiros occupadores; hoje são arvores formosas. Eu mandei plantar centenas todos os annos; será um recurso para o futuro. O fructo do coqueiro produz um oleo superior ao da palmeira e o pericarpo dá uns filamentos com os quaes em toda a India se fabricam cordas. Esta arvore começa a ser muito cultivada nos terrenos alagadiços de Bassam e de Jelli-Coffi perto do cabo de S. Paulo. O coco já se tornou objecto de especulações lucrativas. Os fructos das palmeiras con-

têm uma amendoa que dá um óleo muito fino; este não é ainda procurado no Bassam, mas é objecto de largo commercio para Whyda e para Bonny.

Dois fortins feitos de pedra, situados a oitocentos metros do posto, defendem-o do lado do oeste, por onde se poderia temer uma nova tentativa de surpresa; mas as cousas mudaram muito de ha vinte annos para cá; a paz é tão completa que esses fortins não estão occupados desde 1858 e que hoje cahem em ruínas.

O ruído incessante produzido pelo mar na barra e a espuma das aguas que cahem em finissimo pô torna o viver em Bassam monotonico. As

estradas em volta de Dabu, os passeios que ellas facultam tornam o viver aqui preferivel. A febre amarella que tem invadido Bassam nunca fez estragos em Dabu.

Não quero abandonar esta importante região do Grã-Bassam sem dizer uma palavra d'Abra e de Bunua.

O chefe d'Abra, Cutu-Kan, é activo e zeloso; usa com muito orgulho um uniforme, objecto das ambições de todos os sobas pretos; mas nenhum outro traz um uniforme mais elegantemente. O nariz aquilino, o seu bigode retorcido, os olhos bem abertos dão-lhe um ar que nenhum outro preto possui. Os seus subditos



ASSINIA — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

são-lhes dedicados, e tão afeiçoados que, quando elle se ausenta por muito tempo para ir visitar algum sogro, (os negros têm muitos sogros) veem pedir ao commandante do posto que lhe rogue, volte ao seu domicilio legal.

Bunua, situada a quatro ou cinco kilometros do rio Comoé, tem por caes Yahu e Impérié. A sua população é de cinco ou seis mil habitantes; as suas ruas são largas, mas mal calçadas; muitas das cubatas cahem em ruínas; as casas dos chefes são espaçosas. Acka, a quem aquelle chefe obedece, teve durante certo tempo um procedimento equívoco, devido ás instigações dos enviados da Apollonia que, ligada com os Jacks, nos suscitavam embaraços de toda a ordem. Apollonia está sob o protectorado inglez e os agentes subalternos do governo do Cabo sem

duvida exageravam as instrucções d'este, pois que de continuo eram reprehendidos. Depois de muitas hesitações, Acka veio prestar-me vassallagem a Impérié, nas margens do Comoé.

Direi algumas palavras a respeito d'escolas. Em 1866, dei ordem em todos os postos da Costa d'Ouro para preparar uma grande casa que podesse conter as creanças que deviam receber ensino ¹. Alguns sargentos e furrieis dedicaram-se a esta obra meritoria; os monitores depressa começaram a ajudar os mestres e a rapidez dos progressos correspondeu ás esperanças que eu tinha concebido. Nunca houve edu-

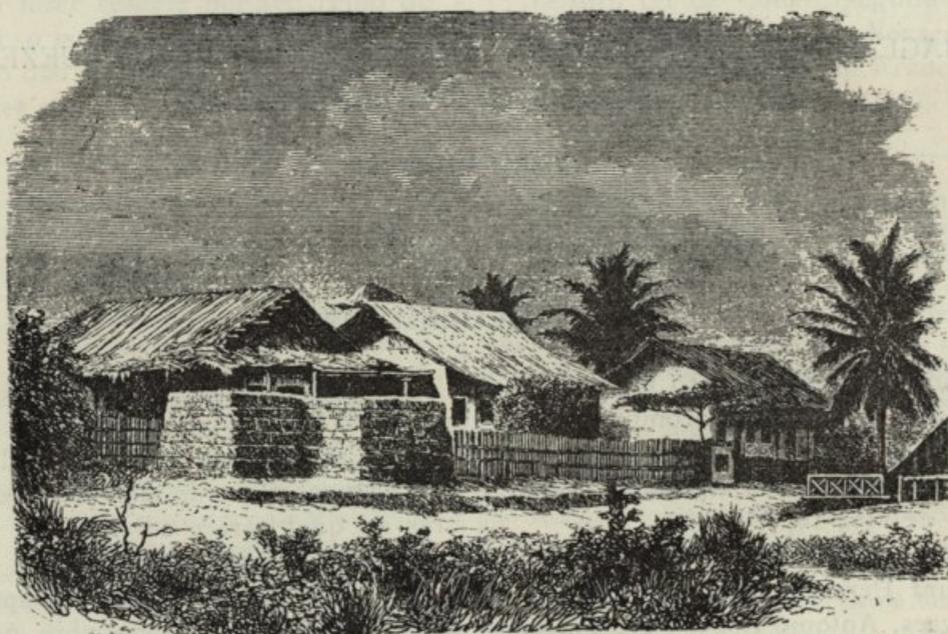
¹ As tentativas feitas pelo clero catholico para fundar escolas no Grã-Bassam não tiveram exito; a febre atacou os missionarios que nunca mais reapareceram n'estas regiões.

cação mais barata; por trinta centimos por dia dei casa, alimentação e vesti estas creanças que tinham por enxoval duas camisas e uma tanga. No fim de tres mezes sabiam ler e escrever e fallavam regularmente o francez. O tenente de marinha Laisné contribuiu extraordinariamente para esse resultado pelo zelo com que estimulou os progressos d'estas escolas, de que elle tinha sido o intelligente promotor.

As aldeias do interior têm geralmente um vasto espaço completamente descoberto que são verdadeiras praças d'armas; estes terreiros andam sempre bem limpos. As capellas dos feti-

ches estão edificadas nas orlas d'estas praças. As offertas são comidas ou bebidas. Eu perguntei a Cutu-Kan, se acreditava n'estes fetiches e elle respondeu-me: *É o bom Deus que fez o sol e nos dá as chuvas...* Aos seus olhos os fetiches são unicamente a representação d'uma divindade invisivel, sempre presente e que tudo pode ¹.

A justiça é praticada com muito escrupulo entre estes povos; quando se commette um assassinato, o filho da victima deve decapitar pela sua propria mão o assassino e passear pelas ruas d'aldeia, afim de afirmar que justiça é feita, á cabeça do decapitado. Perguntei a Assama,



ASSINIA : VISTA TIRADA DA PLANICIE — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

chefe do Grã-Bassam, como punia o roubo: mettem o criminoso dentro d'agua. Se o ladrão é reincidente a immersão é mais prolongada. Se pratica o crime pela terceira vez o réo é afogado. Comprehende-se que, com tal systema, o numero dos ladrões seja muito restricto.

Os feiticeiros accumulam a sua qualidade d'interpretes da vontade divina com a de medicos. A sua iniciação dura muitos annos; os aspirantes applicam-se a conhecer os simples sob a direcção dos seus mestres; este estudo é por escalla. O ensino dos venenos precede o dos contra-venenos, que é o ultimo estudo d'este curso. Estes doutores andam pintados com uma grande pretensão; a testa, as faces e corpo são zebradas com linhas amarellas e brancas. Os feiticeiros mais afamados são de Potu os quaes, segundo é crença popular, são muito habeis, em

repôr no seu logar as cabeças degoladas; têm muitos clientes e applicam amiudadamente ferro em braza ás mulheres que têm partos difficeis.

As substancias proprias de tinturaria abundam n'estas regiões. As madeiras de marcenaria ainda não foram exploradas, mas as madeiras de tinturaria têm-o sido e valem bem o campeche. A borracha tambem não é explorada. O azeite e o ouro são os dois unicos productos que absorvem a actividade commercial, sendo todavia o commercio do azeite mais vantajoso que o do ouro.

Desde 1869 estas regiões foram abertas ao commercio estrangeiro mediante direitos d'al-

¹ Na costa d'Ouro creem n'uma creança nascida com o mundo, em quem a morte não tem poder e que eternamente se conservará creança. É mais uma afinidade com o Egypto. É facil de conhecer n'este mytho o deus Bess.

fandegas, direitos que cobriam todas as despesas d'ocupação. Segundo as nossas informações, os negociantes inglezes têm imprimido um novo impulso ao negocio do azeite o qual pôde attingir dez mil pipas, isto é um valor de tres milhões de francos para a exportação e um milhão de francos para a importação, ao todo quatro milhões. É um dos grandes mercados de azeite da costa d'Africa. A guerra que assolou a região comprehendida entre Apollonia e Accra

devia ter por effeito o duplicar a procura de azeite no Grã-Bassam e o nosso commercio um dia sem duvida se arrependera de não ter comprehendido que estava senhor d'uma das mais ricas bacias da costa. A falta de persistencia é principalmente apontada como sendo um dos caracteres da nossa raça; abandonamos os negocios na occasião mesmo em que a sorte vae mudar.

(Continúa)

MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1574-1620

DA MINA AO CABO NEGRO

SEGUNDO

GARCIA MENDES CASTELLO BRANCO

GARCIA Mendes Castello Branco foi um dos fidalgos aventureiros que acompanharam Paulo Dias de Novaes, o celebre conquistador de Angola, na sua segunda e numerosa expedição de 1574-1575.

Oito são geralmente citados: Luiz Serrão, Antonio Ferreira Pereira, Pedro da Fonseca, parente de Novaes, Antonio Lopes Peixoto, seu sobrinho, Garcia Mendes Castello Branco, Manoel João, João Castanho Velez e Jacome da Cunha.

As campanhas asperrimas da Africa Austral não tiveram, como as da India, os esplendores da glorificação historica.

O nome de Garcia Mendes, como o de Balthazar Rebello, como o de tantos outros, perdeu-se na ingrata obscuridade dos archivos.

Ahi encontraremos, talvez, um dia o registo dos seus serviços:

Por agora, casualmente encontrados, temos só os documentos seguintes, que, desenhando com soffrivel nitidez um espirito sagaz e organisador e um character ambicioso e insinuante, são por todos os titulos extremamente curiosos.

Elle foi explorador, capitão, juiz, e muito provavelmente mercador.

Fez a guerra em terra, e andou no mar explorando a costa e os resgates.

Em 1620 achava-se em Madrid advogando o seu original plano do aforamento dos sobas, por trás do qual parece adivinhar-se a politica cobizosa dos jesuitas do tempo, se é que Garcia Mendes não procurava apenas captar a boa vontade da poderosa Companhia que elle sabia quanto valia e representava, então, na administração ultramarina.

São do Archivo da Ajuda todos estes documentos.

I

1603¹

Relações com o Congo—Paizes do interior onde vão os portuguezes—Vassallagem do Congo—Fortaleza em Pinda—Minas de Pemba—Padres.

Relação que faz o capitão Garcia Mendes Castello Branco, do reino do Congo:

Haverá cem annos, pouco mais ou menos, que um rei de Congo, que então reinava, se fez nosso amigo e pediu christandade.

Mandaram-lhe os reis de Portugal religiosos.

¹ Os magnificos artigos que se vão seguir são devidos á obsequiosidade do seu erudito colleccionador e commentador.

¹ As datas que fixamos a este e aos documentos 3.º, 4.º e 5.º são simplesmente hypotheticas. Esta de 1603, foi-nos suggerida pelo primeiro estudo que fizemos do documento,

Tem-se feito a maior parte d'aquelle reino, ou quasi todo, christão.

O dito reino é terra pobre de mantimentos.

Sustenta-se a gente d'elle com alguns legumes.

É preguiçosa.

O que tiverem hoje o hão de comer e não se lembrar guardar para amanhã.

São pouco lavradores e tem falta de gados.

Não são animosos, antes covardes.

Este rei do Congo que agora reina é tyranno e mostra a mesma má vontade que os passados em tudo o que pôde, porque todas as vezes que se lhe antolha cerrar os caminhos aos pombeiros, que vão a fazer resgate por seu reino de peças e panaria, o faz.

E se lhe não dão dadivas os não deixa passar, e assim elles são reteudos muitos dias, gas-

tando parte do que levam até o contentarem.

Por seu reino vão os portuguezes ao reino de Macoco a resgatar, e assim ao reino de Ybare e ao de Bozanga, que é um rei poderoso e se não pôde ir por outra parte, que d'estes reinos vem os escravos e a panaria, que no de Congo não se resgata gente, mais que pano, salvo algum mau feitor².

O dito rei de Congo se faz amigo d'estes reis que digo, e o estimam pelo respeito das fazendas que lá lhes levam os portuguezes, e por esta causa tem as amizades d'elles.

E assim tudo o que tem nos deve.

O dito rei de Congo, segundo me disse o governador Paulo Dias de Novaes, quando os reis de Portugal mandaram Francisco de Gouveia, que era governador de S. Thomé, com

antes de que podessemos confrontal-o com os que se lhe seguem. Esse confronto, porém, trouxe-nos a suspeita rasoavelmente fundada, também, de que muito depois, dezoito ou vinte annos talvez, fôra escripto. Apresentando, porém, as razões de uma e de outra hypothese, pareceu-nos melhor não alterar a ordem em que tinham sido dispostos os textos, quer para não quebrar a tal ou qual ligação dos assumptos, quer para evitar delongas de publicação, tendo esta agora de fazer-se dentro de certos limites de tempo.

«Ha cem annos, pouco mais ou menos» — escreve Garcia Mendes, referindo-se á primeira tentativa de christandade no Congo. Parece, pois, que a data do documento não deveir muito alem de 1586 ou de 1590. Que é, porém, posterior provam-n'o as referencias á carnificina que fez nos nossos o Matamba (1590), á companhia de João Furtado de Mendonça, governador desde 1593 a 1602, e ainda o facto de já formarem um bispado os chamados reinos de Angola e Congo, o que só aconteceu em 1597. É evidente o erro de Lopes de Lima quando, transcrevendo um texto d'este documento, diz que elle é de 1592, confundindo-o porventura com outra memoria, — a de Brito, — até hoje igualmente inedita e que esperamos poder publicar.

Que não vac, comtudo, além de 1610, é natural inferir-se da referencia á necessidade da construcção da fortaleza de Pinda, em que se não faz allusão á ida, aliás mallograda, de Antonio José Pita, para esse fim ao Congo, parecendo falar-se de uma idéa não ensaiada ainda. Ora, propondo Garcia Mendes que fosse nomeado bispo, um jesuita, afigura-se-nos que não houvesse então prelado. Deixára realmente de o haver em 1602 por morte de fr. Miguel Rangel que residira no Congo, mas em 1604 já estava um nomeado, que em 1605 era succedido por outro, ao qual succedia em 1606 um que residiu em Loanda, e só falleceu em 1624. Combinadas estas circumstancias, suppozemos dever collocar a data do documento entre 1602 em que deixára de haver bispo, e a de 1604 em que deixava de ser rasoavel, porque o havia, a proposta de Garcia, de que fosse nomeado um, de entre os jesuitas que se enviassem ao Congo. E então o «pouco mais ou menos» de cem annos, ficaria reduzido ás acceptaveis proporções de mais doze ou dezasete annos apenas.

Encontrámos, porém, os outros documentos, evidente-

mente posteriores a 1620, e não sómente n'elles reaparece a phrase dos «cem annos pouco mais ou menos», apesar de terem então decorrido mais de cento e trinta depois do facto a que essa phrase se refere, da primeira evangelisação do Congo, mas repetem-se ali, como actuaes, certas circumstancias e noticias do documento primeiro, e por mais de uma vez parece reproduzir-se o texto. Lá se encontra também a indicação relativa á nomeação de um bispo jesuita, dizendo-se que está vago o cargo, e como o documento respectivo é evidentemente posterior a 1620, segue-se que deve ter sido escripto entre o fallecimento do bispo D. Fr. Manuel Baptista, em 1624, e a nomeação de D. Francisco de Soveral em 1625, pois que no anno seguinte a sé do Congo era transferida para Loanda, pelo bispo successor d'aquelle, D. Fr. Simião Mascarenhas, facto importante a que Garcia Mendes não deixaria de referir-se, etc.

O confronto dos textos parece pois estabelecer que o nosso primeiro documento foi escripto pouco antes ou pela mesma epocha que o terceiro, e este foi-o irrecusavelmente depois de 1620, muito provavelmente em 1624, mas o que não é menos certo é que os factos referidos ou alludidos no primeiro, não parecem ultrapassar muito a data de 1602, ou chegar á de 1610, e que entre estas duas datas temos como maior vacatura do cargo de bispo do Congo, a que indicámos. Em 1603 não havia bispo, havia-o em 1604, em 1605, em 1606, succedendo-se tres bispos, é certo, e sómente em 1624 se dava nova vacatura. A referencia do rei do Congo, que então reinava, coincide com a noticia que temos do rei D. Alvaro II, e apesar de uma certa conformidade na redacção d'este documento com os que são posteriores a 1620, a idéa de que elle data de 1603, continua a apresentar-se-nos como a melhor, alem de parecer mais conforme com a escripta d'elle, posto que a differença de calligraphia e a falta de assignatura nos não illucidem sobre se elles são realmente do proprio punho de Garcia Mendes. De resto, ou seja realmente de 1603 ou de 1621 ou de 1624, a differença de dezasete, de vinte e um, ou melhor de dezaseis annos, suppondo que Garcia regressasse ao reino em 1619, pois que em 1620, é evidente que estava em Madrid, não altera essencialmente as suas informações.

² Ybare, é seguramente o *Ibari* de Stanley, Descendo o

gente libertal-o, que estava esbulhado do seu reino pelos jagas ou zimbas, e o restituiu o dito Francisco Gouveia, e lhe tomou menage de vassallagem, em que elle prometteu ser vassallo e tributario de Vossa Magestade, e se buscarem livros na Torre do Tombo em Lisboa pôde ser que se ache esta clareza, por onde é vassallo de Vossa Magestade e não senhor absoluto de seu reino, como elle se faz ³.

E me lembra que quando o Bispo de Congo, D. Martinho de Ulhoa, que era tambem Bispo de S. Thomé, lhe deu o titulo de Alteza, o dito Governador Paulo Dias lh'o estranhou e contrariou muito.

E não ha de mostrar o dito rei de Congo, cartas, segundo minha lembrança, que o dito Governador lhe chamasse mais que senhoria, e reprehendia a todo o homem que lhe chamava Alteza, e d'isto me atrevo ainda hoje a tirar informação nos ditos reinos se quizerem tiral-as,

que elle entende ser o Zaire ou Congo, Stanley na altura de 1° 40' 44" de lat. N. e 18° 44' de long. E. Gr. pergunta ao chefe de uma aldeia que chama Rubunga, n'uma linguagem, como elle diz, mixta de kissuahili, de kuiyamúesi, de kidjidjidji, de kerégga e de kikussu, como se chama aquelle rio. *Ibari*, responde o chefe e, «depois de um instante de hesitação, comprehendendo melhor o alcance da pergunta: *Ikutu-ya-Congo*, acrescenta com voz sonora.» Aqui encontra o explorador, com agradável surpresa, algumas antigas espingardas portuguezas, e ouve que os povos que se encontram abaixo de Rubunga são os Bakonngo (Ba-congo, decerto), os Vuiyaka (os Iaccas, positivamente) os Manngala (Ban-gallas, sem duvida). Naturalmente o chefe quiz simplesmente exprimir que aquelle rio conduzia... ao Congo.

Mais abaixo, em 3° 14' 4" Stanley torna a encontrar, diz elle, o que então chama *Ibari-Nkutu*, que na sua opinião é indubitavelmente o Coango dos portuguezes, grande tributario do Zaire. Á região correspondente chama elle *Ibaka*, que supomos ser a *Iacca* dos nossos exploradores. Quando publicarmos outros documentos veremos como muitas vezes Stanley confirma nas suas bellas descripções as dos portuguezes dos seculos XVI e XVII relativamente a estas regiões d'elles então descobertas e exploradas. Não ha pretensão mais absurda do que a de querer chrismar o Zaire, em Levingstone!

Macoco, e n'outros *micoco*, que poderia confundir-se com o paiz dos *Ma-quidcus*, é o famoso reino que apparece citado em muitas outras antigas narrativas portuguezas, que alguns escriptores francezes, com a maior sem-ceremonia, dizem descoberto agora por Brazza, e que Stanley suppunha uma illusão portugueza: *mikoko* diz elle, em idioma nbunda, significa simplesmente rio. É a terra dos Anzikos ou Grande Angeka, da velha geographia, povos expressivamente descriptos por Duarte Pacheco e Duarte Lopes (sec. XVI).

Mais difficil é determinar o que fosse a *Bozanga*, que por ora sómente encontrámos citada por Garcia Mendes. Não será, porém, a terra dos *Ba-songos*. Cremos que sim, sem mesmo precisarmos de mais esta prova de quão longe explorámos sempre o sertão africano.

quando cá se não achem papeis, pelo que tenho este rei por vassallo de Vossa Magestade e seu tributario.

Lembra-me que quando chegamos ao reino de Angola, reconhecendo o rei de Congo, que então era, o beneficio que Vossa Magestade lhe tinha feito em o restaurar no seu reino, de que estava esbulhado e mettido nos matos, por não ter na sua terra oiro nem prata com que pagar tributo, offereceu ao Governador Paulo Dias de Novaes uma quantidade de dinheiro de zimbo, que é o que corre em seus reinos, e por uma provisão sua, que está nos livros da feitoria de Angola, que eu vi, de que pôde Vossa Magestade mandar buscar traslado, para saber esta clareza, offereceu pagar tributo, o qual pagou alguns annos, e depois que fôram de cá governadores que não se deram bem com elle, o deixou de pagar, e estava tão sujeito a nós e tão humilde até o tempo em que Matamba nos matou aquella gente, que tremia de nosso nome, e se não era com suas invenções secretas não ou-sava nem fallar, mas elle viu se nos tinham levantado todos os da terra e que não tinhamos pessoa por nós, com que se animou ⁴.

³ Esta invasão dos iaccas ou jagas no Congo succedeu em 1558, e do soccorro decisivo que Portugal enviou em 1570 ao chamado rei Dom Alvaro I, repellindo a invasão, e restituindo-o ao seu estado, fallam muitos outros documentos do seculo XVI, que publicaremos. É certo, porém, que já muito antes d'esta epocha o Congo se podia considerar como paiz vassallo, tendo-lhe o nosso D. Manuel conferido até escudo de armas, etc., como veremos.

⁴ N'algumas publicações erra-se a data d'este successo, fixando-a em 1589, quando elle se deu em 1590, e vem perfeitamente narrado em varios manuscritos contemporaneos. Tendo morrido Paulo Dias de Novaes, procurou realisar a idéa d'este, de uma grande expedição ao Dongo e da tomada da residencia do rei Ngola, isto é, de *Cabassa* ou *Cabaça* (*Nbanza-ia-Cabaça*, segunda côrte ou segunda *nbanza*, em Pungu-á-ndongo, por opposição a *Nbanza-ia-Caculu*, ou primeira, antiga residencia, ou *nbanza*, Loanda), o successor de Novaes, Luiz Serrão, passando o Lucalla com um pequeno exercito dividido em tres corpos, um sob o seu directo commando, outro sobre o do capitão mór André Pereira Ferreira, e o terceiro sob o do sargento mór Francisco de Sequeira. Ao encontro lhe saiu uma enorme multidão de gente de diversos potentados sertanejos, que envolveu e esmagou a força portugueza. Foi o encontro em sitio chamado, por uma memoria coeva, Lucanzo, d'onde Serrão retirou com os que se poderam salvar para outro sitio chamado Aquibolo, cincoenta e cinco leguas d'onde se deu a batalha, e d'ali para Bamba Antungo, (talvez Bano Antungo ou Mbanba Tungu, proximo de Massangano). A expedição internara-se consideravelmente, mais de cem leguas talvez, segundo se deprehende de outros manuscritos.

(Continúa.)



O MAJOR SERPA PINTO LANÇA POR TERRA E DESARMA PAIANCA — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 17)

YOLTEI a casa do Capôco, e passei a noite mais socegado. Quiz escrever, e para isso improvisei uma luz de manteiga de porco em uma velha caixa de sardinhas de Nantes.

Era a 21 de fevereiro de manhã. Despedi-me do Capôco, e febril ainda, segui caminho do Sambo. Antes de chegar ao Calae, recebi um bilhete. Era elle do guia Barros dizendo-me, que na vespera á noite, os carregadores tinham fugido todos, deixando as cargas na libata do século Quimbungo, irmão do sova Bilombo.

Parei, e mandei chamar o Capôco. Conte-lhe o occorrido, e elle disse-me que seguisse para a libata do tio, que tudo ia remediar. Segui ávante, e pouco depois passei o Calae, que corre N. S. para o Cunene, tendo ali 30 metros de largo por 1,5 de fundo, com violenta corrente.

As margens são vastas planicies levemente accidentadas e cobertas de gramineas, por entre as quaes surge aqui e além um solitario dragoeiro. O solo é de formação animal, e todo o terreno é coberto por um mundo infinito de termites, ou antes o cobre.

Uma ponte, construida toscamente de troncos de arvore, une as duas margens do rio, 100 metros a montante da ponte, recebe o Calae um affluente importante, o Cuçuce, que traz volume d'agua igual ao seu. Caminhei a E. N. E., e pelas 10 horas passei junto á libata do século Chacauimbamba, em cuja frente havia grande ajuntamento de gentio. Passei sem nada me dizerem: mas tinha andado uns 50 metros, quando senti um grande barulho do lado da libata. N'esse momento Verissimo correu a mim e disse-me que havia questão com um carregador nosso.

Voltei a traz e vi o preto Jamba, carregador da minha mala, a quem tinham tirado a espingarda, o que conseguiram facilmente, porque elle a largou com receio de deixar cair a mala,

que continha os chronometros e outros instrumentos delicados.

Além da arma, elles tinham mettido para a libata uma cabra e um carneiro, que me tinham sido dados pelo Capôco. Intimei-os a que me entregassem o roubo; mas apenas me responderam com um murmurio ameaçador.

Calculei rapidamente as circumstancias, e vi-me com 10 homens, cercado por 200 que me ameaçavam furiosos.

Esqueci por um momento toda a prudencia e bom senso, e quiz experimentar o que valiam esses 10 homens, que no futuro teriam de ser meus socios em perigos maiores, e caminhando para a porta da libata, armei o revolver e ordenei-lhes que entrassem e me trouxessem o roubo. O meu preto de Benguella, Manoel, um moço de que eu nunca fizera caso, soffreu uma transformação subita, e armando a carabina, de um salto entrou na libata. Foi logo seguido por Augusto, Verissimo e Catraio grande. Os outros seguiram, e eu, estudando os meus homens, esqueci-me de mim, e podia ter sido victima do furor da populaça que me cercava; mas a nossa audacia espantou-os, e recuaram, vendo sahir da libata Verissimo com a cabra, o Augusto com o carneiro, e os outros de carabina prompta cobrindo-lhes a retirada.

A arma, mais facil de esconder do que os animaes, não foi encontrada, mesmo em uma segunda busca mais minuciosa do que a primeira que o successo d'esta tinha auctorisado.

Os meus pretos, animados pela indecisão dos gentios, só proferiam palavras de morte, e custou-me a contel-os para que não fizessem fogo sobre os indigenas.

Consegui acalmal-os, e prometti-lhes que em breve teriamos satisfação plena.

Eu dizia isto fiado no Capôco, em quem já confiava um pouco.

Seguimos, uma hora depois, e a 1,30 passava

o rio Põe, affluente do Calae, que tem 5 metros de largo por um de fundo, cujo leito lodoso e molle dá difficil passagem.

Às 3 horas chegava á libata do século Quimbungo, irmão do sova do Huambo, onde estavam as cargas abandonadas e o preto Barros. O Quimbungo recebeu-me muito bem, e disse-me que me daria carregadores até ao Sambo, e sabendo do occorrido de manhã, pediu-me que não fizesse mal ao século Chacaquimbamba, que elle me faria entregar a arma roubada, e dar plena satisfação do insulto. Pelas 6 horas, chegou ali o Capôco, trazendo alguns carregadores dos que tinham fugido, e as fazendas apprehendidas aos outros, fazendas dos pagamentos que eu havia feito adiantados. Disse-me, que no dia seguinte me faria entregar a arma roubada, e poria á minha disposição o chefe da povoação para eu o castigar.

Que não receasse eu mais fuga de carregadores, porque elle mesmo, ou o tio, me acompanhariam até ao Sambo.

Fui deitar-me ardendo em febre, e passei uma noite horrivel.

No dia seguinte reuniram-se mais carregadores; mas não ainda os sufficientes.

Capôco tinha partido logo de madrugada para casa do Chacaquimbamba, e ao meio dia appareceu-me com a arma roubada e aquelle século, a quem perdoei a offensa da vespera. O delinquente deu-me mil satisfações, e melhor do que as satisfações, dois magnificos carneiros.

Capôco, esse homem selvagem e feroz, que é o terror do Nano, esse homem que eu consegui dominar completamente e que tantos serviços me prestou, despede-se de mim e volta á sua libata, recommendando-me instantemente ao tio.

De tarde desencadeou-se sobre nós uma horrivel tempestade, e á chuva torrencial misturava-se o raio e o trovão da tormenta perpendicular. Recresceu-me a febre.

Durante a noite nova tormenta; mas com chuva moderada. O século Quimbungo, logo de manhã cedo, me veio dizer estarem promptos os carregadores; mas exigirem o pagamento adiantado.

Recusei positivamente, porque, além da experiencia adquirida com o mau resultado dos pagamentos adiantados, foi conselho do Capôco, nunca fazer taes pagamentos.

Os homens recusaram-se a seguir e foram-se. Quimbungo reúne a gente da sua povoação, e ordena-lhe que sigam commigo; elles obedeceram,

mas são mui poucos, e reunidos aos que me trouxe o Capôco, deixam ainda 27 cargas, que eu entrego ao Barros, e que o Quimbungo promete mandar-me amanhã para o Sambo, para onde eu decidi seguir immediatamente.

Parti ás 10 horas a léste, e uma hora depois passei o rio Canhungamua, de 30 metros de largo por 4 a 5 de fundo, que correndo ao sul vae unir as suas aguas ás do Cunene.

Uma ponte de troncos de arvore, de construcção nova, deu-me facil passagem e á comitiva, que na margem esquerda do rio se recusou a ir mais longe n'aquelle dia, sendo-me preciso empregar a maior energia para os fazer seguir até ás 3 horas, hora a que acampeei n'uma espessa floresta de acacias.

O mau tempo continuava sempre, e a febre resistia ao muito irregular tratamento que eu lhe podia fazer.

Durante a noite uma trovoadá horrivel, correndo de S. O. a N. E., passou junto de mim, despedindo raios e chuva torrencial.

Levanto campo no dia seguinte ás 6 horas, e duas horas depois, passava o Cunene, em ponte construida, como todas n'esta parte d'Africa, de troncos grosseiros. O rio tem ali 20 metros de largo por 2 de fundo, e corre ao Sul. As margens são levemente accidentadas, cobertas de gramineas, e pouco arborisadas. Duas fileiras de arvores, mui semelhantes aos salgueiros da Europa, desenhám duas linhas tortuosas, por entre as quaes o rio deslisa com veloz corrente em leito de areia branca e fina.

Descancei um pouco, depois de ter feito as observações precisas para determinar a altitude, e segui ao meio dia, alcançando, pelas 2 horas, a libata do sova Dumbo, no paiz do Sambo.

Este soveta é vassallo do sova do Sambo, é homem rico e tem muita gente nas povoações que governa. Recebeu-me muito bem, e quiz que me hospedasse na libata, o que aceitei.

Prometteu-me carregadores para o dia seguinte, ainda que me disse ter eu chegado em má occasião, por ter muita gente fóra em guerra. Paguei e despedi os carregadores do Quimbungo, e fiquei certo de seguir no dia immediato.

Pouco antes de mim tinha chegado ao Dumbo um século rico, que mora na margem do Cubango, chamado Cassoma, e vinha visitar o soveta de quem era amigo. Este Cassoma, com quem não sympathisei, veio fazer-me mil protestos de amizade, offerecendo-se para me acompanhar ao Bihé.

De tarde mandei ao soveta 3 garrafas de aguardente, e fiz lembrar-lhe que não faltassem os carregadores na manhã seguinte. Ao contrario dos usos da hospitalidade do gentio n'estas paragens, o soveta nada me mandou para comer, e eu e os meus tivemos fome, porque ninguém nos vendeu farinha.

Seriam 8 horas da noite, quando eu, de muito mau humor e estomago vazio, me ia deitar, senti bater á porta e logo entrarem o soveta Dumbo, o tal Cassoma e um secúlo chamado Palanca, amigo e principal conselheiro do soveta, e cinco das mulheres d'este ultimo.

Conversamos um pouco sobre a minha viagem; mas de repente o Cassoma, interrompendo a conversa, disse ao soveta: «Nós não viemos aqui para conversar, queremos aguardente, e diga a esse branco que nol-a dê já.»

O soveta animado pela arrogancia do Cassoma, disse-me, que lhe desse aguardente a elles e ás mulheres. Eu respondi-lhe que já lhe tinha dado tres garrafas, que elle nada me tinha offerecido, que era esta a primeira hospedagem que eu recebia de um chefe em que me deitava com fome, e por isso não lhe daria nem mais uma gota de aguardente. O Cassoma metteu-se logo na questão, animando o soveta contra mim, e entre nós começou uma controversia que durou mais de uma hora, em que eu fiz prova de uma prudencia e paciencia sem limites. Por fim elles concluíram dizendo-me, que pois eu lh'a não queria dar por bem, m'a iam tirar á força.

Eu então, perdendo a paciencia, empurrei com o pé o barril, e armando o revolver, perguntei-lhes qual era o primeiro que bebia.

Elles vacillaram um momento, mas o Cassoma disse ao soveta: «Tu és rei, vae, bebe

primeiro.» Dumbo, tirando o cobertor que o envolvia, entregou-o ao Palanca, dizendo-lhe: «Guarda-o, para que o branco m'o não furte,» e caminhou ao barril.

Eu levantei o revolver á altura da cabeça do soveta e fiz fogo; mas Verissimo Gonçalves que estava junto a mim, empurrou-me o braço e á bala, desviando-se da pontaria, foi cravar-se na parede.

Os tres negros, transidos de medo, recuaram até á parede; e as cinco mulheres fizeram um berreiro horrivel.

Eu ouvi então junto á porta uma estrepitosa gargalhada que me chamou a attenção, e divisei na sombra dois homens encostados ás carabinas, que riam como riem pretos. Eram os meus Augusto e Manuel, que se tinham approximado ao ouvirem a discussão, e que, acompanhados dos outros oito homens, guardavam a porta.

O Verissimo disse então ao soveta e aos seus companheiros, que se fossem deitar, e não me dissessem mais nada, porque, se eu me zangasse outra vez, elle não lhes poderia salvar a vida como ha pouco.

Elles tomaram o prudente conselho, e retiraram-se, ficando tudo em silencio.

Sem o empurrão que me deu o Verissimo, eu teria morto um homem, e na situação em que nos achavamos, estaríamos completamente perdidos. Foi elle que salvou tudo.

Com a excitação que me produziu a colera, recresceu a febre,

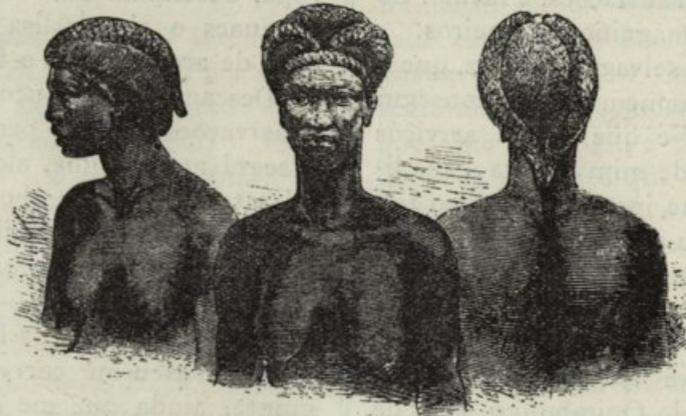
e cahi sem forças nas pelles que estendidas no chão me serviam de leito.

Os meus pretos deitaram-se aavez da porta e disseram-me, que dormisse descançado, que elles velariam por mim.

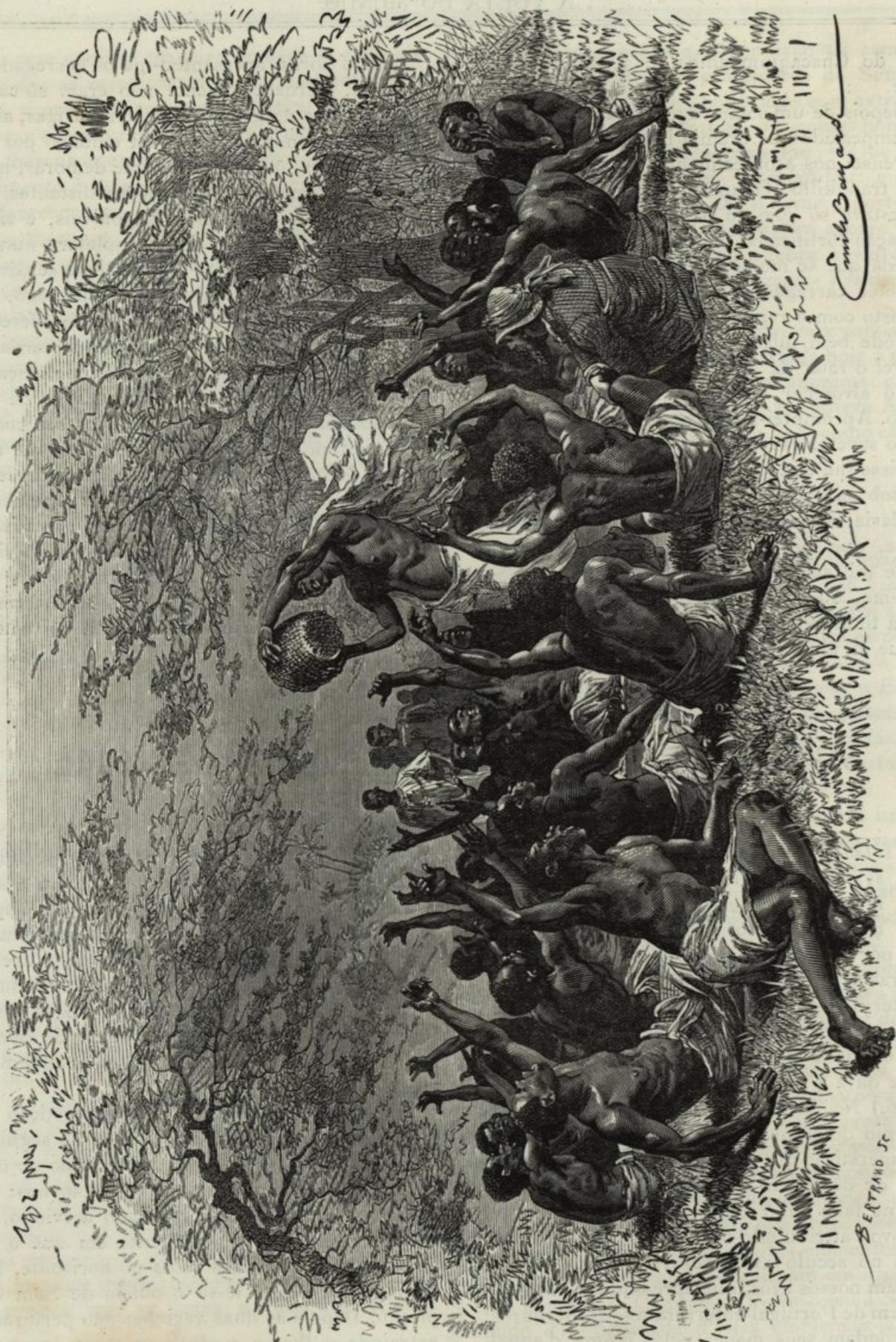
Havia quatro dias, que por um momento estive quasi perdido em tres occasiões differentes: 1.º com o bufalo no Huambo, 2.º na li-



O secúlo que me deu um porco



Mulheres Ganguelas das margens do Cubango



Emil Bayard

BERTHOLD J.

O MAIOR E O FEITICEIRO — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Scrupa Pinto

bata do Chacaquimbamba, e 3.º ali n'aquella noite.

Depois de um somno agitado, acordei ao som da tempestade que bramia lá fóra.

Pensei nos acontecimentos da noite e não fiquei tranquillo. O que succederia de manhã? Eu estava só com 10 homens, dentro de uma povoação fortificada, d'onde não era facil sahir; e ainda que se me abrissem as portas onde iria eu obter carregadores, agora que me tinha indisposto com o regulo?

Póde bem julgar-se da anciedade com que esperei o raiar da aurora.

Ao alvorecer a febre tinha abrandado um pouco. Apromptei-me para partir, e mandei chamar o soveta, que appareceu logo.

Disse-lhe que ia seguir, e ali deixava as cargas sob sua responsabilidade, e que depois as mandaria buscar; mas elle pediu-me que o não fizesse, que me ia dar os carregadores; e dando-me mil satisfações do occorrido na vespera, disse-me, que o culpado fóra o Cassoma, que elle já tinha posto fóra de casa; o que era falso, porque eu ali o vi depois.

Às 10 horas, apresentou-me os carregadores precisos. Verdadeiramente não eram só carregadores, que no grupo divisei 6 raparigas, ainda de manilhas nos artelhos; tal cuidado poz elle em servir-me, que, para não me demorar, mandando ir homens das povoações distantes, me deu os que na sua tinha disponiveis, e ainda seis das suas escravas, para completar o numero pedido. Agradei muito e mostrei-me sensivel a tal prova de cuidado, declarando-lhe logo, que não tinha commigo presente digno, de offerecer-lhe, e que querendo dar-lhe uma espingarda lhe pedia mandasse um homem da sua confiança receber-a no Bihé, mostrando-lhe desejos de que esse homem fosse o seculo Palanca seu conselheiro intimo. Exulte de alegria, (que me abstive de deixar transparecer) ao vêr o meu pedido satisfeito, e o Palanca nomeado para me acompanhar. O soveta Dumbo entregava nas minhas mãos um precioso refem, que me responderia já pela minha segurança, já pela das cargas que deixei dois dias antes entregues ao Barros, a quem preveni e acautelei em carta deixada ao Dumbo.

(Continúa.)

SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 17)

As lanças que acima notámos, ligam-se ao systema da adivinhação dos scythas por meio do arremeço de flexas: «A adivinhação pelas flexas, ou belomancia praticava-se por meio de varinhas feitas de tamarisco e outras arvores consagradas ao sol. Segundo os caracteres runicos que estas flexas arremeçadas formavam fortuitamente a figura, conjecturava-se ou lia-se (cf. lat. *sorti-legio*) o futuro e assim se dava a resposta.» (Bergmann, *Les Getes*, p. 296.) No Alvará da Camara de Lisboa, do principio do seculo xv, era prohibido lançar varas, superstição que se foi restringindo ao uso popular de descobrir thesouros encantados. D'este costume falla Gil Vicente referindo-se á crença do povo, attribuindo-o ao tempo dos mouros. Ainda no seculo xviii escrevia Filinto Elysio: «Creram nossos avós, que apressados os Mouros a sairem de Portugal enterraram seus thesouros; hoje rondam seus manes pelos jazigos d'aquellas talhas, em figuras de velhas, outras vezes de douradas cobras, que com assobios e gaifonas

engodam os intrepidos a certas condescendencias, preço do thesouro que promettem descobrir-lhe.» (*Obras*, t. 1, p. 291.) Com esta superstição encadeia-se outra a dos Diabos-Fêmeas, ou Lilitas sensuaes ou succubas. Esta crença ainda persiste sobre os thesouros das mouras encantadas, e ainda se lançam varas para descobrir o thesouro, verdadeiro vestigio de caldeirão scythico, de que as flexas são complementares.

No Minho ainda existe esta superstição do tempo de Dom João 1, e pratica-se do seguinte modo: As varas são duas, do tamanho de dois decimetros cada uma, pouco mais ou menos; são cortadas de um arbusto chamado azevinho, no dia de Sam João, no momento em que o sol deixa ver os primeiros raios no horisonte. Em quanto se cortam, lê-se o officio de Sam Cypriano. Depois as duas varinhas são perfuradas extraindo-se-lhes a medulla, e o seu logar enche-se de mercurio conhecido pelo nome vulgar de azougue; as extremidades das varas são ta-

padas com couro á maneira de dedais, e depois revestidas as varas com fitas estreitas entrelaçadas á maneira dos chicotes. Assim preparadas as varas servem indefinidamente para descobrirem thezouros enterrados. O processo do descobrimento é longo por causa do ritual. Vae-se ao alvorecer, ao lugar onde se suspeita que está o thezouro, com um padre que lê o *livro de Sam Cypriano*, que é um officio em latim, que anda manuscrito; o dono das varas colloca-as horisontalmente e em equilibrio sobre os dois dedos pollegares, e se as varas, ao ir caminhando no solo, oscillam para a terra com as trepidações de um magnete, é por que ali ha metal. Então traça-se no chão um grande circulo, mettem-se dentro d'elle todos os que procuram o thesouro, e emquanto o padre vae lendo o officio de Sam Cypriano, elles cavam no chão até acharem o thesouro. (No anno de 1874, o abbade de Pousa, junto de Braga, assistiu a uma d'estas ceremonias, que me foi contado por uma testemunha occular.) O costume de lançar *varas (rhabdomancia)* apparece entre o povo russo, o que é importante para determinar-lhe as raizes ethnicas. ¹ Nos contos de fadas, de velhas e crianças, a *varinha do condão* encerra todos os poderes magicos.

Nas superstições populares portuguezas do tempo de D. João I, prohibe-se o *mirar em espelho*. Esta tradição encontra-se entre os orientaes, e segundo Benjamin de Tudela havia um d'estes espelhos no farol de Alexandria, podendo-se vêr n'elle a distancia de 500 parasangue todos os navios que viessem contra o Egypto. D'aqui se vê que este uso do *espelho* deriva do antigo costume dos talismans de Salvação; nas lendas arabes publicadas por Wustenfelf, ha um d'estes espelhos; no poema de Titurel tambem figura um d'estes espelhos attribuido a Pratejanni; nas lendas medievas de Troya o palladio era o espelho, e na lenda virgiliana da *Salvatio Romae* a estatua é convertida em espelho. (Vid. Comparetti, *Virgilio nel medio evo*, t. II, p. 75.)

Nos *Tischreden* de Luthero, falla-se no magico de Erfurt, a quem o diabo deu um espelho no qual se podia vêr o futuro, e descobria os criminosos. ² A superstição do *espelho quebrado*, como presagio de desgraça liga-se a estas abusões da idade media, como se comprehende pela importancia que se ligava ao espelho. Ribeir-

ro Guimarães, conta a superstição tal como a observara: «Entre os passageiros de Setubal havia um que conduzia nos braços com extremo cuidado um espelho antigo. O pobre homem quando poz pé em terra exclamou: — Que trabalho não tenho tido com este *espelho!* e que mais trabalho não teria até o levar a porto de salvamento! Se o deixa quebrar era *agouro*, por que dizem, que quando se quebra o vidro de um espelho é indício de desgraça.» (*Summario de vara Historia*, II, 7.)

A cada passo se depara com esta persistencia tenacissima dos costumes. Ainda hoje o povo de Lisboa defuma as casas com alfazema, como na primeira metade do seculo XVI notava Antonio Prestes nos seus Autos, (p. 398) como efficaç contra os espiritos:

«Vós defumaes
esta casa com alfazema.»

Esses espiritos malevolos contra os quaes se empregam os Esconjuros, de que Gil Vicente nos dá tão bellos especimens, e que têm ainda hoje uma enorme extensão nas tradições populares, são o *Tranglomango*, o *Buzarinho*, o *Tartarinho*, o *Trasgo*, o *Duende*, a *Breca*, o *Entreaberto*, o *Tanso*, o *Previnco*, o *Estrugeitante*, o *Fradinho da mão furada*, as *Almas penadas*, e o Diabo em todas as suas caprichosas transformações.

É um mundo phantastico em que a imaginação se perde, mas em que a critica vae fazendo luz; alguns d'esses vestigios mythicos ainda tem existencia cultural nas procissões catholicas em que os proprios poderes do estado se exhibem em espectáculo.

A procissão do Corpo de Deus era uma especie de Cortejo civico, que se costumava fazer em Portugal para commemorar a batalha de Aljubarrota, e a batalha do Toro e Samora. Dom João II decretou um Regimento em 1482, pelo qual estabelecia a ordem por que se encorporariam as differentes classes e officios n'esse prestito, e quaes os symbolos e emblemas pittorescos que lhes pertenciam; como estes costumes populares se acham tambem ao meio dia da França, a sua antiguidade leva a descobrir que entre esses diversos emblemas existiam muitos elementos mythicos, alguns dos quaes decahiram em superstições populares. O ditado: *Velho como a Serpe*, allude á antiguidade d'estes emblemas já não comprehendidos. Do citado Regimento de Dom João II, transcreveremos algumas das passagens

¹ Guthrie, *Antiquités de Russie*, p. 81.

² *Propos de Table*, p. 52.

que se referem ás superstições: «Os Alfayátes da outra banda e trazeirão a *Serpe* e seus castellos pintados da sua divisa com pendões e bandeirás.» E também: «Os Homens d'armas atraz, estes todos bem armados sem nenhuma cobertura, e com as espadas nuas nas mãos, e levarão *S. Jorge muy bem armado* com um page e uma *Donzella, para matar o Drago.*»¹

Ha aqui um resto das crenças primitivas dos povos getas e scandinavos, n'esta lucta de *Sam Jorge* com o *Dragão* ou do *Deus solar* com a *Serpente* symbolizando as aguas agitadas do oceano. Diz *Bergmann*: «como os dragões em geral, passavam por animaes fascinadores, e que a *Serpente* do Oceano se defendia contra o *Deus do Sol* por meio de magia, esta *Serpente* teve também o nome de *Fascinador solar*. Como alguns dos attributos do *Deus do Sol*, entre outros o de *Inimigo* ou *Adversario* do *Fascinador solar* passaram para *Thor*, este deus é na *mythologia norrica*, o grande *Inimigo* da *Serpente* do mar. — Nas lendas da *Edade media* as cheias dos rios ou as inundações embaraçadas por certos Santos que foram substituidos ao *Sol*, também foram symbolizadas por *Serpentes* ou *Dragões* representados como subjugados ou vencidos por estes Santos. Entre os *Dragões* symbolicos nota-se por exemplo a *Chair salée* de *Troyes*, o *Dragon de Saint Marcel* em *Paris*, a *Gargouille de Saint-Romain*, em *Rouen*, os quaes são symbolos das inundações do *Sena*. Taes são também o *Kraulla* em *Reims* sobre o *Vesle*, o *Dragon de Saint Bienhemé* em *Vendome* sobre o *Loire*, a *Grande-Gueule*, ou a *Bonne Sainte-Vermine*, em *Poitiers*, no confluente do *Clain* e da *Boivre*, a *Grouille* em *Mets* sobre o *Mozelle*, e a *Tarasque* em *Tarascon* sobre o *Rhône*.»²

Por ventura do emblema da *Serpente*, empregado na procissão do *Corpus*, se deriva a devoção do *Lagarto* da igreja da *Penha* de *França*, do qual diz o *Dr. Ribeiro Guimarães*, depois de transcrever de um folheto as virtudes medicinaes contra *sezões e febres*: «O caso é que o *Lagarto* da *Penha* ainda lá leva gente; tem resistido á acção do tempo esta devota *basbaquice*.» (*Summ.*, t. 1 p. 218.)³ Ainda hoje os poderes do Estado acompanham officialmente a *Procissão* de *S. Jorge*, le-

vando a imagem de páo um sequito de cavallos ajaezados e um pagem de lança, como se o *mytho* estivesse no seu fervor cultural; *S. Jorge* é na realidade uma fôrma christianisada de «*Indra*, *Vichnu*, *Ahura-Mazda*, *Feridun*, *Apollo*, *Hercules*, *Cadmo*, *Jason*, *Sigurd*, e muitos outros deuses e heroes celebrados por terem morto a *Serpente*.»⁴ A *Donzella* libertada do *Drago*, segundo o *Regimento* da *Procissão* de *Corpus*, completa o *mytho*, conservado hieraticamente: «as aguas ou as núvens pluviosas, que são as esposas monstruosas dos demonios, em quanto o monstro as guarda nas trevas, convertem-se em esposas radiosas dos deuses quando são libertadas. O mesmo se pode dizer da *aurora*, retida em captiveiro pelo monstro obscuro ou humido da noite ou da estação estival presa no reino do inverno; em quanto uma e outra estão no poder do demonio tenebroso, ellas são negras e monstruosas e vivem com elle no reino infernal; mas depois do resgate, ellas tornam *Donzellas* formosas ou princezas de um brilho deslumbrante.»²

Na procissão que ainda se faz em *Lisboa*, um rancho de *pretos*, acompanha o cavallo de *Sam Jorge*, sem se saber que são o vestigio das núvens negras e chuvosas que cercam a *Serpente* do inverno, como o nota *Gubernatis*.

¹ *Gubernatis*, *Ibid.*, p. 415.

² *Idem*, p. 418. Na tradição do sul da França também se encontra a *Dama* e a *Serpe*:

Ay vist una Fantina
Que stendava, lá mount
Sa cotta neblousina
Al' broué de Bariound

Una serpe la seguia
De couleur d'arc en cel,
Et sù di roca venia
En cima dar Castel

Couma na fleur d'arbona
Couma neva dal col,
Pasava en la bronca
Senz'affermis'ar sol.

TRADUÇÃO: Hei visto a Infantina
Que estendia no monte
Sua cota de neblina
No pincaro do Barionde.

Huma serpe a seguia
Da côr do arco da velha,
E por sobre a roca ia
Dar em cima do Castel.

¹ Ap. *Annaes das Sciencias e lettras*, t. 1, p. 730.

² *Les Gètes*, p. 253.

³ Vid. a origem fetichista do *Lagarto* e seu sentido mythico em *Gubernatis*, *Mythologie Zoologique*, t. II, p. 418.

A cantiga das *Fadas* no sul da França, refere-se ás crenças das fadas dos nevoeiros. Na procissão do Corpus Christi (referente aos costumes do sul da França—carnificina dos Albigense) vem a *Dama e o Drago*, ou a *Dama e a Serpe*, documentar esta relação.

Outros elementos mythicos se encontram nos emblemas e symbolos hieraticos da procissão do Corpo de Deus; no Regimento de 1482 ordenado por Dom João II, se estabelece: «Os traapeiros que são os mercadores de pano de linho e os mercieiros todos com suas tochas accesas e castellos de estanho: e levarão sua bandeira e atabaque e dois *cavallinhos fuscos*.»¹ No Regimento da Camara de Coimbra para a Procissão de Corpus de 1517, os cordoeiros, albardeiros, odreiros e tintureiros levam «quatro *cavallinhos fuscos*, bem feitos e bem pintados»; e no Regimento da Camara do Porto para a mesma Procissão, datado de 1621, os celleiros, cutileiros, bainheiros, espadeiros, caeiros, esteireiros e correeiros irão *com os cavallinhos* e Anjo armado no meio.² Vê-se que este emblema dos *cavallinhos*

Como a flôr das *giestas*,
Como a neve do colo,
Passava sobre as arestas
Sem se fir no solo.

Ap. Henri Martin, *Hist. de France*
t. VIII, p. 329, 4.º ed.

¹ *Annaes das Sciencias e lettras*, t. I, p. 731.

² Ap. J. P. Ribeiro, *Dissertações chr.*, t. IV, P. II, p. 201 e 226.

fuscos não pertencia a uma classe em especial. O sr. Ad. Coelho, annotando os versos de Diniz, no *Hyssope*:

E por dar mais prazer aos convidados,
De *cavallinhos fuscos*, depois d'elle
Na vaga sala, com soberba pompa
O galante espectáculo prepara.

transcreve uma eruditissima nota de Edesltand Du Méril, na sua *Historia da Comedia* (p. 421 a 423), mas sem tirar a luz que n'ella se contém. No documento mais antigo portuguez e official que citámos, de 1482, vê-se que a verdadeira designação é *cavallinho fusco* e não *fuste* como se acha em Seropita: «uns *cavallinhos fustes*. . . que os temos aqui todos os annos e nunca nos sabemos aproveitar d'elles.» (*Poes. e Pros.*, p. 38.) Na linguagem popular ainda hoje se usa a palavra fazer *fôsquinhas* no sentido de tergeitos, saltos, tal como descreve Du Méril, fallando da «imitação do cavallo com as suas differentes posições, vivacidades, caracoleios e relinchos. . .» A palavra *fuste* só poderia significar a armação de páo, e n'este caso exprime já uma decadencia do symbolo popular, que não se confirma nos outros escriptores, como D. Francisco Manoel de Mello na *Feira de Anexins*, Silvestre Siverio e Cruz e Silva, que seguem a fôrma do fim do seculo xv.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 18)

XX

Assinia — O cavalheiro Daum — O rio Tando — A barra d'Assinia — Apollonia — Quaquaka — Amadifou — Tratado — Ceremonia — O forte.

PTERRITORIO d'Assinia está ligado á França por velhas tradições. O padre Loyer foi o historiador da feitoria ahi creada no reinado de Luiz XIV pelo cavalleiro Amou.

Observei que os indigenas tinham conservado a tradição da nossa posse e logo que saltei em terra vieram pressurosos mostrar-me o terreno

que tinha pertencido á França, dizendo-me que eu podia dispôr d'elle como quizesse.

O Tanoë ou Tando, nome do rio principal que vem desagoar no mar em Assinia¹ tem um grande percurso. O ramo occidental, conhecido

¹ A barra d'Assinia tem tres metros de profundidade; o canal é muito estreito; tem o mesmo regimen que a do Grã-Bassam; nas luas novas e cheias as correntes seguem para o oeste, e para este durante a quadratura; as correntes são muito fortes e o mar rebenta com força. Os navios calando 2^m,50 entram e sahem facilmente, quando movidos por uma machina a vapor.

pelo nome de Bara, rega o Gaman, o ramo oriental atravessa as regiões que estão sob a auctoridade directa do rei dos Ashantis. Este rio é o limite occidental d'este reino; os feiticeiros declararam-o sagrado e as expedições guerreiras não o atravessam.

Apollonia, cujo nome em lingua *kassa* ou *aginy* é Beĩnos, foi antigamente um reino de grande extensão; ha alguns annos que foi dividido. Em 1843 Quaquouaka era o chefe temido d'Apollonia; Altaclo, chefe d'Assinia, pertencia ao ramo mais novo da casa real de Beĩn, de que se tornou independente. É este um facto frequente. Vimos Acka estabelecer-se em Bounoua e recusar todo o auxilio a Attacla e a Amadifou.

O territorio d'Assinia é separado do dos Ashantis pelo territorio d'um chefe independente que vive em Asephi, aldeia situada a tres dias de viagem de Comassia, capital dos Ashantis De Krinjabo a Comassia pôde-se ir em onze dias.

A politica dos soberanos Beĩn tem sido o impedir que os Ashantis possam communicar com a costa. A tendencia dos povos do interior tem sido sempre para se approximarem do mar; as lutas que os Ashantis teem sustentado contra os inglezes não teem tido outra causa.

Em 1843 os subditos de Quaquouaka viviam em hostilidade aberta com Krinjabo e vinham com as suas pirogas de guerra insultar Mafia; é o nome d'aldeia em que eu estava.

Sombrio, temido por todos, Quaquouaka possuia riquezas immensas e gostava de fazer deitar no meio dos seus thesouros as pessoas que iam á terra negociar. Um d'estes contou-me que, a adiantada hora da noite, viu a cabeça do terrivel despota apparecer por um alçapão e espiar-lhe todos os seus movimentos; gosava assim, a seu modo, do supplicio de Tantalos que impunha aos seus hospedes.

Mafia estava em pé de guerra, quando em 1843 ahi desembarquei.

Não podia chegar em melhor occasião. O cordão fetiche estava permanentemente estendido. As tropas de Quaquouaka tinham tido a insolencia de, n'um reconhecimento, terem chegado ás salinas, situadas na margem esquerda do rio, em frente de Mafia e tinham cortado muitos coqueiros que serviam de guia aos navios de commercio. Houve um combate em seguida e a gente de Mafia teve muitos mortos e feridos. Conheciam a sua inferioridade e estavam ameaçados de ver seccar as fontes do seu commercio, por causa da rivalidade d'Apollonia.

Attacla estava velho e renunciara á vida activa; estando, este ainda vivo, seu sobrinho Amadifou governava o Estado.

Krinjabo, capital d'Assinia, está situada junto do rio Bia, affluente do lago Aby; uma barra de lodo, de difficil navegação para as pirogas carregadas, difficulta o commercio. A posição astronomica de Krinjabo tem sido calculada por diversas vezes; podem ser tidos como exactos os seguintes dados: 5° 18' 22" latitude norte e 5° 23' 47" longitude oeste.

Avisado da minha chegada pelos chefes de Mafia, o velho Attacla enviou-me Amadifou que, receiando ser surprehendido pelos guerreiros de Quaquouaka, partiu de Krinjabo com muitas precauções. Fui esperar á entrada do lago Aby a chegada d'esta flotilha. Os musicos começaram de soprar nos seus cornos de marfim só depois de terem dobrado as ilhas da Noite, atravez das quaes as aguas do lago abrem uma passagem para se reunirem no colector, junto das margens em que Mafia está edificada. A flotilha compunha-se de cerca de quarenta pirogas remadas vigorosamente; estavam cheias de viveres e guerreiros. Foram postas em secco nas praias de Mafia e Amadifou fez-me saber que no dia seguinte teriamos a nossa primeira entrevista.

O dia 8 de julho de 1843 será um dia para sempre memoravel em Mafia; a população vestira as suas mais ricas galas. Os *cabocers*¹ d'Attacla faziam cortejo a Amadifou, os cornos de marfim davam os seus sons mais roucos; os tamtams ressoavam. A grande avenida escolhida para logar de reunião foi occupada por trezentos guerreiros de que Amadifou se fizera seguir. Estes homens eram altos e musculosos. Uma espingarda do velho padrão francez, d'altura de quinze pés, davalhes um ar muito marcial. A comprida pera enrançada, bigodes com as guias tambem enrançadas davam uma certa distincção ao rosto que quasi sempre tem a fôrma oval. Um pequeno sacco contendo ballas e buchas pendia-lhes do pescoço. Á cinta traziam uma cartucheira, onde as cargas vinham á mão. Um sabre para combater nos bosques², cujo cabo é enfeitado com conchas de S. Thiago pendia-lhes ao longo da coxa es-

¹ A palavra *cabocer* é talvez derivada do portuguez. Designa os principaes chefes, que governam sob a auctoridade directa do soberano.

² As lutas d'estes povos dão-se geralmente nas florestas, onde são obrigados a abrir caminhos; é muito raro o baterem-se em campo razo.

querda; uma faca punhal ia presa no cinto do lado direito; é a faca da defesa, a faca de sangue, com a qual se combate corpo a corpo e se dá o ultimo golpe no inimigo vencido. Uma tanga posta em volta dos rins deixava-lhe quasi toda a coxa a descoberto. Alguns braceletes de marfim, ou de menor valor, ornavam-lhe o braço esquerdo. O rosto tinha vestigios de desenhos, feitos com cinza e cal.

A tropa bem alinhada tinha as armas em descanço. Os que a commandavam exigiam a mais completa immobilidade nas fileiras. Tinham sido levantados dois estrados: Amadifou estava no de este; estava rodeado pelos seus *cabocers* vestidos com tangas novas e as cabeças cobertas com chapéus europeus. O guarda-sol¹ d'Amadifou tinha uma enorme circumferencia. Era este um homem de quarenta annos, alto, nobre de porte: usava um chapéu alto vermelho e tinha as barbas e os cabellos cuidadosamente entrançados.

Poder-se-hia ouvir voar uma mosca, tanto era o silencio.

Eu estava sentado no estrado do oeste, em frente d'Amadifou; os chefes de Mafia, os officiaes da expedição, um piquete de vinte soldados cercavam-me e representavam a França. A conferencia ia começar. Deante de mim estavam uns officiaes, tendo na mão umas immensas bengalas com grandes castões de prata, pouco differentes das massas com que os tambores mores fazem as delicias do rapazio: estes tres mestres de ceremonias approximaram-se de mim com grande deferencia. Assino-Quoua, da familia principesca d'Apollonia, exilado em Mafia, servia-me d'interprete; fallava bem o inglez. Depois de terem posto a tanga sobre o hombro esquerdo e de me terem apresentado uma pitada d'areia, modo por que estes povos cumprimentam, foram levar a Amadifou as saudações que eu lhe enviava e depois vieram trazer-me a resposta d'este chefe. Estas mensagens são feitas com uma grande solemnidade.

Era o momento de me levantar. Precedido dos meus homens d'armas, cheguei ao estrado dos *cabocers* na mão dos quaes toquei. Amadifou estendeu-me a sua, quando cheguei deante d'elle. Os guerreiros collocados a traz de mim fizeram uma manobra e tornaram á primeira fórma. Depois d'esta cerimonia, e tendo voltado para o meu lugar, os homens d'armas foram para junto

d'Amadifou que veio com a sua cõrte cumprimentar-me, recebendo-o eu sentado.

Fatigados com esta cerimonia e queimados pelos raios d'um sol vertical, com prazer voltamos para as nossas casas. O chefe d'aldeia tinha posto á minha disposição uma cubata, onde eu me tinha installado o melhor que podia; a velha esposa de Coffée, chefe de Mafia, reconheceu-me em 1867

Á noite conferenciei de novo com Amadifou. D'esta vez a entrevista teve logar n'uma cubata muito grande, onde estava enorme multidão; mas, como ás vezes era importuna, foi necessario fazel-a sahir e impor silencio aos musicos que faziam um barulho infernal.

As negociações sérias principiaram. Amadifou disse-me que não queria vender o seu paiz, mas que, cheio de confiança na França, lhe fazia d'diva espontanea da sua patria e do seu reino.

Alguns artigos para regular as relações reciprocas das partes foram objectos de deliberações posteriores. Tratamos dos pesos, das medidas, da liberdade commercial. As leis de cada povo foram conservadas vigentes: a alta administração deveria resolver as difficuldades que de momento se apresentassem; a lista civil que o chefe devia receber foi objecto d'um artigo separado.

A commissão encarregada de escolher o local da futura feitoria pronunciou-se pela peninsula situada entre o mar e o rio: tinha a vantagem de poder trocar signaes com os navios que estavam ancorados. Os habitantes de Mafia manifestaram um grande desejo de ver fixar-se ali a feitoria; era um desejo interesseiro, esperavam ver terminar as incursões da gente d'Apollonia. Este ponto era o mesmo em que o cavalheiro d'Amou tinha antigamente construido um fortim, do qual eram apenas vestigios alguns tijolos.

Apesar das difficuldades naturaes que tal logar apresentava, o desembarque do material fez-se rapidamente. As barras d'Africa são caprichosas. No fim d'alguns annos o mar batia no areial da peninsula. Foi preciso mudar o forte. Está actualmente situado á entrada do lago Aby, em frente das ilhas da noite e do rio d'Apollonia que domina.

Quaquouaka morreu. Os inglezes governam Apollonia e as lutas de Krinjabo e de Mafia com os indigenas d'Apollonia já não são para temer.

As feitorias dos negociantes ficaram na peninsula. O governo do *cap Coast* por outros interesses modificou a tendencia que o commercio tinha para se dirigir para a Assinia.

¹ O guarda-sol é distinctivo de commando.

XXI

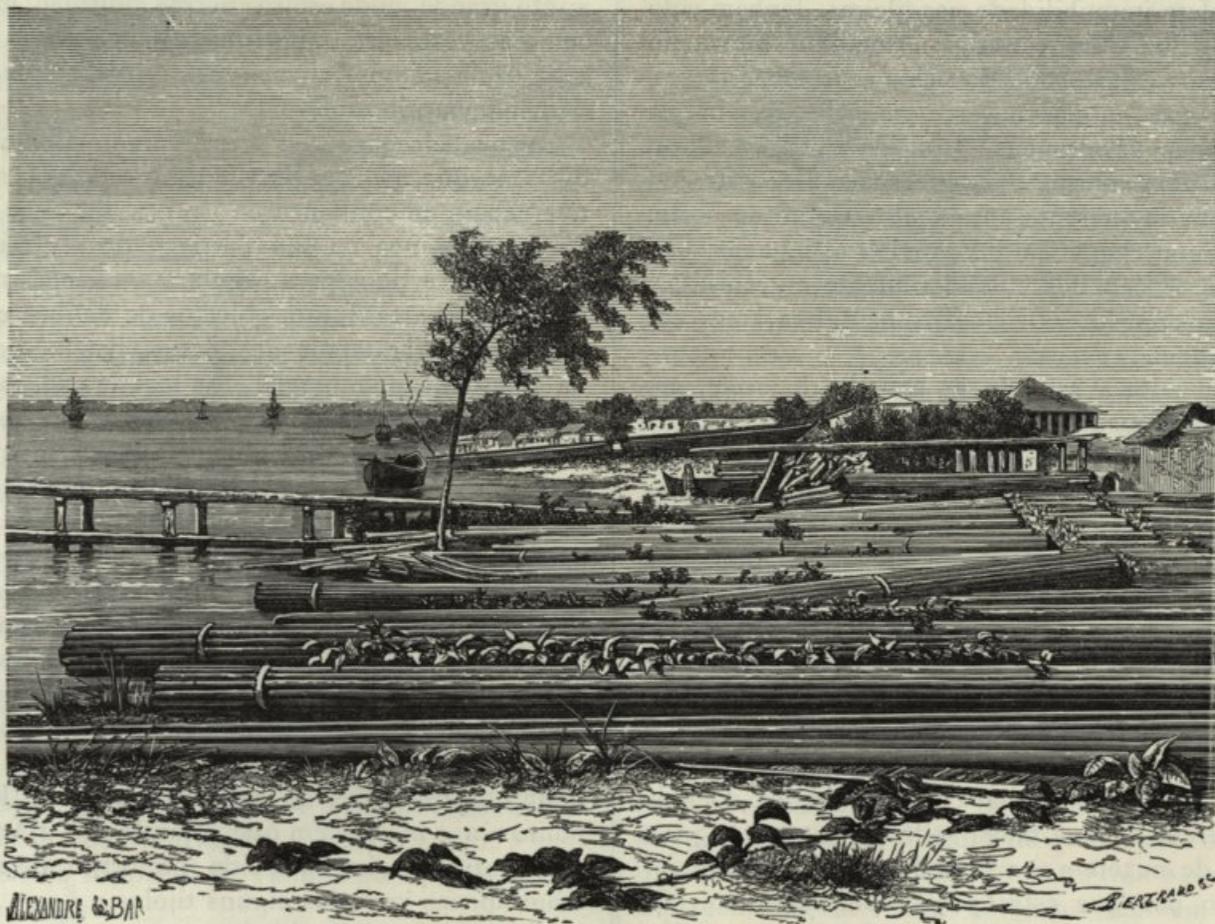
Culto publico—Usos funerarios—Politica—Amadifou—Commassia—Guerra dos Ashantis contra os musulmanos—Lutas com os inglezes—Ataque ao *cab Coast*—Elmina.

Antes d'abandonar a região onde fluctuava o nosso pavilhão, é bom dar uma ideia dos seus ritos religiosos e funerarios, assim como tambem da fôrma de governo da Assinia.

O culto publico parece ser unicamente uma

festa annual analoga á que se celebra entre os Ashantis e Dahomeys. Esta festa faz-se ordinariamente pela occasião da lua nova d'outubro e é celebrada com pompa em Krinjabo. Não duvido que, por esta occasião, algumas victimas expiatorias sejam immoladas, a fim d'agradecer aos ceos o terem concedido abundantes colheitas.

Os ritos funerarios são celebrados com pompa pela familia soberana de Bein. O corpo do defunto enfeitado com os seus anneis e bracele-



VISTA DE LAGOS—Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

tes mais preciosos é exposto em camara ardente. Muitas vezes uma mascara d'ouro lhe cobre a cara. É d'etiqueta que o cadaver seja acompanhado por um certo numero de pessoas dos dois sexos, o que se consegue com o engodo d'um banquete. Enquanto que as donzellas saciam com as mais delicadas eguarias a sua gulla, o estrangulador passa por detraz d'ellas e torce-lhes o pescoço como a pombas. Os rapazes, a quem fazem entrar n'um outro compartimento, são tambem mortos no meio do festim que os atrahiu. A espada deve separar a cabeça do tronco

e o sangue é espargido sobre o futuro tumulo. O cadaver do chefe deve repousar sobre os corpos d'estes adolescentes, destinados a servirem-lhe de copeiros na outra vida. No Dahomey muita gente se sacrifica voluntariamente para ter a honra de ser gentil homem depois de morto.

A fôrma de governo dos povos que habitam o Grã-Bassam e Assinia é o despotismo mitigado por uma gerontocracia poderosa, acima da qual existe uma forte aristocracia e theocracia occulta que domina de facto todas as outras castas.

Os chefes que recebem a investidura devem

fazer um sacrificio humano; governam conforme os usos, de que se não podem afastar sem pagar com a vida as inovações.

Quando o chefe se vê ameaçado com a sedição d'algum *cabocer* ambicioso faz uma proclamação e todo o homem valido é obrigado a entrar em campanha. As expedições não podem ser longas, porque cada soldado deve fornecer á sua custa munições de guerra e de bocca. As mulheres compartilham das fadigas da guerra; preparam os viveres, transportam-os e constroem os acampamentos.

Serão precisos seculos para modificar taes costumes e para fazer comprehender a esta gente que unicamente teme as penas corporaes, que tambem ha punições moraes.

A necessidade d'escolas praticas preocupava muito Amadifou em 1867, epoca da minha ultima entrevista com elle. Pedia-me carpinteiros, pedreiros e ferreiros. Queria ter uma casa feita de pedra e viver como os europeus. Envelhecera e já não era o elegante chefe de 1843. O tempo exercera a sua acção sobre elle; já não se deslocava com o seu cortejo de mulheres e de musicos, se não a custo.

A mobilia real não é muito volumosa. Alguns potes postos ao fogo sobre tres pedras compõe a bateria de cosinha e, como o mais vulgar dos seus subditos, come peixe com pimenta. Por isso apreciava elle mais a minha mesa, do que a sua. É possuidor de pepitas d'ouro, de que não sabia o que fazer. A vaidade dos poderosos consiste em certos dias expôr as suas riquezas e desgraçado d'aquelle que não tiver augmentado o thesouro herdado. Nos dias de gala, os convidados veem a mesa adornada com pratos

cheios de pepitas d'ouro; o amphytrião deve, da cabeça aos pés, estar coberto das riquezas com que o seu cadaver será enfeitado para occupar o seu logar no tumulo. Escravos sustentam os membros dos convivas carregados d'ouro.

Alguns chefes enviam escravos aos jazigos do ouro; devem trazer-lhe uma quantidade de metal previamente marcada. Estes escravos apanham a areia, onde julgam haver pepitas d'ouro e mettendo-a dentro d'um crivo imprimem-lhe movimentos circulares rapidos o que faz cahir a areia, ficando no centro do crivo o metal precioso. O ouro de Bassam e d'Assinia é de bom quilate; apenas contém uma millesima parte de prata. O ouro que se compra nas feitorias inglezas só se adquire com dez ou quinze por cento de rebate. O ouro toca-se antes de ser comprado; os negociantes teem todos uma balança e uma pedra de toque; os pezos são geralmente uns grãos vermelhos, cujo peso é invariavel.

As pepitas mais volumosas, chamadas *charmés* ou fetiches, não são entregues ao commercio. Os subditos d'Amadifou servem de corretores aos Ashantis.

Os navios de Bristol desembarcam em Jacks-Jacks a polvora e as espingardas que devem fazer fogo sobre os ingle-

zes em Bassam, Prah e em Commassia. O governo dos Ashantis levou muitos annos a preparar-se para a actual guerra.

A capital dos Ashantis, Commassia, está situada a sessenta e oito legoas de quatro kilometros d'Anamabu, porto do Atlantico; está edificada n'um planalto elevado, rodeada por um ribeiro chamado Subim que desagoa no Orda, affluente



RAPAZ DO DAHOMEY — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia

do Prah. Cinco dias de viagem levam os viajantes de Commassia para Anamabu.

Em cinco dias chega-se á colonia do Cabo: este caminho atravessa uma região plana, tendo por unico defeito o ser muito estreita.

Dois rios difficeis d'atravessar defendem a capital dos inimigos que a ataquem pelo lado do mar. Estas defezas naturaes são o *Prah* e o *Gunahan*.

O Prah ou Bousour Prah desagoa no mar em Chama. O leito é pedregoso e as suas margens são escapardas; em Prasah, nome d'aldeia onde se pode atravessar o Prah para ir para Comassia, a differença do nivel das agoas entre a estia-gem e o tempo das chuvas é muito grande; no tempo da secca o rio leva dois metros d'agua, no tempo das chuvas dez metros; passa-se em barco. Gunaham passa-se a váo.

As ruas de Commassia, são largas e bem calçadas, as casas ornadas d'esculpturas e pinturas.

Os sacrificios fazem-se ali frequentemente e o fosso onde os corpos entram em putrefacção lança um nauseabundo fedor.

Os mollahs ou sacerdotes musulmanos ¹ são bem recebidos pelos Ashantis, assim como o são tambem em todos os demais povos barbaros; são espiões, embaixadores, negociantes, corretores, conforme as circumstancias.

A politica da corte é seguida com grande habilidade e força de vontade ha duzentos annos. A supremacia do rei é mantida pela violencia. Sob a sua vontade curva as provincias recalitrantes, esmagando-as com o peso das suas armas. Este estado d'hostilidades produz revoltas sem cessar renascentes; o Gamau e o Deukera foram conquistados pelos meados do ultimo seculo. Os Barbaras do Kong e de Budougu alliaram-se contra os Ashantis para lhe arrancar as provincias. Em diversas guerras, resultado d'aquellas empresas, os musulmanos e os Ashantis foram ora vencedores, ora vencidos.

¹ Um dos soberanos de Commassia que quiz impôr o islamismo aos seus subditos foi morto depois de ter sido deposto com o fundamento de ter violado as leis constitucionaes do imperio.

(Continúa.)

MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1574-1620

DA MINA AO CABO NEGRO

SEGUNDO

GARCIA MENDES CASTELLO BRANCO

(Continuado da folha 18)

TEM Vossa Magestade muita necessidade de mandar fazer uma fortaleza em Pinda, muito forte, com muita artilheria, sendo n'ella cem homens muito bem providos de polvora, pelouro, munições e o necessario, levando quem for edifical-a duzentos homens para a entrada, que estejam um ou dois mezes n'ella até se aquietar, que depois d'isto basta que tenha quarenta homens continuos por respeito de que n'aquelle porto continuamente estão duas e tres naus hollandezas ao resgate, e sem embargo de que podem ir ancorar a outra parte d'aquelle contorno não lhes será tão commodo como o

que ali tem, e sempre a fortaleza ali será de proveito para qualquer acontecimento que se possa offerecer n'aquelle reino e para se fazer junto d'ella uma povoação.

Porém sempre será necessario, para de todo deitar estas naus d'ali, irem tres ou quatro nossas, de armada, e quando pareça bem fazer-se a fortaleza ha de ser: — que tanto que Vossa Magestade mandar de cá a fazel-a, levem ordem para que de Loanda lhes vão um par de navios de farinha do Brazil, por respeito de que logo o gentio da terra lhes ha de tirar a feira e lhes não ha de dar mantimentos.

Isto será logo na entrada, que depois elles virão a dar quanto quizerem, que Pinda é muito farta de mantimentos, porque ali ha muita massa, inhame, batatas, muito peixe e bom.

Ha muito bordão para fazerem casa, como cannas de Bengala, de que se costumam fazer as ditas casas, e infinita madeira para ellas e para navios. Ha lá azeite de palmas que se come, e nós o comemos quando falta o do reino, e se o frégem fica branco, sendo de côr amarella, e não se differencia nada um do outro.

Tem necessidade de levar, quem fôr fazer esta fortaleza, dois ou tres navios de alto bordo com boa artilheria, porque ha de pelejar com as naus que de continuo são, como digo, n'este porto de Pinda.

Quando forem fazer esta fortaleza não convem que se peça licença ao rei de Congo, porque a não hade dar, mas antes se preverá de guerra e ha de ir entretendo-se de modo que primeiro se consuma a gente que fôr para esse effeito, e o que ha de levar para a força se ha de advertir ao governador ou capitão que fôr fazel-a, o seguinte :

Que vá de Lisboa em direitura a Pinda com o maior segredo que fôr possivel no apresto, dizendo vae a fazer as fortalezas de Angola, porque o rei de Congo terá em Portugal quem o avise se se divulgar que vão a Pinda.

Convem ter-se avisado ao governador de Angola que no mesmo tempo mande a Pinda um ou dois navios pequenos de mantimentos de farinha do Brazil para comerem emquanto fizerem a dita fortaleza.

E hão de deitar a ancora sem disparar peça de artilheria, e visto bem o sitio em que se ha de fazer a dita fortaleza, de noite deite a gente fóra e com ella todas as pipas que houver na dita nau, e se entrincheirá, enchendo as pipas de terra ou areia.

E levará feito um cento ou duzentas saccas grandes de canhamação.

E mandal-as-ha encher de terra do grandor da fortaleza, ficando de modo que os pedreiros e officiaes possam trabalhar na fabrica d'ella pela banda de dentro, porque se lhes quizerem dar guerra ou assalto os negros da terra, que é Manicongo, fidalgo e senhor d'aquelle porto, se possam defender ¹.

E mandará assestar sua artilheria para of-

fender assim os da terra como os do mar, se os houver, e d'esta maneira podem fazer a dita fortaleza sem el-rei de Congo nem os seus lhes poder fazer damno, porque tendo a gente que levarem, que comer, será facil, e os negros como virem que lhes não pedem ajuda nem favor virão elles mesmos fazer-lhes feira de mantimentos e do que quizerem.

É necessario levar alguns bateis ou lanchas para ir buscar a pedra e fazer o que fôr necessario para a fabrica da dita fortaleza.

Levem tambem algum tabuado de pinho para o que necessario lhes fôr, para fazerem algumas embarcações que pareçam ser necessario.

N'este mesmo tempo, era de parecer que a guerra fosse á derrota de Cabonda, não fazendo damno ao fidalgo d'onde passar, nosso amigo, e de Cabonda póde ir muito bem a Pemba, d'onde estão as minas de cobre, que as ha mui ricas que Vossa Magestade tem em seus estados.

Pemba é terra de el-rei de Congo e não ha de dar licença senão fôr por força, que esta gente não se quer por bem senão por mal, porque são pusilanimos, e se se vir que em Pinda está aquelle poder e por cima este que digo, ha de atemorisar de modo que elle venha em tudo o que nós fizermos.

Quem fôr fazer esta jornada ha de levar consigo uns taipões bem concertados para que o dia em que chegar d'onde estão as minas, logo façam taipas e força para se defenderem do Pemba, que é senhor da terra; não é muito amigo de Manibamba, que é seu senhor, e com algumas dadas fará, quem fôr, que em segredo lhe mande fazer feira, quanto mais quando forem de Cabonda, e fóra dos limites de nossas terras, farão por levar mantimento para doze ou quinze dias, que depois o tempo encaminhará ao capitão que fôr.

E faça por levar toda a gente branca que puder para deixar no presidio, que é necessario logo nos primeiros encontros serem os que ficarem, como digo, duzentos homens, porque quando lhe não quizerem fazer feira, por haver de usar el-rei de Congo de todas as invenções que puder para os pôr em cêrco, que possam elles catar o que lhes fôr necessario aonde quizerem.

Se levarem serradores, lá por cima, como digo, ha madeira de que se poderá fazer tabuado da grandeza que quizerem.

Para fazer os taipões, quando de Loanda os não possa levar feitos, por respeito da falta dos carregadores, que os não ha, que tudo ha de ir

¹ Ha aqui um equivoco evidente: Manicongo por *Mani* ou *Muene Sonho*.

por terra, salvo se quizerem ir pelo Bengo alguns barcos, que podem ir até Bambo-ampango, aonde João Furtado de Mendonça esteve com o campo quando foi a Engombes, e d'ahi fica mais perto o caminho ¹.

Ha de levar mineiros e fundidores para logo tanto que chegar fundirem do dito cobre, e bem pôde ser que nas terras de Cabanda, em Motola, por onde ha de ir, e de outros sobas que estão no caminho que nos estão sujeitos, achem algumas minas de consideração, que são terras montuosas e não devem faltar minas.

São fartas de mantimento estas terras.

A fortaleza que se fará em Pinda á de Loango será cousa de trinta leguas pouco mais ou menos, porque d'esta maneira ficará toda aquella costa livre dos imigos do mar e Vossa Magestade senhor d'aquelles portos, o que até agora não é porque as não tem.

E para effeito de se procurar a christandade deve Vossa Magestade mandar ao reino de Congo, antes que se acabe de perder, doze ou treze padres da Companhia, e para que Vossa Magestade não gaste de novo nada e elles vierem, n'isto me parece se fizesse na maneira seguinte:

Que Vossa Magestade dá 3:000 cruzados ao Bispo do Congo e Angola, que estes lhes dê para levarem estes padres, fazendo um d'elles Bispo d'aquelles reinos e que com dizimos que el-rei de Congo lhes dá aos bispos, porque estes dizimos pertencem a Vossa Magestade, pois paga os ordenados de bispo, e d'esta maneira elles farão lá collegio e farão padres da Companhia e irmãos, que muitos ha lá negros, e será differente christandade dos que hoje ha.

Além d'isso, tiral-os-ha da erronia que os de Congo hoje já vão tendo, de Martim Luthero e Calvino e outras seitas que os hollandezes lá lhes levam e ensinam.

Pelo que muito convém ao serviço de Deus e de Vossa Magestade.

Porque sendo bispo d'aquelles reinos padre da Companhia, procurarão entender-se e fazer christandade em um reino, e em outro e elles farão com que custe isto pouco a Vossa Mages-

tade, quanto mais que para estes effeitos não é nada o custo que fazem, que por outra parte irão dando rendimento, e isto convem ser logo ordenado se a Vossa Magestade lhe parecer, que eu em Deus, e em minha consciencia, digo que é bem a estes dois reinos e tres com o de Loango, e será o mesmo aos mais circumvizinhos e grande serviço de Deus.

Ao reino de Congo tem ido, por o dito rei d'ali o pedir a Vossa Magestade religiosos da ordem de S. Francisco, e lá estiveram alguns annos, poucos, com mosteiro, e não se poderam sustentar e se vieram.

Assim mesmo foram lá padres de S. Domingos, não ha muitos annos, e lá tiveram mosteiro e menos se poderam sustentar e se vieram para o reino.

Por onde não convém outra religião nos ditos reinos de Congo e Angola, se não é a dos padres da Companhia, por respeito que tem differente governo e se sustentarão sem o rei de Congo, nem o gentio de Angola, terem oppressões com elles, que se contentarão com o que Vossa Magestade lhes dá cá para os mandar e não fazer Vossa Magestade mais gasto do que fazia.

Isto houvera de ser logo feito por a muita falta que tem de se fazer esta christandade.

Digo dos padres da Companhia que convem tanto mandal-os por respeito que elles haverão, com sua prudencia, de el-rei de Congo, a quietação de darem a Vossa Magestade as minas de cobre e todas as mais minas que no seu reino tiver; além d'isto faz Vossa Magestade com que estes dois reinos de Congo e Angola cada hora lhe não mandem pedir religiosos, porque elles farão lá collegio e ensinarão aos filhos da terra, com que não haja mister irem d'estes reinos mais padres e gastar Vossa Magestade, como tem gastado com elles, e fazer aquella christandade tão differente do que se tem feito até aqui.

Porque sendo um d'elles bispo, os padres que lá forem e lá estiverem e clerigos, serão differentes e farão seus officios como têm obrigação, e não como até agora têm feito, e se desencarrega Vossa Magestade sua consciencia n'elles, além que o rei de Congo lhes terá differente respeito do que teve aos outros prelados, e farão do dito rei o que a Vossa Magestade convem para se lhe tirar do dito reino os metaes que n'elle tem, sem prejuizo nem gasto da fazenda de Vossa Magestade, sendo por guerras, nem de outra maneira.

(Continúa.)

¹ João Furtado de Mendonça foi nomeado governador por carta regia de 11 de outubro de 1593, chegando a Loanda em 1594 segundo uns, em 1595 segundo outros, e governou até 1602. Segundo um manuscrito, a infeliz expedição do Bengo (Nbengú), realizou-se em 1596, chegando como se vê muito longe.

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 19)

PEIXEI a povoação ás 11 horas, á frente da estranha comitiva, formada dos meus dez bravos de Benguella, dez salteadores do Sambo, e seis virgens escravas do soveta Dumbo. A chuva era torrencial; mas eu, apesar d'isso, segui sempre, tanto me tardava de ver longe a povoação onde passei tão horrível noite.

Quatro horas depois, tendo andado a N. E., fui acampar junto da povoação de Burundoa, completamente molhado e tiritando de frio e febre.

Não aceitei a hospitalidade offerecida pelo chefe da povoação, porque, depois do que se passou na vespera, recordei-me de um bom conselho que me deu Stanley, e protestei não mais em Africa pernoitar em casa de gentio africano.

Vieram ao meu campo muitas raparigas vender capata, milho, fuba e batatas magnificas, em nada inferiores ás da Europa.

A chuva continuava mais moderada, mas persistente, e eu sentia-me muito doente.

Junto do meu campo corria um pequeno riacho, cujas águas iam a um ribeiro affluente do Cubango; são as águas que este ultimo rio recebe mais de Oeste.

Durante a noite houve chuva moderada, mais forte das 4 ás 5 da manhã, hora em que parou. Ha grande abundancia de optimo tabaco n'este paiz, onde me venderam muito e barattissimo. Ali poucos pretos fumam, mas todos chei-

ram tabaco em pó, que preparam torrando a fogo brando o tabaco de fumo, e reduzindo-o a pó no mesmo tubo que lhe serve de caixa, com um pau, especie de mão de almofariz, que a elle anda preso com uma corrêa fina.

Parti ás 7 horas e 40 minutos a N. E., atravessando uma região muito cultivada e muito povoada.

Ás 8 horas e 30 minutos passei junto da grande povoação de Vaneno, e ás 10 parei para descansar junto da aldeia de Moenacuchimba. Segui ás 10 e meia sempre a N. E., ás 11 passei junto da povoação de Chacapombo, muito populosa, e meia hora depois parei perto de Quiaia, a mais importante de todas. O chefe d'esta aldeia veio ao caminho

cumprimentar-me e offerecer-me um grande porco. Dei-lhe em algodão riscado o valor do porco,

e elle retirou-se satisfeito, mandando em seguida muitas cabacas de capata para a minha gente. Segui no mesmo rumo e duas horas depois fui acampar no mato proximo da povoação do Gongo.

Esta ultima parte da marcha d'aquelle dia foi trabalhosa, porque choveu muito, e o vento S. O. era rijo e frio.

Pela tarde chegou um enviado do sova

grande do Sambo, cuja povoação me ficava uns 15 kilometros a N. O., mandando-me pedir alguma coisa, e dizendo-me o portador do recado, que se eu houvera passado á porta do sova, elle



Mulher do Sambo



O meu acampamento entre o Sambo e o Bihé

me daria um boi. Agradei a boa intenção, e resolvi dar-lhe no dia seguinte alguma coisa, receioso que o enviado, se eu o despedisse sem dar nada, influísse nos carregadores a abandonarem-me, o que seria fácil porque já o tinham querido fazer e foi preciso toda a eloquência do Veríssimo para os convencer a seguirem ávante.

O século Capuço, chefe da povoação proxima, mandou-me cumprimentar por tres das suas mulheres (todas feias), e por ellas um presente de uma gallinha e tres cabaças de capata. Mandei-lhe seis covados de riscado e dei algumas misangas ás mulheres. Junto á noite vieram algumas mulheres vender farinha, milho e mandioca.

Usam ellas ali os mais extravagantes penteados, e a carapinha é enfeitada com coral branco e reluz da grande profusão de óleo de ricino, que ellas prodigalisam na sua *toilette*. Os homens do soveta Dumbo eram verdadeiramente insubordinados, querellavam-se com a gente de Benguella, e durante a noite só houve tranquillidade na barraca onde dormiam as seis virgens negras, as minhas gentis carregadoras.

A noite foi tormentosa de chuva e vento. Ao alvorecer o século Capuço veio agradecer os seis covados de riscado que lhe dei, e em logar das tres mulheres feias que me enviou na vespera, trouxe-me um lindo porco e uma gorda gallinha.

O enviado do sova veio receber o presente que lhe tinha prometido, e que foi muito insignificante, sendo como era em troco da intenção de me dar um boi, se eu passasse junto da libata d'elle.

Segui pelas 8 horas, e ás 9 passei junto das povoações de Chacahonha, primeiras da raça (Ganguela) na Africa de Oeste.

Passei o riacho Bomba, cuja margem esquerda segui por dois kilometros, quando os carregadores pousaram as cargas, recusando seguir ávante, e pedindo os seus pagamentos para voltarem. Eu estava a dois kilometros do Cubango, e querendo passar o rio, instei com elles a que andassem mais aquelle curto espaço, e que logo que estivesse na outra margem lhes daria os seus pagamentos e os despediria.

Recusaram-se formalmente, dizendo que eu tinha sido muito offendido na sua libata, pelo soveta Dumbo, e por isso não iam para diante, sendo certo que, logo que eu os tivesse na outra margem do rio, fóra do seu paiz, me vingaria n'elles das offensas recebidas.

Foram baldados os meus esforços e tudo foi eloquência perdida. Recusei-me a pagar-lhes se elles não passassem o Cubango; responderam-me que se retiravam sem pagamento, e logo chamaram as seis raparigas e ordenaram-lhes que os seguissem.

Eu estava no desespero; ali perto era a povoação do Cassoma, e eu vi ser aquillo plano combinado de antemão para me entregarem a elle, que me havia precedido no caminho.

As cargas abandonadas n'aquelle ponto eram cargas perdidas. Calcule-se com que olhos eu vi partirem os carregadores, abandonando-me.

Olhei para as cargas e estremeci de prazer. Sentado em uma d'ellas estava um homem alto e magro, de figura impassivel, com a longa carabina atravessada sobre os joelhos.

Era o século Palanca, que eu havia esquecido. Saltar sobre elle e derrubal-o foi obra de um momento. Mandei-o amarrar de pés e mãos, e dei ordem a Augusto e Manuel que o enforcassem no ramo de uma acacia que se estendia sobre as nossas cabeças. Ao ver que a ordem ia ser cumprida, elle, transido de medo, gritou-me: «Não me mates, os carregadores vão passar o Cubango,» e logo soltou um grito agudo que fez reunir os carregadores já dispersos.

Ordenou-lhes que pegassem nas cargas e seguissem, e elles obedeceram.

Mandei que lhe desamarrassem os pés, e prometti-lhe um tiro na cabeça á menor excitação dos carregadores. Meia hora depois passava o Cubango n'uma bem construida ponte, e acampava na margem esquerda junto das povoações de Chindonga.

Entre o rio e o meu campo ficavam umas minas de ferro, d'onde o gentio extrahe abundante minerio.

Estava finalmente em terras de Moma, e livre dos paizes do Nano, Huambo e Sambo, de que guardarei eterna memoria.

O Cubango corre ali a S. S. E., e tem 35 metros de largo por 2 a 4 de fundo. Fiz observações para determinar a posição e altitude, e logo corri á barraca, porque uma trovoadá vinda de N. N. E. descarregou sobre nós copiosa chuva.

Paguei e despedi os carregadores do Sambo, dando-lhes dois covados de riscado a cada um, que tal tinha sido o ajuste.

Chamei as seis raparigas, e disse-lhes, que a ellas nada daria, porque as mulheres tinham obrigação de trabalhar e não mereciam paga. Ellas retiraram-se tristes, mas achando natural

o meu modo de proceder, tão aviltada é a mulher n'aquelles paizes.

Quando já se mettiam a caminho para voltarem ao Sambo, mandei-as chamar e dei 4 covados do mais brilhante zuarte pintado que possuía a cada uma, e alguns fios de missangas diferentes.

É impossivel descrever o contentamento d'aquellas desgraçadas ao receberem tão valiosa paga. Os homens roiam-se de inveja, e eu convenci-os de que, se não tivessem querido voltar para casa na outra margem do Cubango, lhes pagaria do mesmo modo.

Foi a minha vingança, e ao mesmo tempo proveitosa lição.

N'essa noite veio procurar-me um século da povoação de Chindonga, que me trouxe de presente um porco.

Este século prometeu-me carregadores para o dia seguinte, a um covado de riscado por dia, dizendo-me, que elles só iriam até ao paiz de Caquingue, onde eu facilmente obteria gente para o Bihé.

A minha febre tinha cedido a fortissimas doses de quinino; mas completamente molhado havia tres dias, eu sentia já os primeiros symptomas do terrivel ataque do rheumatismo que depois ia compromettendo a minha viagem.

A noite foi tempestuosa e o dia seguinte continuou chuvoso.

O século veio logo de manhã com os carregadores; mas eu tinha resolvido descansar ali um dia, e por isso convoquei-os para o dia seguinte. Disse-me elle, que os meus companheiros tinham passado na vespera, vindos do Sul.

O século Palanca, do Sambo, continuava bem vigiado, mas livre. Eu na vespera tinha mandado dizer ao soveta Dumbo, que a cabeça do seu amigo me respondia pelas cargas que vinham escoltadas pelo preto Barros, resolução que Palanca achou muito justa e natural, por ser lei do paiz. Talvez o meu procedimento, que eu confesso francamente, me seja censurado, mas eu rogo aos censores, que pensem um pouco na posição de algum, acompanhado só de dez homens, n'um paiz em que tudo lhe é hostil, desde o clima até ao homem. Se eu não professo o principio de que os fins justificam os meios, não sou tambem bastante virtuoso para apresentar uma face á mão que me esbofeteou a outra. Longe das vistas do mundo civilisado, fóra d'esses dois circulos de ferro que apertam a humanidade culta, a que chamam o codigo

penal e as conveniencias sociaes, circulos que, apesar de estreitos, deixam ainda bastante latitude ao crime e á infamia; o explorador de Africa, perdido no meio de povos ignaros, cujos codigos differem essencialmente dos nossos; tendo por unica testemunha dos seus actos a Deus, por unico censor das suas obras a sua consciencia, precisa ter uma força sublime para se conservar honrado e digno, quando muitas vezes as paixões travam no seu intimo uma luta infrene. Por mim o digo, que todas as ovações que me tem dispensado o mundo civilisado, pela felicidade que tive de vencer os obstaculos materiaes no meu caminho, seriam talvez mais justamente applicadas, se se soubesse quantas lutas, e que terriveis lutas sustentei para me vencer a mim mesmo.

Vencer as suas paixões indomitas, vencer os seus habitos materiaes e moraes da vida civilisada, são os dois grandes trabalhos do explorador. Aquelle que o conseguiu, attingirá o seu fim, cumprirá a sua missão.

Eu, no principio da minha viagem, receei muito de mim mesmo.

Tive lutas ingentes, lutas terriveis, por serem surdas e ignoradas, de que sahi sempre vencedor. O meu genio indomito teve de ceder á vontade inquebrantavel, e na falta de tempo para escrever um codigo, tomei um que accomodei ao meu uso. Os meus principios foram os do direito natural; a minha lei, curta mas optima, resumiu-se nos dez preceitos do Decalogo.

Não se julgue que quero fazer jus á canonição, nem mesmo que pretendo ter seguido á risca os preceitos gravados no vigésimo capitulo do livro sublime do Exodo, de certo o mais bello do Pentateuco; mas fiz o que pude para não me afastar muito d'elles, e fiz bem.

Esta divagação fica aqui, não como narrativa de aguas passadas, mas como conselho a exploradores futuros, que não sejam missionarios, que a esses Deus me defenda de fallar em materia da sua competencia.

É verdade que eu encontrei alguns em Africa que me fizeram lembrar o velho rifão: «Em casa de ferreiro, espeto de pau.»

Passemos adiante.

Durante o dia vieram muitas pretas vender alimentos, e entre outras coisas vulgares, trouxeram uma mui extraordinaria.

Era uma grande cesta cheia de lagartas, mui semelhantes ás do *Acherontia Atropos*, e da mesma grandeza. Este gigantesco Lepidoptero

no seu primeiro estado vive nas gramineas, e é facil ali colher grande provisào. Os Ganguelas são avidos de tal manjar, que os meus pretos recusaram.

No dia seguinte, logo de manhã, vieram offercer-se muitos mais carregadores, que recusei, por me serem inuteis.

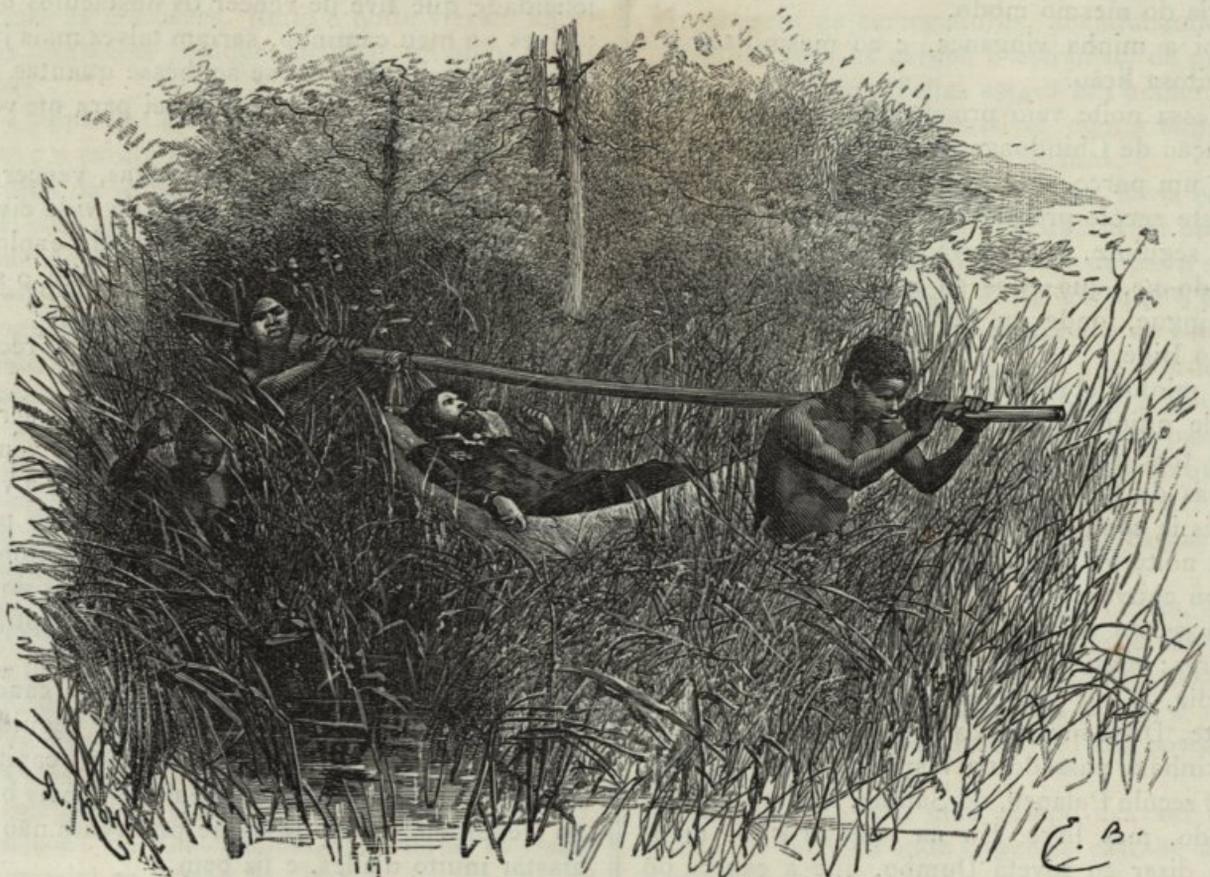
Parti depois das 10 horas, hora a que a chuva abrandou. No momento da sahida quebrei os meus óculos, que usava desde Lisboa. Andei a N. E., e cinco horas depois, acampava na mar-

gem esquerda do rio Cutato das Ganguelas, rio que passei em umas alpondras sobre uma pequena catarata.

No caminho passei um pequeno ribeiro, chamado Chimbuicoque, affluente do Cutato.

O rio corre n'aquelle ponto a lèste, voltando em seguida ao N., e depois pelo lèste para o sul. Este S gigantesco é uma serie de rapidos, em que o rio se precipita com fragor enorme, por sobre as rochas de granito que formam o seu leito.

No sitio das alpondras naturaes, mede 80 me-

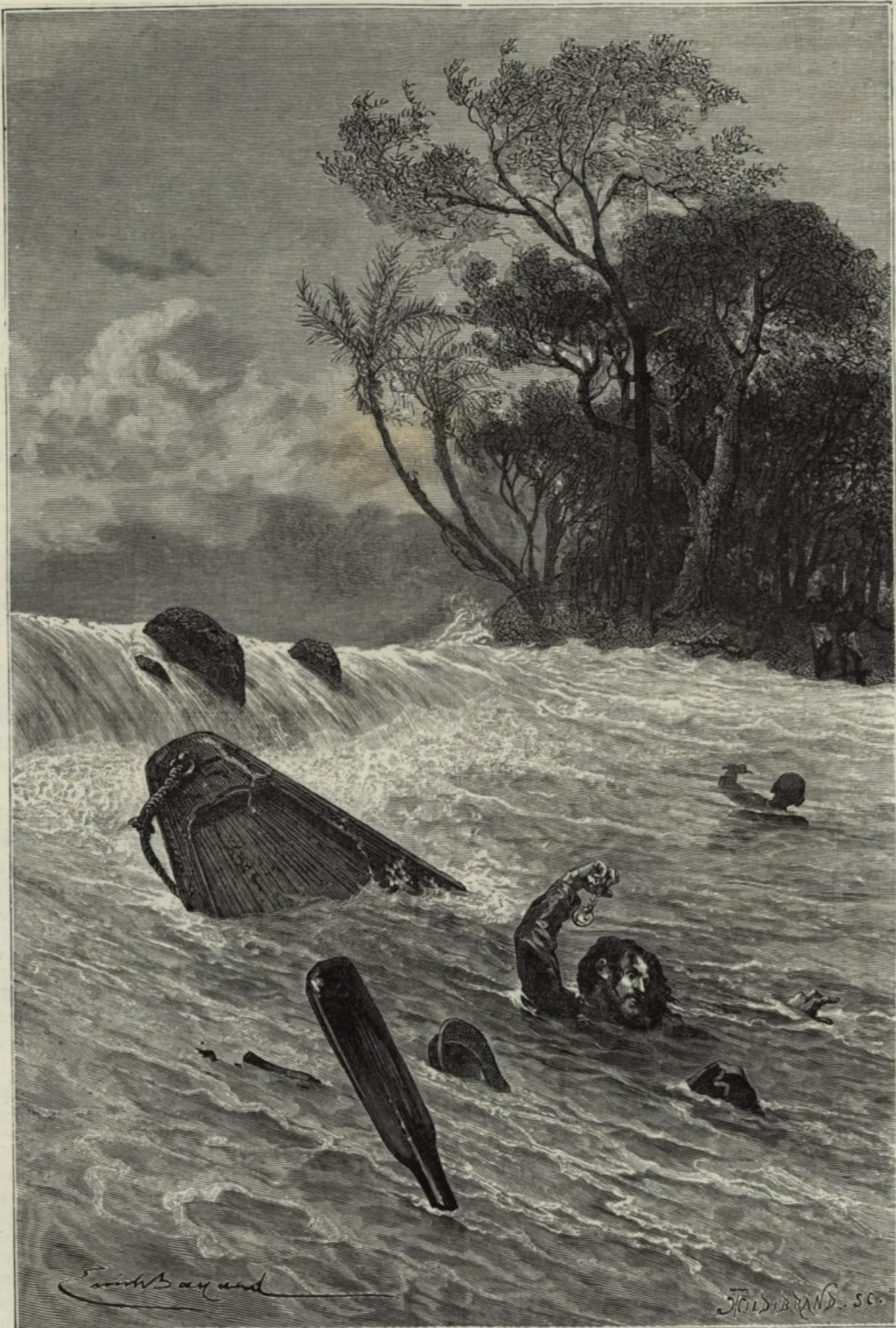


NO PANTANO—Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

tros de largo, e a montante e jusante 27 metros com 4 a 5 de fundo. Vae affluir ao Cubango, dizem os naturaes que quinze dias de caminho ao sul d'este ponto.

A margem direita é occupada pelas plantações da povoação de Moma, que occupam um espaço que avalei em mais de mil hectares de terreno. São as maiores que tenho visto em Africa. A cultura entre estes povos consiste principalmente em milho, feijão e batata, mas o que mais se vê são campos de milho. Antes de chegar ás plantações, atravessei uma floresta de acacias enormes, de surpreendente belleza. O

aspecto das margens do Cutato é muito original. Onde termina o granito do leito do rio começa um solo de formação termitica, e o terreno coberto de milhares de monticulos, uns cultivados, outros cobertos de vegetação silvestre, todos ligados, formando como que systemas de montanhas, ferem a vista, admirada ao contemplar um tão estranho systema orographico artificial. Marquei a grande povoação de Moma, tres kilometros a O. S. O., e depois de ter determinado a altitude do rio ali, retirei-me, molhado da incessante chuva, e atacado de novo accesso de febre.



A NADO — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

Os ameaços de rheumatismo continuavam. Durante a noite a chuva foi torrencial, e como sempre, dormi molhado, porque, n'esta epoca do anno, as gramineas de que cobria a minha barraca improvisada, não tinham mais comprimento que 50 centímetros, e com herva tão curta é difficil, senão impossível, vedar a agua em uma barraca.

A chuva só abrandou no dia seguinte ao meio dia, e eu, apesar de abrasado em febre, segui ás 2 horas, tinha 144 pulsações.

Caminhei a pé, por me ser impossível seguir-me a cavallo no boi; mas, depois de uma hora de marcha, as pernas recusavam-se a continuar. Acampeí. Os meus pretos e os proprios carregadores Ganguelas dispensavam-me os maiores cuidados.

O lugar em que acampeí foi junto de umas povoações a que chamam Lamupas, por estarem perto das cachoeiras do rio, que em lingua do paiz tem o nome de *Mupas*.

É lugar muito povoado e muito cultivado, sendo estes povos grandes cultivadores.

Encontrei no caminho algumas sepulturas de séculos, que são cobertas de barro, com uma fôrma semelhando algumas da Europa. Estas sepulturas são cobertas por um alpendre de colmo, e são sempre debaixo de uma arvore grande.

Sobre ellas vi cacos de pratos e panellas, que ali são depostos pelos parentes do defunto, como nós depomos nos tumulos das pessoas queridas, as saudades e as perpetuas.

(Continúa.)

SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 19)

PU MÉRIL aponta este costume na *Festa de Diou*, ou a procissão de Corpus na Provença, d'onde esta procissão foi introduzida em Portugal no tempo de D. Diniz; mas a generalidade d'esta representação do cavallo na Europa, prova a sua origem mythica, como acima explicámos, aproximando da phrase vulgar *Val de Cavallinhos* a de *Cavallinhos Fuscos*, por onde se chega á sua decadencia em superstição. Du Méril, diz que se lhe chama *Bidoche* no departamento de Orne, *Cheval-Mallet*, no Loire Inferior; *Cheval-fug* no Allier; *Cheval-fol*, em Lyon; *Chiavoux-frux*, no Meio Dia; *Godon*, em Orleans; *Cheval-godin*, em Namur; *Algodon*, em Hespanha; *Chinchin*, em Mons, por causa dos guisos; *Chevallet* em quasi toda a França, e *Caballet* na Catalunha; em Inglaterra *Hobby-horse*, e *Schlittenpferd* na Allemanha; Du Méril estende a sua investigação até á China e Mexico, e n'este caso o mytho deve-se julgar como tendo passado dos povos mongolicos para os áricos por meio dos ramos scytha e getico, verdadeiros elos de transição entre estas duas grandes raças. Segundo as auctoridades de Kuhn, Schwartz, Jacob Grimm e Simrock, que fallam d'este mesmo costume allemão na quarta feira de cinza, pentecostes e natal, o sr. Ad. Coelho crê que o *Shimmel*, o analogo ao nosso *Cavallinho-fusco* «é o re-

presentante do antigo cavallo do sacrificio.»¹ Por fôrma nenhuma este costume é de origem celtica, romana ou germanica, mas preexistente na raça d'onde estes povos se destacaram, cujo estado se pode deduzir dos ramos mais atrazados, como o scytha e o geta, onde este uso se acha na sua fôrma completa e real, ainda relacionado com o *Val de Cavallinhos*. D. Francisco Manoel de Mello, nos *Apologos dialogaes*, allude a esta superstição separada ou decahida da importancia mythica: «Em dia claro roubava, fazei conta, como em *val de cavallinhos*.» (p. 70.) E tambem: «tirar o chapéo á cruz do *Val de Cavallinhos*.» (p. 137.) Em Coimbra é ainda vulgar a locação: *ir vêr os cavallinhos fuscos*, ultimo vestigio do giro processional do cavallo branco do mytho primitivo.

O nome de *Godon*, em Orleans, e *cheval-godin* em Namur, reporta-nos á proveniencia ger-

¹ *Hyssope*, ed. Castro e Irmão, p. 442. — Não crêmos n'esta interpretação; seguimos a opinião de que é o *cavallo magico*, tal como se comprehende com o Bayard na floresta das Ardenas; o nome de *cheval-fux*, (Allier) *cheval-fol*, (Lyon) e *chiavoux-frux*, relaciona-se com o epitheto de *Falke* dado ao cavallo do heroe germanico o scandinavo Dietrich, o falcão. (Gubernatis, op. cit. 1, 361.) Na tradição portugueza temos o cavallo magico *Pardallo*, citado no Nobiliario, e na litteratura medieval, o cavallo *Fauvel*.